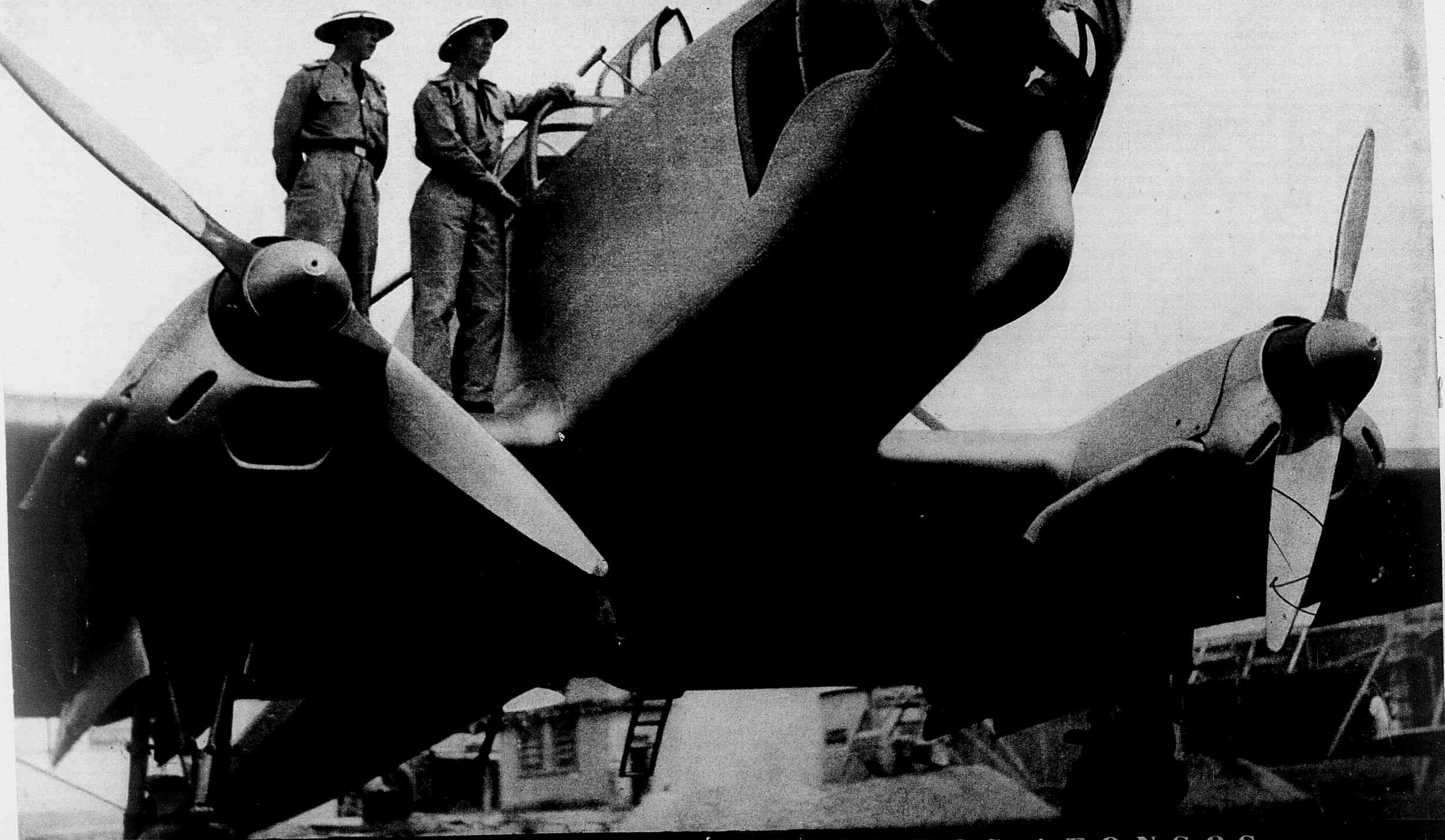


Revista da Semana

Ano XLIII --- N°. 43
24 de Outubro de 1942
1\$500 em todo
o Brasil.



A ESCOLA DE AERONÁUTICA DOS AFONSOS
-- reportagem no texto

UMA NOVA CREADORA DE ELEGANCIAS

Os pequeninos chapéus,
os cigarros, os "clips"
e as mangas de
Mrs. LESLIE MORRIS



Mrs. Leslie Morris, oficialmente, ou Leslie apenas em sua vida profissional, é uma das mais recentes e mais importantes aquisições de Hollywood. Seu nome não é dos que aparecem nos letreiros luminosos nem nos cartazes de propaganda, mas de algum tempo para cá é uma das principais responsáveis pela sedução das maravilhosas "glamours" que a RKO apresenta ao público e cujos vestidos são copiados pelas mulheres das cinco partes do mundo. E é exatamente a responsabilidade desses vestidos que cabe a Leslie, essa admirável figurinista que Hollywood roubou à Quinta Avenida, onde foi durante quinze anos creadora de modelos na casa Bergdorf Goodman's, uma das mais célebres de Nova York e do mundo inteiro. Mas Leslie não é das que aconselham: "Faz o que eu digo e não faça o que eu faço", ela própria apresenta-se sempre como um perfeito modelo vivo, que poderia comparecer a qualquer desfile de elegância com grande vantagem sobre a maioria.

Entre os modelos de verão desenhados para ela própria, Leslie oferece às nossas leitoras um conjunto de tarde em seda azul marinho e branca com grande *jabot* de renda de seda azul marinho e um "tailleur" de "shantung" natural, sem bolsos, segundo as regras do racionamento. Devemos observar alguns detalhes pessoais na elegância de Leslie Morris; primeiro: ela adora os chapéus pequeninos colocados no alto da cabeça, que são realmente encantadores e além disso auxiliam ao máximo o racionamento de material; segundo: seus *clips* são maravilhosos e ela possui uma quantidade infinita em ouro e prata com pedras de cores que combinem com os vestidos (podemos usar as imitações); terceiro: apesar de obedecer ao racionamento dos tecidos, não crê no do fumo e por isso fuma constantemente e como nos tempos normais, sem empregar pitceira para aproveitamento dos tocos; quarto: um detalhe interessante em seus vestidos é o dos punhos dobrados dispostamente e deixando o pulso descoberto.

Gibraltar, o Sultão e o enigma da Espanha

Por **De Mattos Pinto**

O Canal de Suez e o Estreito de Gibraltar fecham o Mediterrâneo, cortando a navegação marítima entre o Atlântico e o Oceano Índico. A conquista dessas

duas passagens traz ao jugo militar, as raças da Síria, Egito, Tunísia, Argélia e Marrocos, sob o poder dos exércitos ingleses e franceses. Se a Espanha resistiu até agora à sedução de entrar na guerra, isso se deve ao temor do Sultão, o homem misterioso do Islam, com influência fanática sobre as hostes mais guerreiras. Da sua lealdade depende a ressurreição da França, como potência colonial, bem como a invasão nazista de Tanger, Oran e Dakar. O Sultão de Marrocos detém a aventura espanhola em Tanger, a cidade fortificada que enfrenta Gibraltar. Para distinguir as forças obscuras, que baralham a política euro-africana, observemos a paisagem muçulmana de Suez e Tanger.

O Mediterrâneo separa os continentes e impugna as civilizações. Passando Gibraltar, esvae-se o ambiente europeu. Um novo mundo, não por ser recente, ao contrário vem de longe, mas porque nos coloca diante de inéditas sensações, de aspectos dissemelhantes à nossa cenestesia social, fere os olhos, atordoa os sentidos, desarticula o espírito nas suas visões objetivas, nos estados íntimos, nos seus encadeamentos racionais. Tanger, a profana de mil fisionomias, debruça-se sobre o Mediterrâneo, ostentando na verdura dos seus jardins, uma poesia oriental única na África, a que o islamismo dos minaretes empresta uma mística irreconciliável com a Europa. O seu vento sopra o rumor de todos os povos. As sinagogas, as mesquitas, a baía em anfiteatro, que viu fragatas corsárias e velas mercantes, tantos barcos de pescadores e tantas galeras, a muralha em ruína, as portas majestosas e barbaras, contam na sua impassibilidade, o romance antigo e a novela recente, que os godos e os romanos, os árabes e os espanhóis, desencadearam com os seus guerreiros e as suas frotas. Aí pousou a diplomacia europeia acompanhada de reivindicações estratégicas. Com as legações e os estandartes ocidentais, a cidade tomou uma fisionomia internacional, variegante, repleta de episódios, cuja perpetua agitação contrasta com o fundo imutável das criaturas, que aí se entrecruzam. Nos becos e vielas, passeia o espanhol, corre o negro, anveja o mouro, transitam o inglês e o francês, que passam lado a lado, de outras variedades étnicas, o berbere violento, o mercantil israelita, o árabe majestoso. Entre lépidos, brutos, quase animalescos, batem em criaturas vagarosas, indolentes, absortas, que parecem sombras. Quem aí chega, vê logo na multidão das raças e das crenças, que se entrechocam sem nenhuma esperança de fusão, que vive numa região oriental, onde a Europa apenas tocou a superfície, com a superioridade dos armamentos. As sinagogas vivem tão distantes dos minaretes, como os consulados do Riff. Aí o povo mutilava os criminosos e venerava os loucos. Todos os que a visitaram falam de um modo tristemente decorativo das suas ruas, que nem merecem esse nome, porque estreitas e tortuosas, mais se assemelham a um amontoado

de becos enroscados uns nos outros, cruzados e baralhados. Pensamos, às vezes, que Dedalo nasceu marroquino e que traçou o seu Labirinto na praia do Islam, não na ilha de Creta. Na cidade dos corredores, assim se poderia apelidar Tanger, a população vive e morre como pode. Há pessoas quase deitadas nas ruas, agachadas aos muros, outras há sentadas à portinhola das casas, verdadeiras tocas, tão quietas e desoladas, à luz do sol, que vacilamos em incluí-los no número dos vivos. Com a sua diversidade de povos e a sua policromia de tradições, que falam de eras distantes, mais se percebe a infusibilidade das raças. Tipos de todas as espécies, os mais altos e os mais inferiores, os mais puros e os mais caóticos, transitam do Riff ao Mediterrâneo, de Tanger a Fez, compondo um mosaico de idiomas e de crenças, cuja história se complica sempre, transforma-se e deforma-se, à proporção que as potências interveem.

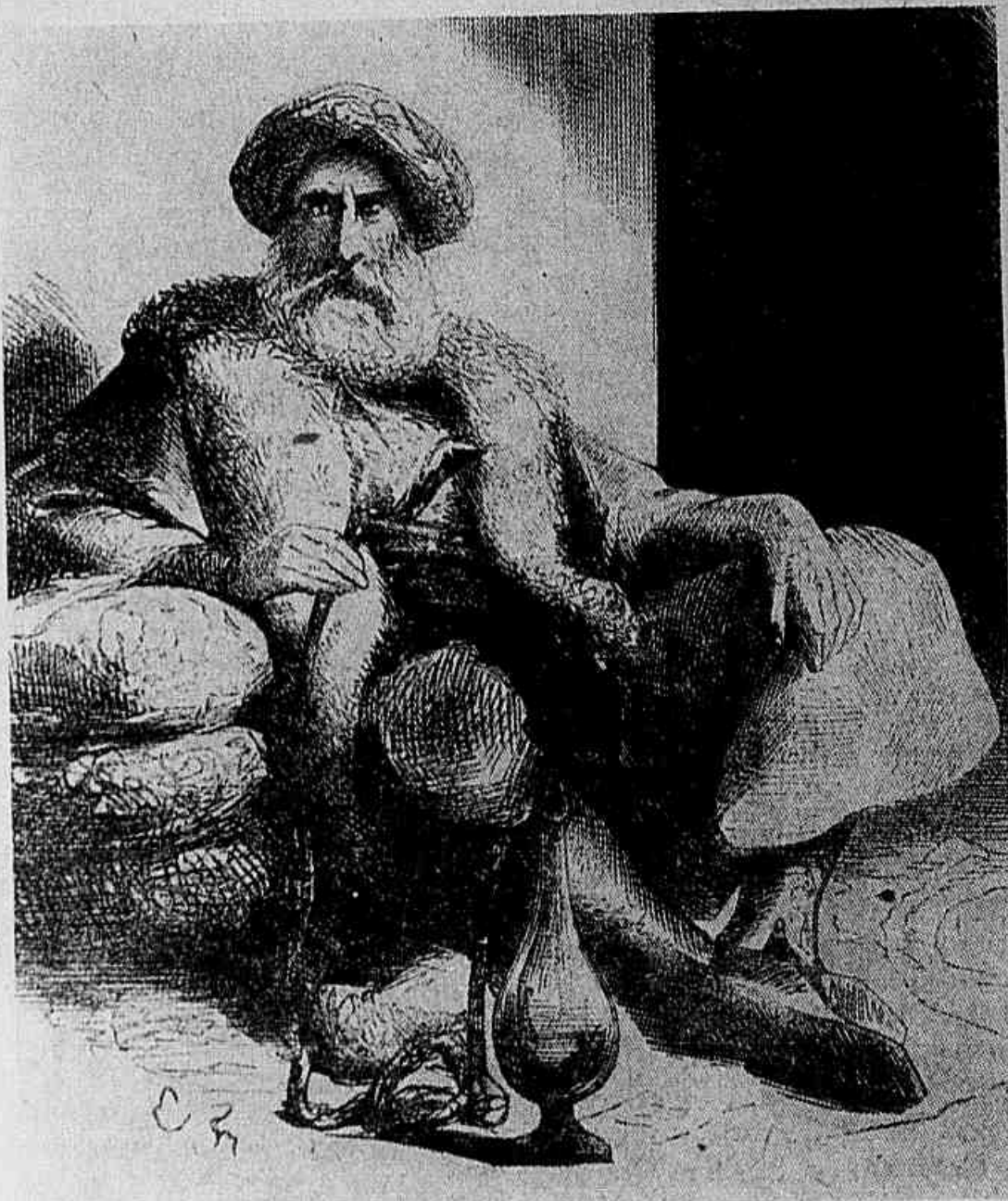
Em Tanger, um colecionador de cabeças encontraria exemplares de todas as expressões, que o temperamento e as paixões podem imprimir à face. Nem só as religiões e as línguas se baralham. Com elas, vemos desfilar crânios redondos e assimétricos, altas e fugidias testas, mentos longos e curtos. Tanger, que os Romanos denominavam "Tangis", que os Árabes chamam "Tandja", sobressai entre as outras pela sua balburdia de raças e a sua disformidade de paixões. Nessa cidade sordida e pitoresca, só a alvura das casas lança uma luz de graça e de alegria. A propósito da etimologia de "Tanger" Oskar Lenz ouviu contar uma lenda interessante. Quando Noé vogava na Arca e aguardava a terra firme, chegou um corvo com um pouco de argila

no bico. Gritou Noé: — Tendjál! Isso significaria: — A terra vem! Eis a origem bíblica da cidade profana de Marrocos.

Historicamente, podemos situar a sua existência, na alta antiguidade, pois os fenícios fizeram dela uma feitoria. Acredita-se que houve um certo lugar primitivo, com o nome de "Tingis", ou "Tangis", que se estendeu a toda a cidade. Augusto concedeu-lhe a regalia de Cidade Livre. Cláudio e Calígula transformaram-na em colônia do Império Romano. No ano 42, Cláudio dividiu-a em duas províncias com a designação de "Mauritania Caesariensis" ou "Mauritania Tingitana" sendo Tanger, a capital dessa colônia romana em Marrocos. Depois da denominação romana, conquistaram-na os godos. Afinal vieram os árabes, que explicaram a etimologia de Tanger pela lenda de Noé. Os portugueses transformaram "Tandja" em "Tanger", hoje a cidade internacional que enfrenta Gibraltar.

Sonolenta há séculos, a alma muçulmana conserva com potencialidade toda a sua fúria por Allah. Mais além, afastada da praia do Mediterrâneo, no recesso marroquino vive a oposição de Tanger, a profana, cosmopolita, a internacional. O islamismo se recolheu em Fez, que se tornou a Cidade Santa da África de onde o Sultão domina as suas cortes. Imóvel na sua antiguidade, ama as suas ruínas e adora as suas recordações, com um ciúme que vai até ao fanatismo, com uma exaltação que leva à barbárie. Os extremos da sua religiosidade fizeram os historiadores equiparar a Jerusalém e a Roma. Sulcada pelo Vad-el-Ginhari, o Rio das Perolas, que a divide em duas partes, possui jardins idílicos, deliciosos pomares e bosques aprazíveis.

A antiguidade de Fez contrasta ainda mais com Tanger. Meio morta e meio viva, recordando Jerusalém pelos seus crepúsculos, lembrando Roma pelo seu antigo poder de irradiação, teima em desafiar o porvir, fazendo-se inacessível à Europa. Meca africana, toda ela rescende à voz de Mahomet. A história não registrou uma data certa para o nascimento de Fez. Dão-lhe os anos de 793 e 807 como sendo a era da sua fundação. Quizeram fixá-la no calendário e disseram que começou a ser construída no dia 3 de Fevereiro de 808, na margem do Vad-el-Ginhari, o Rio das Perolas. A lenda envolve a sua origem de tal modo, que não se sabe onde acaba o mito e onde começa a história. No século VIII, depois de uma batalha infeliz, refugiou-se no Vale de Maghreb, o príncipe Edris-ebn-Abd-Alhah. Viveu dias solitários e puros, de ideal contemplação, que o enobreceu entre os homens. A santidade da sua vida fascinou os berberes, que o elegeram chefe supremo das tribus. Com as armas nas mãos e o Islam no espírito venceu outras raças e ampliou o seu império. A sua glória despertou inveja em Haroun-al-Raschid, que o envenenou. Os berberes elegeram como novo chefe, o filho Edris-ebn-Edris, sob cujo sultanado nasceu o Império de Marrocos. De onde veio o nome Fez? Edmondo de Amicis, que atravessou o território marroquino, passou em Tanger e sentiu diante do Rio das Perolas, assombro e piedade, maravilha e tristeza, recolheu algumas versões. Nos trabalhos da fundação da cidade, encontraram um enorme machado e como esse instrumento se



Tipo muçulmano, muito comum em Tanger e Fez, cujo domínio a Espanha ambiciona.

designa em árabe por "fez", deram-lhe essa denominação. A isso acrescentam alguns que não se trata de um machado descoberto nas escavações, mas de um machado de ouro e prata, oferecido a Edris-ebn-Edris. Como recordação da homenagem, o príncipe chamou a cidade "Fez". Contam, entretanto, que Edris resolveu que se desse o nome do primeiro transeunte, visto à margem do Rio das Perolas. Passou um homem e atendia por "Farés", mas sendo gago emitiu "Fez" e ficou essa designação. Sobre essas versões predomina uma lenda mais alta e mais distante, que alega ter existido no vale de Maghreb, uma cidade florescente, que subsistiu durante mil e oitocentos anos e desapareceu antes do advento do Islam. Chamava-se "Zef". O príncipe Edris inverteu e obteve "Fez". Que dizer mais? Para outros, "Fez" vem de "Fás", como pronunciavam os Árabes e significava "ouro". Hoje quer dizer "eminência", que se pode tomar como "pico", ou simbolicamente como "dignidade". A lenda da sua origem parece ter sido inventada, para justificar o esplendor de Fez, como a rainha das cidades do Império de Marrocos. Aí, inacessível no seu fastígio arcaico, reside o Sultão, para quem se voltam os olhares de Petain e de Hitler, de Franco e de De Gaulle, de Churchill e de Mussolini. Comanda as raças mais belicosas do Norte da África, podendo decidir do futuro de Gibraltar, na tentativa da invasão totalitária em Tanger, com o auxílio da Espanha. Do homem misterioso do Islam e da sua lealdade dependem a sobrevivência da França no Norte da África, a entrada da Espanha na guerra e a invulnerabilidade do império colonial da Inglaterra.

OUTROS RIRAM...

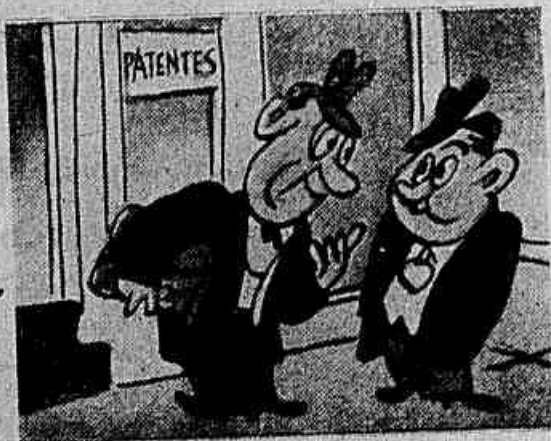


— Não neguem, que eu ouvi! Julgando-me já morto, estavam discutindo as partilhas.
— Não, senhor, querido tio! O que discutíamos era apenas o preço do enterro!

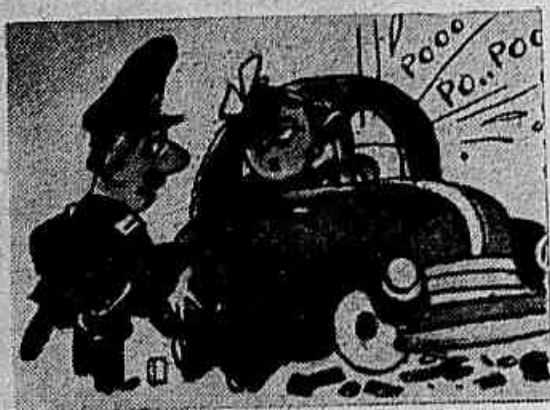


— Precisa de se levantar às seis horas, o mais tardar, e acender o fogão. Para isso aqui tem esse despertador.

— Mas... O senhor desculpe... Eu não sei acender o fogão com um despertador.



— Acabo de tirar patente duma invenção que vai fazer um barulho enorme.
— De que se trata?
— Dum motor silencioso.



— Mas por que é que a senhora toca a busina dessa maneira?

— Para não ouvir as pragas de meu marido que está consertando o carro.



A viúva do homem célebre — A cabeça não está má... O resto é que me parece... assim meio futurista...



— Na tua idade, já eu tinha começado a fazer fortuna.

— E nem imagina como lhe agradeço, papai!



— Admiro imensamente os que enriquecem com o seu trabalho.

— Pois eu admiro muito mais os que enriquecem sem trabalhar.



— Com que então, vai ser empresário teatral... E que gênero tencionas explorar?

— O gênero humano.



— Ainda ontem o Gonçalves me dizia que tudo deve à mulher.

— Mas é mentira.

— Por que?

— Porque a mim também me deve. E nada menos de cem mil réis!



— Ora, vamos a saber: Que é que a senhora tem?

— Mas, doutor! Foi justamente para que m'o dissesse que eu o mandei chamar!



— Como é que você se foi apaixonar por essa viúva? E velha de mais a mais! Não lhe vejo nenhum atrativo...

— Nem eu. O atrativo está no banco.



Ela — Andam dizendo por aí que casaste comigo por eu ter mil contos...

Ele — Mentira! Casaria do mesmo modo, se tivesses dois ou três mil.



...O SEU SABOR REFRESCANTE E'

Delicioso

Escovar os dentes deixa de ser uma obrigação para tornar-se um prazer quando se usa o delicioso e estimulante Creme Dental Squibb. Experimente a agradável diferença e sinta, de fato, uma sensação de sadio bem-estar. O Creme Dental Squibb limpa bem os dentes, sem prejudicá-los. Na sua composição científica não entram substâncias raspantes ou adstringentes, nem sabão.

Contém um eficaz anti-ácido que, ao entrar em contacto com as bactérias na boca, ajuda a neutralizar a acidez por elas provocada. Preparado com a cooperação de odontologistas, com o objetivo de manter, no lar, um eficiente colaborador dos cuidados profissionais do dentista, proteger os seus dentes e evitar as cáries. Compre um tubo hoje mesmo.

Creme Dental SQUIBB

...O DENTIFRÍCIO ANTI-ÁCIDO

ESCOVA *ANGLE* SQUIBB

Cientificamente construída e recurvada da maneira mais adequada para atingir, por igual, os interstícios e as superfícies de todos os dentes.



Numeros atrasados desta revista
no Distrito Federal

Procurar á Rua Maranguape, 15 -- Telefone 22-2550

O ESTETA

Conto do escritor russo Korfiz Holm

— O que me vens dizer é coisa séria? perguntou ele, inquieto e um tanto agastado — Trazes uma cara tão amargurada... Nem sei se te devo escutar. Conheces a minha aversão pelas notícias desagradáveis... Precisava hoje, como nunca, de calma, de bom humor... Ha dois dias não consigo fazer coisa que preste. Oh, não sou desses artistas, esses pseudo-artistas que trabalham quando querem ou lhes convém. Em mim, cada minuto de boa disposição vale mais que a vida inteira de qualquer outro pintor!

Pelos lábios da recém-chegada passou um frémito doloroso que ela quiz esconder, baixando o rosto para o peito... Para lhe auxiliar o disfarce, o artista olhou para o outro lado. E foi num tom forçadamente jovial que ela se desculpou:

— Perdoa, meu bem... Simples tolice minha. Ando nervosa, qualquer coisa me parece uma tragédia... Mas, refletindo bem, talvez não seja nada de grave. Acabou-se, não se fala mais nisso!

E terminou com uma risadinha de tão falsa alegria que o artista tapou os ouvidos, irritado. — Sônia, se imaginasses como me perturbam, me transformam esses fingimentos!... Escuta: Se não podes rir deveras, antes chores logo duma vez!

Sônia não respondeu. Para conter as lágrimas precisava de não falar, não se mover, toda entregue ao esforço de dominar a sua comoção.

O artista tomou-lhe o braço e levou-a até diante do cavalete:

— Escuta... Encontrei hoje a idéia do meu quadro, a idéia que ha tanto tempo procurava... E indicava com o dedo o desenvolvimento dum desenho desordenado, convulso, que a esposa olhava sem compreender e que no entanto a maravilhava.

— Estás vendo? continuou ele, num tom de voz insinuante, dominador — Aqui, a confusão, a angústia, toda a miséria humana... Depois tudo se acalma e harmoniza: luminosidade, limpidez perfeita. A claridade triunfa. E' a vitória da beleza. Eis o que sinto em mim; o título que darei ao meu quadro: a Vitória da Beleza! E eis a miséria humana para sempre vencida!

Os olhos de Sônia brilhavam de emoção. Embora ainda em esboço, fascinava-a aquele quadro que havia de colocar o seu amado entre os maiores, mais insígnies artistas na admiração do mundo. Até então o mundo ignorava aquele talento privilegiado; ela, porém, só ela talvez o conhecia devidamente — e por isso o adorava.

— Mas as ultimas palavras do artista, sobre a derrota definitiva da miséria humana, fizeram que ela de repente voltasse a sentir a sua própria miséria. E um suspiro lhe veio do fundo da alma atormentada.

— Em que pensas? interrogou ele, severamente. — Estou te mostrando a minha obra e tu... Decididamente, o gênio dos artistas como eu viverá sempre na solidão e no abandono!

— Não, querido, não fales assim! protestou ela, com infinita ternura. — Mas é que... Ando esquisita... Não sei o que tenho...

— Não irás, em todo o caso, ficar doente, agora que eu tanto preciso de sossego e alegria. E doente de que? Por que? Queres saber duma coisa? Estragaste-me o dia. Já não "vejo" o meu quadro. Não vejo mais nada! Mas o silêncio de Sônia, silêncio em que havia agora um princípio de revolta e de acusação, obrigou-o a tomar outra atitude e a usar outro tom: — Afinal, que me vinhas tu dizer ha pouco? Fala francamente!

— Sim... respondeu ela, erguendo a cabeça. — Tenho que t'lo dizer, é forçoso...

— Trata-se de dinheiro, não? adiantou ele, impaciente.

— Justamente. O senhorio exige o aluguel; os fornecedores declaram que não podem fiar mais coisa alguma. Já vendi ou empeñei o que podia. Não tenho mais nada! Não sei que fazer nem para onde me voltar...

O artista fitou os olhos no chão:

— Não precisavas de me fazer sentir que temos vivido até hoje à tua custa...

E o seu rosto assumiu uma expressão rancorosa.

— Meu bem... gemeu ela doloridamente.

Então o artista cruzou os braços como num desafio:

— E afinal? Que queres tu que eu faça?

— Se escrevesse a teu pai...

— Nunca! Não posso!

Sônia tornou a calar-se. Houve um silêncio lúgubre.

— Sônia... murmurou ele, tomando-lhe a mão que sentiu fria e mole dentro da sua — escreve-lhe tu mais uma vez...

— Mas eu é que não posso, querido! Já lhe mandei duas cartas. A' primeira respondeu que não precisava de intermediários para se entender com seu filho; á segunda nem respondeu. Ao passo que tu...

— Impossível! Impossível! Depois, escrever, neste caso, não adianta... — E em voz humilde, suplicante: — Só uma coisa daria resultado... Se tu lá fosses...

— Osvaldo! bradou ela, indignada. — Não exijas semelhante humilhação... inútil de mais a mais! Nunca a tua família quis saber de mim. Para que expor-me a mais uma repulsa e a ainda maior desprezo? Oh, não! Já fiz tudo o que devia, tudo o que podia fazer!

— Está bem... replicou o artista com evidente ironia. — Não vale a pena continuares a sacrificar-te. Mais um pintor ou menos neste mundo não faz realmente diferença. Qualquer dia, deito-me a afogar e ficarei sossegada, livre de mim...

Sônia cravou nele os olhos cheios de horror. Espantado daquela fixidez, aquela imobilidade, Osvaldo quiz acrescentar alguma coisa. Ela, porém, invadida dum sentimento estranho exclamou:

— Não! Sou eu que te vou deixar em paz!

E saiu em movimentos desordenados.

— Como eu defesto estas cenas! murmurou o artista — Depois, um tanto receioso: — Nunca a vi assim...

Aproximou-se do cavalete, passou a lamentar a perda da energia laboriosa, do entusiasmo criador que ha pouco sentia... E concluiu:

— Ela se acalmará... São coisas que se dizem mas não se fazem.

Nisto, duas deftonações, uma queda surda no soalho... Depois, silêncio. Osvaldo ficou um momento como petrificado. Mas, subitamente possuído de terror, lançou-se para fora do apartamento, foi bater á porta do médico que morava no andar de baixo.

Quando o facultativo saiu do quarto onde a pobre Sônia puzera termo á vida, Osvaldo estava encolhido ao canto mais afastado do corredor.

— Morta? perguntou o artista.

O médico fez um sinal de cabeça e depois perguntou:

— Não quer vê-la?

— Não, não, impossível! respondeu Osvaldo, estendendo os braços e sacudindo-os como para afastar uma imagem aterradora. — Sou tão sensível... Que horror! Nem me posso demorar um momento mais nesta casa! Nem nesta cidade! Doutor, peço-lhe que fique com a chave, até que chegue o meu amigo Wirekau. Vou chamá-lo. Ele não tardará a vir e tudo arranjará por mim!

Um sorriso singular, que não era propriamente um sorriso, se desenhcou nos lábios delgados do doutor.

Duas horas depois, Osvaldo, acomodado num vagão de estrada de ferro, dirigia-se á cidade natal. Uma visão patética o acompanhava. Era Sônia, pálida como nunca e sangrando da fronte... O artista sentiu-se acometido duma pena imensa. Mas era pena de si mesmo. Vieram-lhe de repente as lágrimas e longamente chorou o seu infortúnio. Depois acalmou-se, passou a refletir. Pensou na cidade que o esperava, na sua família, no pai, tão severo... Nas condições, porém, em que ia chegar, o pai se abrandaria! E lá estava a mãe, como sempre cheia de benevolência, para o consolar, o reconfortar.

Os seus pensamentos foram mais longe. Sofria muito, era certo, mas saberia dominar a sua máguia, aplicando-a á sua arte. Via novamente o "seu" quadro e agora mais vasto, mais belo, em tudo maior e melhor. Agora, sim, ia ser um artista completo, purificado. Sublimado pela dor! Um suspiro libertador lhe alteou o peito. O artista atirou bem para trás de si o passado, aquele cadáver no apartamento do quarto andar, todas as agruras, todas as dúvidas e considerou o futuro que já se lhe apresentava resplandecente de grandeza e de glória.

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

E' esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

• **Regulador Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

A NOSSA CAPA

Ilustra a capa deste número da REVISTA DA SEMANA uma fotografia colhida especialmente para a reportagem sobre a formação de cadetes de aeronautica que inserimos neste numero. Essa reportagem, profusamente ilustrada é, acreditamos, a primeira que se faz no Brasil em torno da preparação dos nossos aviadores militares. A foto que escolhemos para a capa mostra um avião de bombardeio Folk-Wulf, modelo alemão cuja patente foi comprada pelo Brasil. Esse aparelho é de construção de nossas oficinas do Galeão e está servindo para instrução de bombardeio e fotografia dos alunos do terceiro ano da Escola. A foto é de autoria de Arnaldo Vieira.



REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — 63\$000; seis meses — 32\$000.

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — 80\$000; seis meses — 40\$000.

Registrada: Um ano — 170\$000; seis meses — 90\$000.

O número avulso custa 1\$500 em qualquer parte do país; o número atrasado: 2\$000.

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço Telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro.

Telefones — Direção: 22-2622; Gerencia: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570;

Fotografia: 22-1012; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866.

Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional.

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques, No Urugual: Moratori & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo.

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 44 PAGINAS

— Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito —

Sucursal na Argentina: INTER-PRENSA — Florida 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — B. Aires.

Revisada Semanal

Santos e Efemérides da Semana

OUTUBRO

24 SÃO MAGLORIO. — Bispo de Dol, na Bretanha. Deixando o episcopado, recolheu-se à solidão, onde levou uma vida de penitência até morrer, em 586.

— **SANTA MAXENCIA.** — Filha de um rei da Escócia. Virgem e mártir, sacrificada em 730.

— Falece no Rio de Janeiro o brigadeiro Manoel Ferreira de Araújo Guimarães, lente da Academia de Marinha e deputado à Constituinte de 1823 (1838). — O Colegió D. Pedro II é dividido em internato e externato (1857). — Falece em Porto Alegre o marechal-de-campo Vitorino José Carneiro Monteiro, barão de São Borja, figura de relevo em várias páginas da nossa história militar (1877). — Falece no Rio Bernardino Ferreira da Silva, Ministro do Supremo Tribunal (1905).

25 SÃO CRISPIN E SÃO CRISPINIANO. — Estes dois irmãos chegaram de Roma para pregar o cristianismo nas Gálias e detiveram-se em Soissons onde exerceram para viver,

durante varios anos, o ofício de sapateiro. Tendo-se recusado a sacrificar aos ídolos, foram torturados e decapitados juntos, em 287.

— **SANTA DARIA.** — Era sacerdotisa da deusa Vesta e foi convertida por um jovem cristão. Foram ambos enterrados vivos, em 284, em um sítio de Roma chamado Campo Maldito.

— E' assassinado em sua casa o coronel Felisberto Gomes Caldeira, governador das armas da Baía (1824). — O almirante Tamandaré bloqueia os portos de Paisandú e Salto (1854). — E' assassinado no Rio o baiano Apulero de Castro, redator do "Corsário", diante da Repartição da Polícia (1883). — Nasce em Miritiba, no Maranhão, Humberto de Campos, poeta, jornalista, crítico, da Academia Brasileira (1886).

26 SANTO EVARISTO. — Nascido em Antioquia, sucedeu em 96 ao papa Anacleto. Atribue-se a Evaristo a instituição dos títulos ou paróquias de Roma, assim como a das diaconias. Morreu em Roma no ano 108.

— **SANTA ENCRACIA.** — Veio ao mundo em Segovia, na Espanha. Foi viver numa floresta com seus irmãos, na penitência e nas orações. Os mouros, quando da sua invasão, decapitaram-na. Seus irmãos foram supliciados com ela.

— Falece em São Paulo José Bonifácio, o Moço, professor, ministro de Estado, Senador, orador, poeta, patrono da cadeira 22 da Academia Brasileira (1886). — Falece no Rio Antonio Augusto Cardoso de Castro, que foi chefe de Polícia e Ministro do Supremo Tribunal (1911).

27 SÃO FRUMENCIO. — Nasceu em Tyro, em 308, visitou a Abissínia levado pelo filósofo Merope. Tendo conquistado rapidamente a afeição do rei desse país, aproveitou-se disso para dar um grande impulso à religião católica. Foi sagrado bispo por Santo Atanasio e morreu carregado de glória em 360, no meio dos seus discípulos.

— **SANTA CIRILA.** — Jovem romana de família nobre, sofreu o martírio por causa da sua fé, sob o imperador Claudio II, a 27 de Outubro de 269.

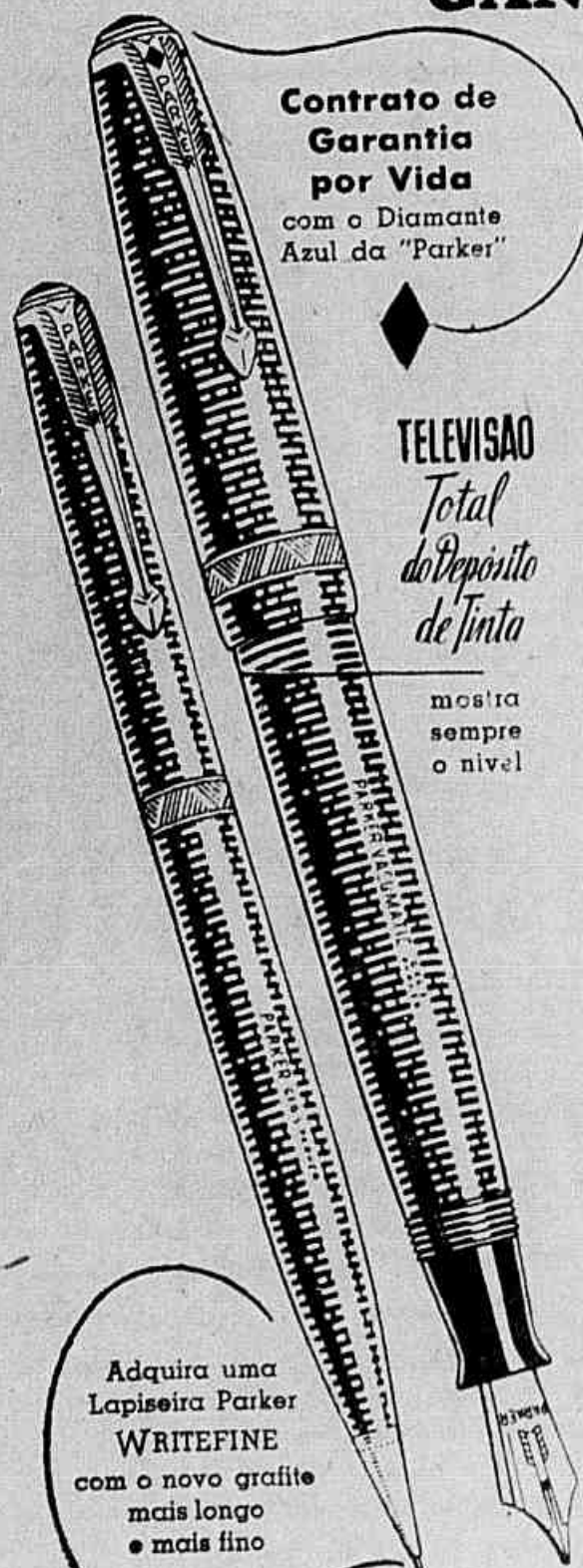
— **BEMAVENTURADA BENEVENUTA BOJANO.** — De uma illustre família de Triou, entrou cedo para a ordem de São Domingos. Aniquilada pelas penitências, morreu em 1292.

— O rei D. João IV eleva a principado o Estado do Bra-



A EFICIÊNCIA DA CANETA PARKER GANHA NOVAMENTE O PRIMEIRO LUGAR

85% Na Frente da Segunda Colocada



Na maior competição do mundo para a escolha da melhor caneta, recentemente realizada pela organização de investigações C. C. Chapple, de Chicago, Ill., Parker Vacumatic conquistou esmagadora preferência entre 28 modelos das quatro mais conhecidas marcas de caneta.

Há, pelo menos, quatro boas razões por que Parker ganhou facilmente esta e muitas outras competições independentes. Peça ao seu revendedor para mostrar-lhe as características modernas e exclusivas que tornaram a Parker Vacumatic a primeira, nestas importantes qualidades e depois escolha a sua caneta entre a grande variedade de estilos e cores, em todos os preços.

1ª em facilidade de escrever. A rigidez da pena da Parker, ouro de 14K, "lubrificada" pela sutileza do Osmirídio, estabelece um novo padrão em facilidade de escrever e vibratibilidade.

1ª em confiança que merece. O depósito de tinta da Parker, de televisão total, mostra o nível e indica quando deve ser reabastecida. 1/3 mais de tinta do que as canetas antiquadas com saco.

1ª em comodidade. O enchedor patenteado, a uma só mão, faz da Parker entre todas as canetas, a mais fácil de encher, como provaram as experiências do Laboratório Deavitt, Chicago, Ill.

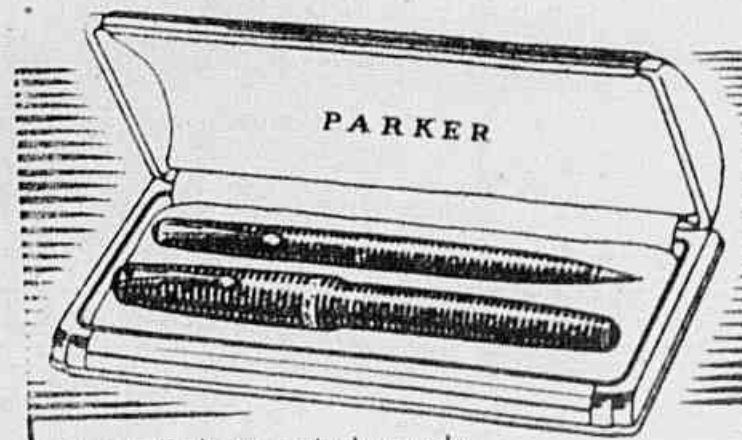
1ª em beleza. Parker Vacumatic é de fato a "Joia das Canetas". Nenhuma outra caneta conseguirá igualar a luminosa beleza de seus cintilantes anéis feitos de pérola laminada.

Parker

VACUMATIC

Contrato de Garantia por Vida

O "Diamante Azul" no seguidor representa nosso Contrato por Vida com o possuidor, garantindo o reparo de qualquer avaria (exceto em caso de perda ou dano intencional), cobrando apenas seis mil réis para embalagem, porte e seguro, desde que a caneta venha completa para o consórcio.



O mais lindo presente do mundo

Para aniversários, comemorações, formaturas, surpreenda os entes queridos com a soberba combinação Parker: a caneta Vacumatic de "Diamante Azul" e a lapiseira Writefine num belo estojo de jóia. Oferecido em variados tamanhos, cores e estilos.

A' venda em tôdas as boas casas do ramo

Canetas Diamante Azul, 265\$ para cima; outras canetas Parker, desde 60\$
Únicos distribuidores para todo o Brasil e Posto Central de Consórcios:

COSTA, PORTÉLA & CIA. — Rua 1.ª de Março, 9 - 1.ª — Rio — Caixa Postal 508

A SEMANA QUE PASSOU.

SOBRE A NUDEZ FORTE DA VERDADE...

Nesta hora de ódio e de luta, de inconciliáveis e de débacles é um prazer delicioso lembrar a figura de Eça de Queiroz. A sua mordacidade construtiva, o seu humanismo, a sua elegância, fazem dele uma expressão legítima, um valor inestimável da própria civilização, hoje periclitante. Talvez seja o mável da própria civilização, hoje periclitante. Quem não conhece o escritor mais lido em toda a lusitanidade. Quem não conhece o Basílio, a Amélia, o Raposo, isto para não falar no Conselheiro e no Pacheco? São personagens, familiares a todos nós, que, de tanto existirem na nossa memória, já os encontramos, a cada passo, neste mundo real em que vivemos. Muito bem. Pois agora um pequeno telegrama de Lisboa científica-nos que o diretor cinematográfico francês Marcel Pagnol vai levar ao cinema a história do Jacinto, esse romance que é, talvez, o mais delicado e pitoresco escrito pelo Mestre — "A Cidade e as Serras". Que esse filme venha depressa!

FAISCADORES DO LIXO

É surpreendente a mobilidade do homem. Sua rapidez de adaptação, o dinamismo com que vai descobrindo e aproveitando novas mananças de vida. As cidades grandes, particularmente, são férteis em classes e profissões quase inadmissíveis. Em Nova York, por exemplo, existem "cheiradores", "colocadores de olhos em bonecas", "pintores de cerca", etc. O Rio não fica atrás. Na ilha Sapucaia, o lixo ali depositado pela Limpeza Pública era explorado por um exército de homens. Chamavam-se os falcões do lixo. Catavam metais, vidros, tudo que pudessem aproveitar economicamente. Mas tal exército, ao contrário das demais exércitos em luta, estava crescendo muito. Surgiram conflitos, confusões. Por isso a Prefeitura resolveu proibir a história. E a paz voltou à malcheirosa mansão.

GALES

Decididamente as coisas assumem fisionomia cada vez mais negra. Os métodos de guerra evoluem, num crescendo, de uma brutalidade e a barbaria desmedidos. Há uma carencia de cristianismo e de moral. Os episódios que se sucedem revelam-se de requintes selvagens. Ainda agora o comando alemão mandou colocar sob algemas, perto de 1.500 prisioneiros ingleses, entre oficiais e soldados. Os ingleses, por sua vez, fazem ameaças de represálias. Na marcha em que vão os fatos, é bem possível que presenciemos cenas como aquelas das guerras muçulmanas. Isso no seio da Europa, em pleno século XX! Civilização...

AMERICANISMO QUE CONVENEM

As consequências da guerra são de duas espécies: negativas e positivas. As primeiras são justamente aquelas que mais de perto atingem a sensibilidade humana. São as cidades in-

cendiadas, a morte, a fome de milhões de seres. Entretanto, ao mesmo tempo, as guerras provocam uma oportunidade para os povos. Principalmente para os povos crianças, de economia incipiente. O Brasil, por exemplo, vem realizando, em alguns meses, o que não conseguiu em longos anos de evolução. A siderurgia está se concretizando. A construção naval e aeronáutica, progredindo. Todas as indústrias florescem, animadas pelos novos mercados conquistados. Fala-se agora em petróleo da Venezuela. Para ultimar as negociações viajará para o nosso país o sr. Parra Perez, chanceler venezuelano.

Daqui remeteremos para lá, tecidos, borracha, óleos, máquinas e outros produtos. A importância desse intercâmbio — caso se realize — é extraordinária. É o começo de uma aproximação econômica latino-americana, base de um entendimento político e sentimental de amanhã. É o próprio sonho de Bolívar — realizado.

UMA CIDADE PARA OS MORTOS

O Brasil atravessa, neste instante, uma fase de construção e de progresso. Temos, mesmo a impressão de que nos libertamos, definitivamente, daquele espírito colonial que nos manietava e nos lançamos, com audácia, às aventuras de um grande futuro. Planos formidáveis vêm sendo meticulosamente desenvolvidos. Há uma febre de construções por toda parte. A Terra Paulista, seguindo suas velhas tradições de trabalho, identificou-se, de modo perfeito a esse *elan*. Cogita a Prefeitura da Capital de construir o maior cemitério da América do Sul, abrangendo a área de 765 mil metros quadrados! Será uma tranquila cidade dos mortos. Dos mortos que ainda vão morrer...

DINHEIRO NOVO

O fato mais importante que ocorreu no Brasil, nestes últimos dias, foi, sem dúvida, a mudança da unidade monetária. Um velho projeto, sempre adiado, atinge o momento de sua realização. Uma das consequências da guerra. É quase desnecessário encarecer as vantagens dessa transformação. Nosso antigo sistema monetário de há muito não correspondia, por diversos motivos, às nossas necessidades econômicas. O mil réis pecava pela própria denominação. Agora é o cruzeiro. O tostão são 10 centavos. As coisas vão mudar. As cifras se tornarão mais impressionantes, mais fortes. O Governo abrirá créditos de milhões de cruzeiros. Assinalou uma revolução econômica, só comparável à abertura dos portos, por D. João VI.

POVOANDO OS NOSSOS MARES

A civilização brasileira não tem apenas o sentido da marcha para o Oeste. Deve orientar-se, também, para o mar. O imenso litoral onde as grandes cidades se localizaram, distanciadas umas das outras, obriga ao desenvolvimento da cabotagem. Além disso, precisamos de uma numerosa frota de pesca, precisamos de barcos para levar a nossa produção ao estrangeiro e de uma forte marinha de guerra para guarnecer o nosso patrimônio marítimo. Daí o aplauso com que sempre assistimos aos passos que são dados, nos domínios da construção naval brasileira. Sabemos que os vastos estaleiros não surgirão por aqui enquanto a usina siderúrgica não chegar à fase de produção. Mesmo assim, porém, já se faz alguma coisa. Há dias, das oficinas da ilha do Viana foi lançado ao mar um novo barco — o "Parati" — destinado à nossa frota mercante.

Que esses fatos se repitam, multiplicando-se. O Brasil precisa usar e dominar os seus mares, o mais breve possível!

FLAVIO.

ALMANAQUE EU SEI TUDO Para 1943

Está em fase de conclusão
o Almanaque "Eu Sei
Tudo" para 1943.

Edição ampliada e melhorada.
Maior numero de paginas.

Façam pedidos á redação do
Almanaque "Eu Sei Tudo" — Rua
Visconde de Maranguape, 15. Rio.

sil (1645). — Recebem o grau de Bacharel os primeiros estudantes que concluíram o curso de Direito na Faculdade de São Paulo (1851).

28 SÃO JUDAS TADEU E SÃO SIMÃO. — Judas, irmão de Tiago o Menor, bispo de Jerusalém, foi admitido entre os apóstolos, assim como Simão, e ambos pregaram o Evangelho na Judéia na Síria e na Mesopotâmia. Sofreram juntos o martírio, na Persia, em 80.

— **SANTA ANASTÁCIA.** — Virgem e religiosa romana, morta após torturas cruéis, ao mesmo tempo que São Cirilo, que lhe dera de beber.

— **Falece em** Setúbal Martim Correia de Sá, primeiro visconde de Asseca, natural do Rio de Janeiro, que se distinguiu na guerra da independência de Portugal (1678). — Bento Ribeiro vence Fructuoso Rivera no combate de Arroio Grande (1819). — Nasce José Albano Fragozo, ministro e primeiro presidente do Supremo Tribunal (1768). Falece na Bafa o chefe de esquadra José Joaquim Raposo (1856). — Falece no Rio Franklin Doria, barão de Loreto, natural da Bahia, político, poeta, da Academia Brasileira (1906).

29 SÃO NARCISO. — Bispo de Jerusalém. Presidiu a um Concílio que tinha por objetivo a fixação da festa da Páscoa e morreu em 212, com cento e dezesseis anos de idade, tendo dado grandes exemplos de sabedoria e firmeza.

— **SANTA ERMELINDA.** — De uma família nobre de Brabante, abandonou seus bens e a família para se retirar para uma cabana e aí viver de privações. Morreu pelo fim do século IV num lugar solitário, chamado depois. Meldaert

— **Falece no Rio** Joaquim Serra, natural do Maranhão, político, jornalista, teatrólogo, patrono da cadeira 21 da Academia Brasileira (1888). — Falece no Rio F. A. Araripe Junior, natural do Ceará, jurista, crítico, romancista, da Academia Brasileira (1911). — Falece no Rio Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo, ministro do Supremo Tribunal (1912).

30 SÃO LUCANO. — Nasceu em Bordeaux. Foi, após a morte de São Diniz e de seus companheiros, pregar o Evangelho em Paris. Tendo recusado ao imperador Antonino renegar sua fé e sacrificar publicamente aos falsos deuses do Império, foi decapitado.

— **SANTA MARIA DA PALESTINA.** — Sobrinha do solitário Abraão, teve uma mocidade não isenta de senões; mas, convertida milagrosamente, expiou os seus pecados através de uma vida toda de penitência. Morreu em 375.

— **Nasce no Rio de Janeiro** Luiz Guimarães Filho, diplomata, poeta, prosador da Academia Brasileira (1878). — Falece no Rio Antônio Francisco de Azevedo, ministro do Supremo Tribunal em plena sessão (1886).



Yardley English Lavender
— Sabonete, Sais para Banho,
Talco, Brilantina, etc. Ilus-
trados também o famoso Pó
de Arroz, Creme e Batom,
produtos Yardley indispen-
sáveis para perfeita beleza.

Yardley Lavender é, há muitos anos, o perfume mais apreciado pelas damas elegantes de todas as grandes metrópoles. De fragrância pura e suave, é delicioso para uso durante o dia e em reuniões vespertinas despidas de formalidade.

LAVENDER e BELEZA

YARDLEY 33 OLD BOND STREET LONDON



LIVROS

OS IRMÃOS CORSOS, ROMANCE DE ALEXANDRE DUMAS, TRADUÇÃO DE GERALDO DA ULHOA CINTRA — São Paulo, 1942.



Sendo este um dos romances menos conhecidos do velho Dumas, nem por isso o devemos considerar dos menos interessantes. Em muitos casos a divulgação dum livro deixa de estar na razão direta do seu valor já pela concepção, já pelo estilo. As preferências do chamado grosso público estão ainda por definir ou por distinguir ao certo...

Os irmãos Franchi, um dos quais vive na terra natal, a Córsega, e o outro em Paris, andam no entanto ligados por uma espécie de solidariedade sentimental. As aventuras do mais velho, na capital francesa, correspondem estados de alma do mais moço, períodos de emoção jubilosa ou amargurada, como se em verdade as duas existências dependessem uma da outra. O de Paris apaixona-se, bate-se em duelo, morre duma estocada no coração; o da Córsega sente no próprio peito uma dor agudíssima, que lhe revela aquela tragédia. E, obedecendo à tradição da terra, corre à França para exercer a *vendetta*, matando o matador.

O romance, que abunda em episódios impressionantes, oferece o duplo quadro regional: do panorama e dos costumes; e entre os personagens mais ou menos característicos assume especial relevo a figura da velha senhora Franchi, tipo da dignidade e da nobreza corsas.

—O—

ESTUDOS DE ARTE BRASILEIRA, DE JOSÉ MARIANNO (filho) — Rio de Janeiro, 1942.



Não haverá favor algum em se qualificarem os trabalhos contidos neste volume de estudos... de mestre. Em verdade o mais que o José Mariano (filho) tem feito na sua vida intelectual é estudar a arte brasileira. No tempo mesmo em que fazia o curso de Medicina, sobretudo ele se preocupava em averiguar e comentar o que no país se produzia ou se estava oferecendo naquele sentido da beleza e da cultura. Por seu gosto, frequentaria muito mais os museus e os ateliês que a Faculdade. Todas as questões ou assuntos que e prendessem à pintura, à escultura, à arquitetura, às artes aplicadas lhe mereciam um interesse especial, essencial. Já então escrevia, discutia, batalhava e, tanto quanto possível dentro da sua mesada de estudante, comprava. Nas suas coleções devem existir ainda algumas obras adquiridas em razão da sua admiração por artistas moços — e para o fim de os ajudar. Aos entusiasmos do seu espírito correspondia a generosidade do seu coração. E da sua fina inteligência, da sinceridade do seu esforço, da contribuição das suas viagens e da companhia dos livros que formavam a sua biblioteca, bem natural e legítima-

mente lhe resultaram os títulos e a autoridade magistrais.

No presente volume ensina o Sr. José Mariano a quem lhe fique inferior em matéria de arte — isto é: a quasi toda a gente — o que de certo e de legítimo se contém, por exemplo, na nomeada de José Francisco Lisboa. Numa série de capítulos robustamente documentados explica a pessoa e a obra do Aleijadinho, como as averiguou e compreendeu. Separa dos acréscimos ou alterações da lenda a razão exata por que o artista merece o seu lugar na História e o seu prestígio no culto das gerações. Retrata o Aleijadinho como intuição natural, como resultado do meio e da educação, e como ação realizadora. Reconstitue e fixa a sua individualidade.

O mesmo faz o autor dos *Estudos de Arte Brasileira* com Valentim da Fonseca, o Mestre Valentim. E outras partes da obra são dedicadas a questões de arquitetura, de mobiliário e do patrimônio artístico durante certos períodos tão desestimado, tão abandonado e por cuja conservação ou defesa o Sr. José Mariano tem empreendido em jornais e revistas, bem como perante os auditórios de conferência, as campanhas mais meritórias.



FREDERICK FULLER NAS "ONDAS MUSICAIS"

As "Ondas Musicais", conceituados programas radiofônicos patrocinados pela Cia. de Carris, Luz e Força do Rio de Janeiro Ltda., estão apresentando este mês o renomado tenor inglês Frederick Fuller, artista que se encontra presentemente no Brasil, em missão de intercâmbio cultural anglo-brasileira. Dados os seus finos dotes vocais, esmerada técnica e seleto repertório, as audições do jovem cantor têm alcançado os maiores sucessos, estando por isso de parabéns mais uma vez as "Ondas Musicais" que sempre propugnaram pela cultura do povo, apresentando artistas de escol.

THE INTER-AMERICAN MONTHLY

Recebemos um exemplar de "The Inter-American Monthly", semanário ilustrado de ótimo aspecto gráfico, devendo ser lançado nos Estados Unidos da América do Norte. Dedicado a assuntos inter-americanos, a revista em apreço, com o desenvolvimento de seu programa, prestará de certo muitos bons serviços à unidade americana.

DECALOGO DO CORRETOR DE IMOVEIS

APROVADO PELOS SINDICATOS DOS CORRETORES DE IMOVEIS DO RIO DE JANEIRO E DE S. PAULO EM CONVÊNIO SOLENEMENTE ASSINADO A 10 DE OUTUBRO DE 1942

- 1.º — O corretor vive do valor e seriedade de sua palavra, de sua ação e de seu espírito de iniciativa.
- 2.º — E' o espírito de cooperação e nunca o de competição ou concorrência que deve presidir às relações entre corretores. Não ha necessidade de perturbar o negócio entregue a outro corretor, pois a todos fica sempre aberta a porta da colaboração.
- 3.º — Não deve o corretor aceitar a incumbência de venda ou de compra de um imóvel que esteja entregue a outro, cumprindo-lhe, portanto, indagar sempre do cliente a respeito.
- 4.º — Nenhum corretor deve oferecer um imóvel sem estar devidamente autorizado pelo cliente ou por outro corretor autorizado.
- 5.º — Não cabe ao corretor o direito de prender em suas mãos um negócio, se não tiver probabilidades de realizá-lo.
- 6.º — Ao oferecer um negócio, cabe ao corretor apresentar dados rigorosamente certos, nunca omitindo detalhes que o depreciem.
- 7.º — Diante de clientes e estranhos nunca deve o corretor atacar mas, ao contrário, defender e justificar seus colegas. Só com esse animo conseguirá elevar o nível da classe, com proveito geral e de si próprio.
- 8.º — As queixas devem ser levadas por escrito ao conhecimento do Sindicato e nunca expostas ao público. O desprestígio de um corretor reflete sobre o conceito de todos os seus colegas.
- 9.º — Da camaradagem, respeito e amizade entre os corretores resultará inevitavelmente a elevação moral da classe e um campo muito mais vasto de negócios e oportunidades para todos.
- 10.º — O corretor deve colocar estes preceitos de ética profissional acima de seus interesses materiais, respeitando-os incondicionalmente.

Sindicato dos Corretores de Imóveis — Av. Rio Branco 128, 16.º and.

PREGÃO IMOBILIÁRIO

Do Sindicato dos Corretores de Imóveis

São finalidades do pregão:

- 1) Concentrar os pedidos e ofertas de propriedades e valores imobiliários;
- 2) Zelar pela segurança e promover a celeridade das transações;
- 3) Sistematizar as praxes das operações imobiliárias;
- 4) Disseminar a propriedade, dentro dos propósitos da política social do Brasil;
- 5) Proteger e disciplinar o trabalho profissional dos corretores;
- 6) Reunir os corretores em um círculo de amizade e de solidariedade, visando:
 - a) desenvolver o intercâmbio de negócios;
 - b) eliminar os seus desentendimentos e dissensões;
 - c) promover o seu aperfeiçoamento técnico e profissional.

NOVOS

VIDA, novela de WALDEMIRO DE LIMA MONTEIRO — Rio de Janeiro, 1942.



É um livro de estréia. Todas as estréias se impõem à nossa simpatia. Trazem em si um esforço as mais das vezes incerto, hesitante, nem por isso menos digno de acolhimento favorável. Para os primeiros livros deve sempre haver um acolhimento mais de carinho e de festa que de exame ou julgamento. Mas, em verdade, não só porque constitui o início duma carreira literária, a novela do Sr. Waldemiro de Lima Monteiro merece a atenção do público leitor.

O Sr. Lima Monteiro quiz nos contar uma história mundana, na qual, a feição cativante dos episódios, se alia a uma intenção superiormente moral e educativa. A vida dum homem, a quem a paixão amorosa e os vícios elegantes — os seus e sobretudo os dos outros — precipitaram na miséria completa, fornece largo ensejo às considerações do autor acerca dos perigos da vida moderna nas grandes cidades. A tragédia não chega a consumar-se de todo, porque o protagonista, fraco embora de vontade e com o caráter bastante afetado durante aquela fase de perturbação profunda, socorrido quando o

alguma coisa salvou dos requisitos essenciais da individualidade. Socorrido quando o infortúnio se lhe tornara extremo, a sua boa índole se reafirma, os seus fins sentimentos voltam à elevação e harmonia naturais. E a narrativa — que se desenvolve por cento e cinquenta páginas — tem no epílogo, por assim dizer, a demonstração de como as advertências e conselhos nela contidos se podem tornar proveitosos a quem devesse os meditar.

O Sr. Lima Monteiro está de parabéns pela sua estréia. E tudo lhe indica — e lhe prova — que deve continuar.

QUANDO MORRE O DIA, romance de Barre Lyndon, tradução de José Castelar. — Rio de Janeiro, 1942.



É um romance colonial. O velho conflito entre os europeus que querem por força civilizar e os nativos que não querem absolutamente ser civilizados... Ambas as partes entendem exercer um direito sagrado. Tentativas pacíficas de aproximação, presentes vistosos, augustas catequeses não bastam para resolver o problema capital; e a guerra, uma vez declarada, prossegue até que — como entre as nações mais ilustres — até que o mais forte abata e domine o mais fraco.

Neste romance, trata-se especialmente do combate pelos civilizadores ingleses aos maus elementos indígenas a que o autor aplica o termo político e internacional "indesejáveis". É uma bela e impressionante criatura estabelece um ambiente de paixão que vai do heroísmo à renúncia, do orgulho ao sacrifício e que poetiza a ação sempre movimentada e a observação dos costumes e aspectos regionais.

J. L.

MADEIRAS DE CONSTRUÇÃO — de Henrique Boiteux SANTA CATARINA, — 1942.

O almirante Henrique Boiteux ama e serve o seu Estado natal como seria para desejar que todos os brasileiros o imitassem. Mais uma vez afirmou o intenso amor por Santa Catarina apresentando ao Nono Congresso Brasileiro de Geografia, reunido na capital do Estado, a memória ora publicada pelo Instituto de Geografia e Estatística com Departamento em Santa Catarina.

A memória consta de parte geral e parte especial. Na primeira parte sobreleva-se tudo quanto o Autor sugere para a defesa intransigente de nossas admiráveis e malsinadas florestas reduzidas a lenha e carvão. A segunda parte da memória encerra um dicionário botânico da maior extensão e cheio da prova de conhecimentos práticos a demonstrarem que o Autor se diz é porque sabe o que diz reportando-se a estudos próprios.

Desejoso de implantar no animo infantil o amor pela floresta, propõe o Autor que seja incluído em programa escolar um hino à Floresta diariamente cantado em aulas. Nosso ensino primário já conhece anualmente a Festa da Arvore, o hino à Floresta seria um complemento.

A memória do almirante Boiteux ilumina o conceito de construir-se uma cidade em poucos anos, preciso porém mais de século para obter uma arvoreda corpulência das muitas abatidas. Não reflorestar é crime de lesa-futuro.

FILOSOFIA DO DIREITO (3.ª edição), de Jonathas Serrano — F. Briguiet Editores — Rio de Janeiro.

Tratar de filosofia e de direito nos dias de hoje, que não correm e sim se precipitam, pôde parecer a muitos coisa pelo menos adiável. Entretanto, no conceito de outros muitos, tanto filosofia como direito são imortais, claros ou caliginosos os tempos na história; explica-se que o professor Jonathas Serrano se tenha proposto a autor de livro tratando de matéria filosófica e jurídica.

Que o aplaudimento não ha duvida. A sua obra acha-se em 3.ª edição avolumada, revista e atualizada, e esta última palavra tem significado especial em quadra como a nossa na sobrevivência de idéas impossíveis de matar, inútil o poder de bombas contra o do pensamento. Isto se infere da afirmação, citada pelo professor Serrano, de haver para Deus uma alma em qualquer peito humano. No mais humilde se não destruiu o pensamento.

Um dos merecimentos do professor Serrano é o de ter sempre opinião sua. Ouve os outros, mas diz por conta própria. A prova está, através de vasta erudição, nas substanciais páginas de *Filosofia do Direito*, livro do qual se dá notícia sem análise do seu texto, variado e sério quando se dispõe de estreito espaço. A obra não consagra autor, este já consagrado por probidade e labor intelectual.

MEDICOS, CIRURGIÕES E BOTICAS, de Leduar de Assis Rocha — Livraria Universal — Recife.

Prefaciado pelo professor Gilberto Freyre, o livro do dr. Leduar Rocha, medico;

Finalmente a documentação esperada!

VIAGEM ATRAVÉS DO CAOS...

de ARY PAVÃO.

O PRIMEIRO LIVRO BRASILEIRO SOBRE OS HORRORES DA OCUPAÇÃO NAZISTA!

25 PAGINAS DE CLICHÊS!
100 DOCUMENTOS AUTÊNTICOS!

Um livro de quem viu e sentiu a guerra em toda a sua brutalidade!

Em todas as livrarias

Edição da **LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE**

Travessa do Ovidor, 27 - Caixa Postal 2.956 - Fone 439.483-43.6582-23.1268
REMESSA PARA O INTERIOR PELO "SERVIÇO DE REEMBOLSO" — Rio de Janeiro

é retrospecto histórico do Brasil em geral e de Pernambuco em particular. Assim o declara o Autor, que em todo o livro isto justifica.

O prefaciador da obra não só adverte que o Autor da mesma "nos põe em contacto com muita coisa pitoresca e às vezes significativa do passado nacional" como nos lembra que o Autor do livro descende dos Figueirões, "família quase uma dynastia no jornalismo brasileiro de provincia", sobretudo à frente do tradicional *Diário de Pernambuco*.

O dr. Leduar Rocha escrevendo com fluência e graça sobre coisas do passado se revela um Figueirões numa espécie de jornalismo em livro. Delicia os que prezam o passado nacional em uma série de pequenos estudos que mostram quão grande deve ter sido a sua paciência de pesquisar.

Médicos, cirurgiões, botica de outrora no Recife ressurgem pela pena de um médico de hoje ressuscitando o que ele chama "a medicina engatinhante do Brasil" por meio de uma série de tipos e cenas muitas e muitas vezes com auxílio do *Diário de Pernambuco*.

Não ha citar nos estudos fragmentarios do dr. Leduar Rocha, cumpre lê-los todos com o mesmo interesse.

E. D.

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

Numeros atrasados desta revista no Pará

Pedir a

ALBANO H. MARTINS & CIA.

TRAVESSA CAMPOS SALES, 85 — BELÉM





O artista

Por mais habituado que esteja a exhibir-se em publico, o artista de teatro experimenta um certo nervosismo sempre que tem de estreiar uma peça ou apresentar-se diante de uma plateia desconhecida. O remedio é simples: um ou dois comprimidos de ADALINA, tomados alguns minutos antes de entrar em cena, bastam para acalmar os nervos excitados, evitando o "trac", como denominam o medo do artista diante do publico. ADALINA não oferece perigo a orgão algum.

ADALINA

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

O uso diario do

TRICÓFERO DE BARRY

proporciona cabelo abundante, bello e cheio de juventude. Cinco gerações têm usado com o mesmo admiravel exito. É o mais antigo e famoso preparado de sua classe.

L&K

Mas Que Pancada!



A dôr acalma-se prontamente, a ferida cicatriza e sara com a ajuda do Mentholatum. As mães precavidas tem-o sempre á mão, para queimaduras, cortes, pancadas e constipações

MENTHOLATUM

Numeros atrasados desta revista no Maranhão

Pedir a
RAMOS D'ALMEIDA & CIA.
PRAÇA JOÃO LISBÔA, 114 — S. LUIZ

Jôgo dos bichos



Bicho de pé



Bicho calouro

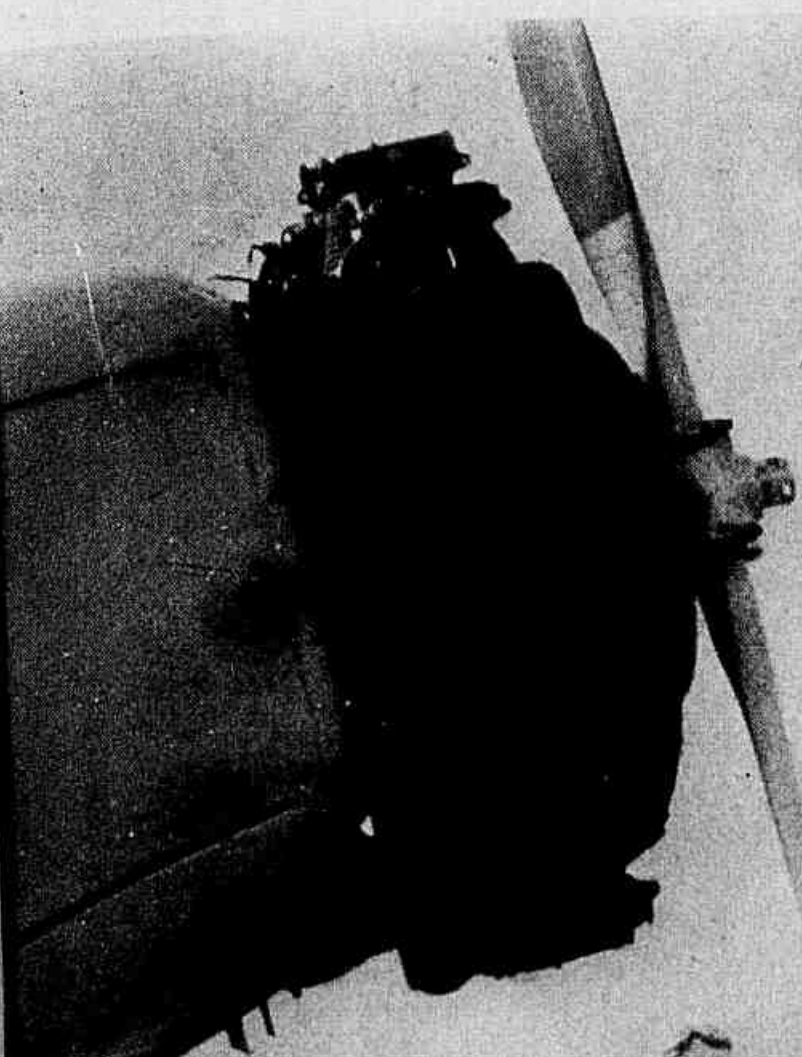


Bicho da seda



Bichos fora do jôgo...

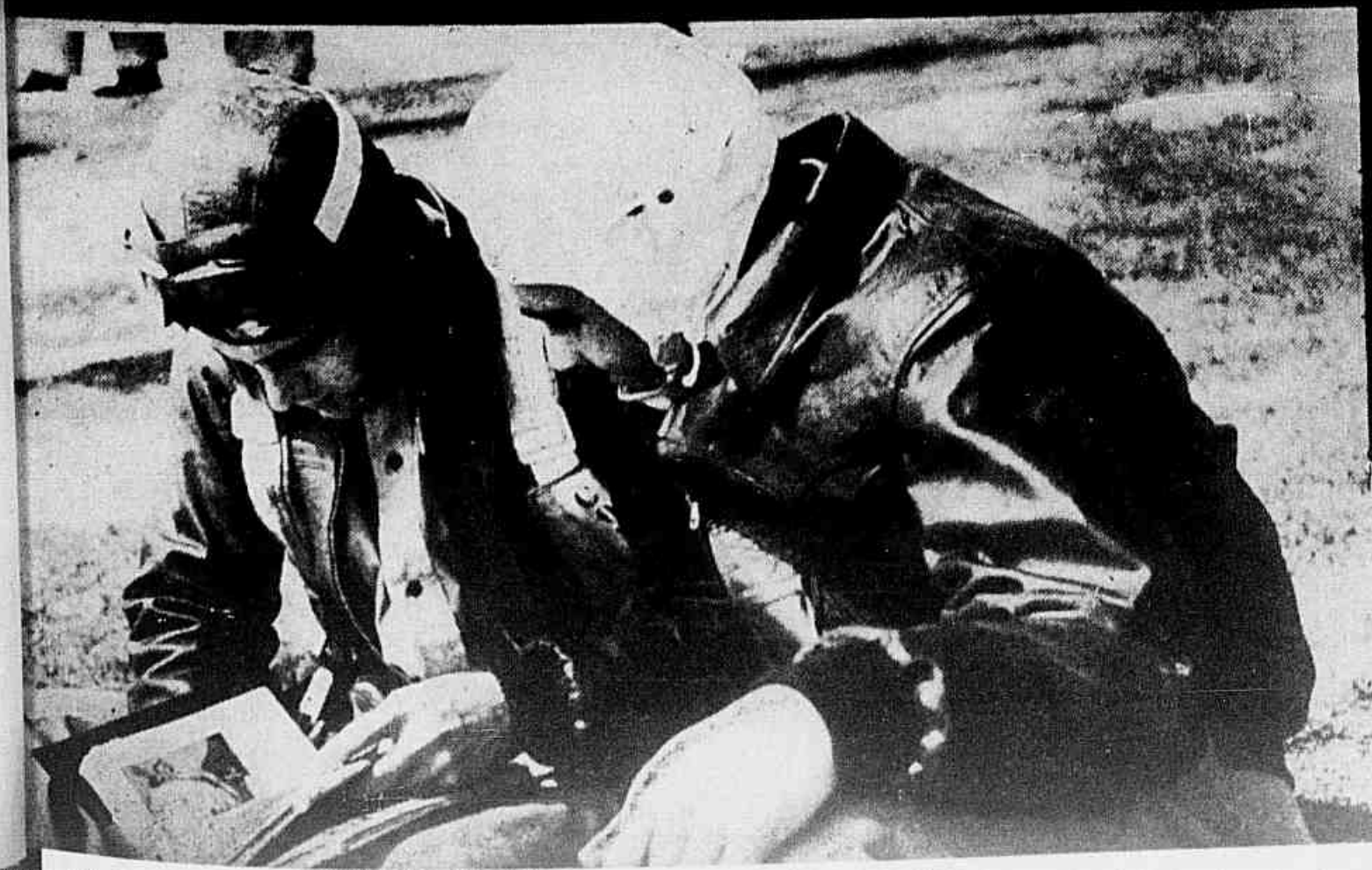
Azas ruflando pelo Brasil



TODOS OS DIAS — Perante o Comando e a oficialidade exatamente ao meio dia, o corpo de alunos desfila, puxado pela banda de música. É uma hora de entusiasmo e de marcialidade. Um momento de festa na paisagem larga, cheia de sol...

BANDEIRANTES DO AR — Esta frase, de tão repetida, chegou a perder um pouco de sua significação. Entretanto, de nenhum outro modo definiremos melhor os nossos aviadores. Ai vemos um grupo de cadetes do 2º ano, sob a hélice de um *Steelman* Primário.

LEITURA E DESCANSO — Preparados para brincar com a bruxa, os segundanistas Cortez e Rocha aproveitam esses últimos instantes para ler uma passagem empolgante em um livro de História Universal.



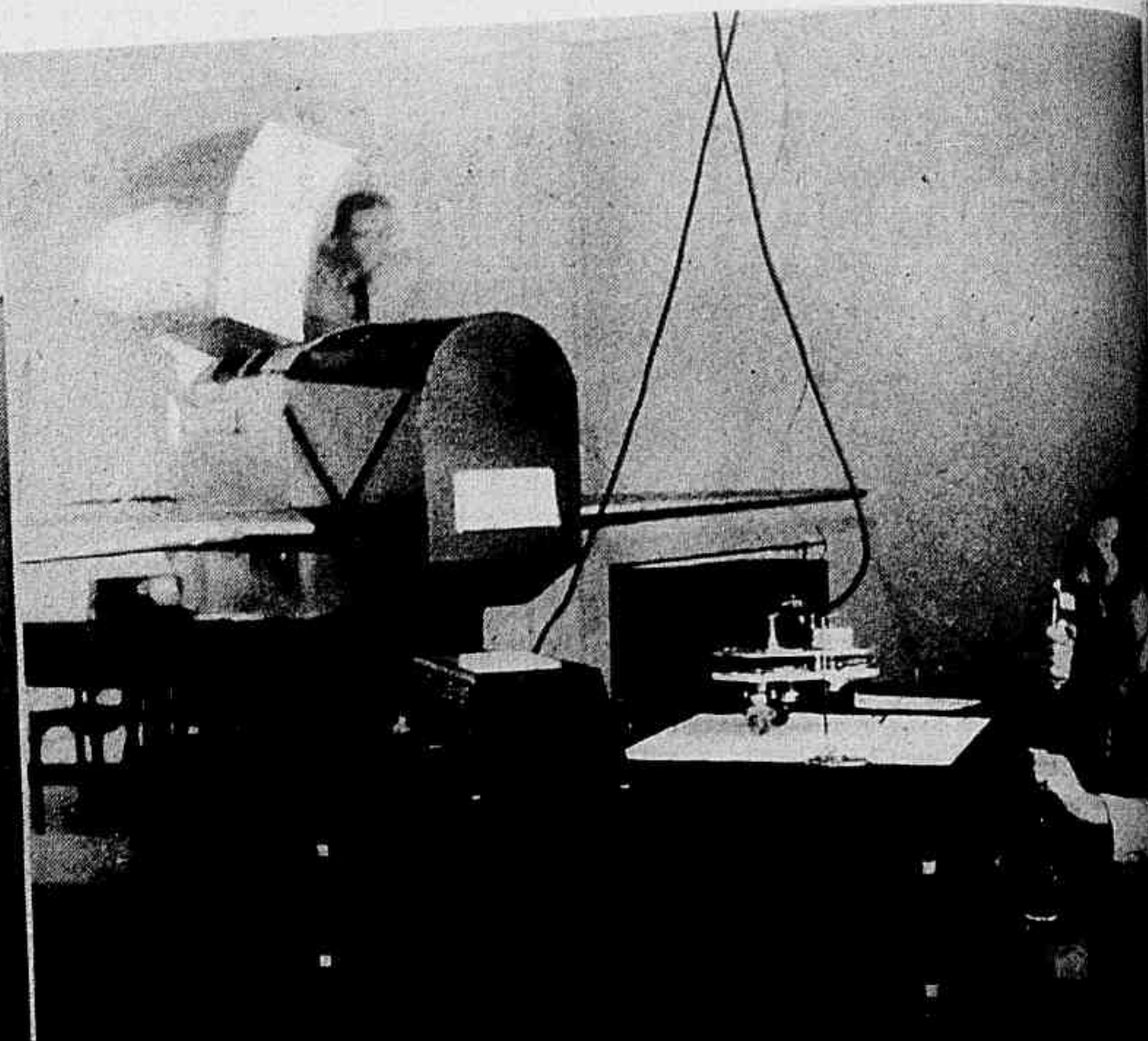
AUDACIA E JOVIALIDADE — A aviação exige uma perfeita precisão de sentidos, um imperturbável equilíbrio de nervos. O flagrante surpreendeu os tenentes Roberto Hipólito e Costa Matos, quando mantinham bem-humorada palestra com um terceiro oficial.

Um ideal empolga os corações == D. Qui-xote de paraquedas... == "Afilhados da bruxa" == A silhueta sonora das aguias sôbre o painel do silêncio e do azul...

Nesta reportagem transmitimos a nossos leitores as impressões de uma visita à Escola de Aeronáutica dos Afonsos. Como se desenrola o curso dos cadetes. E mais uma multidão de coisas interessantes, ligadas àquele setor da F. A. B.



VOO CEGO — Depois da experiência da *link trainer*, o aluno pode enfrentar as responsabilidades maiores de um voo real, em que se mantém coberto por uma cortina escura. Um colega desempenha o papel de instrutor. Prontos para levantar, em um *Valley 1. B. 2*, aí estão os cadetes do 2º ano: Teixeira e Magalhães Mota, à frente.



LINK TRAINER — A primeira fase prática de aprendizagem do voo real, levada a efeito com o auxílio destes aparelhos. Fechado na *cabine*, o aluno se comporta como se estivesse voando. Comunica-se com o instrutor pelo rádio. Através de dispositivos especiais se conhece a velocidade, a altura, o rumo, inclusive um gráfico do próprio voo.



AO ZOAR DA HELICE — Sobre a asa de um *Fairchild* de treinamento primário, o tenente Roberto Hipólito, instrutor do 2º ano, transmite a um cadete as últimas instruções para o voo solo que ele vai empreender.



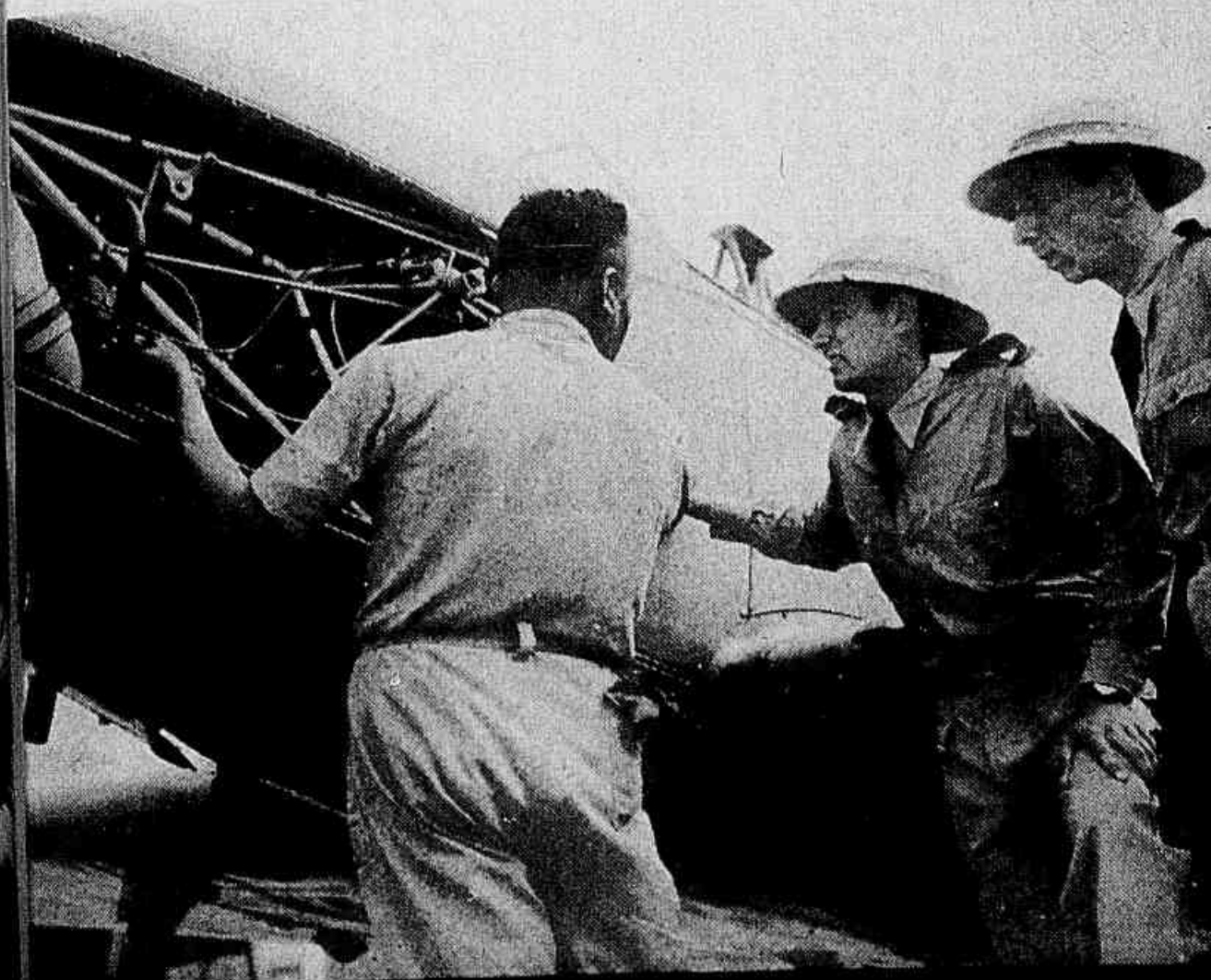
ANTES DO VOO — Todos os episódios da instrução obedecem rigorosamente a um plano. Isto é uma das circunstâncias para a eficiência do curso. Nesta fotografia aparece o tenente Rafael, à esquerda, transmitindo ordens aos cadetes Vespasiano e Rocha.

Decididamente a nossa era passará à história como o século da aviação. Os continentes se amarraram, uns aos outros, pelos liames das rotas aéreas. Morreram as distâncias, no delírio das velocidades imprevisíveis. As relações estreitaram-se entre os povos. O mundo ficou menor... Dir-se-ia que nos aproximávamos de uma paz duradoura, alicerçada nesse intercâmbio e nesse entendimento. Mas a humanidade é paradoxal. E transformou aviões, de veículos de aproximação, em semeadores de fogo e de morte. A eles sucumbem as cidades e os exércitos. As catedrais e as searas.

Por isso, entretanto, não iremos blasfemar contra o avião. Certos países têm na sua aeronáutica militar um baluarte de paz, um agente da unidade nacional, uma escola de idealismo. Assim acontece no Brasil. Até bem pouco tempo só havia notícia da F. A. B. quando sobrevinha um desastre. Entretanto, que longo rosário de sacrifícios não vem sendo a epopéia dessa instituição! Principalmente nos tempos da antiga Aviação Militar, a contar de 1919, data em que foi fundada a Escola dos Afonsos.

A infância da aviação, agravada pela nossa pobreza de recursos técnicos, fez com que nestes longos anos se pagasse na moeda-ouro de muitas vidas um tributo ingratuito e elevado. Cada mártir que tombava ia deixando aos vivos a herança gloriosa do seu sacrifício. Foi assim que se criou uma tradição. Foi assim que se forjou uma glória.

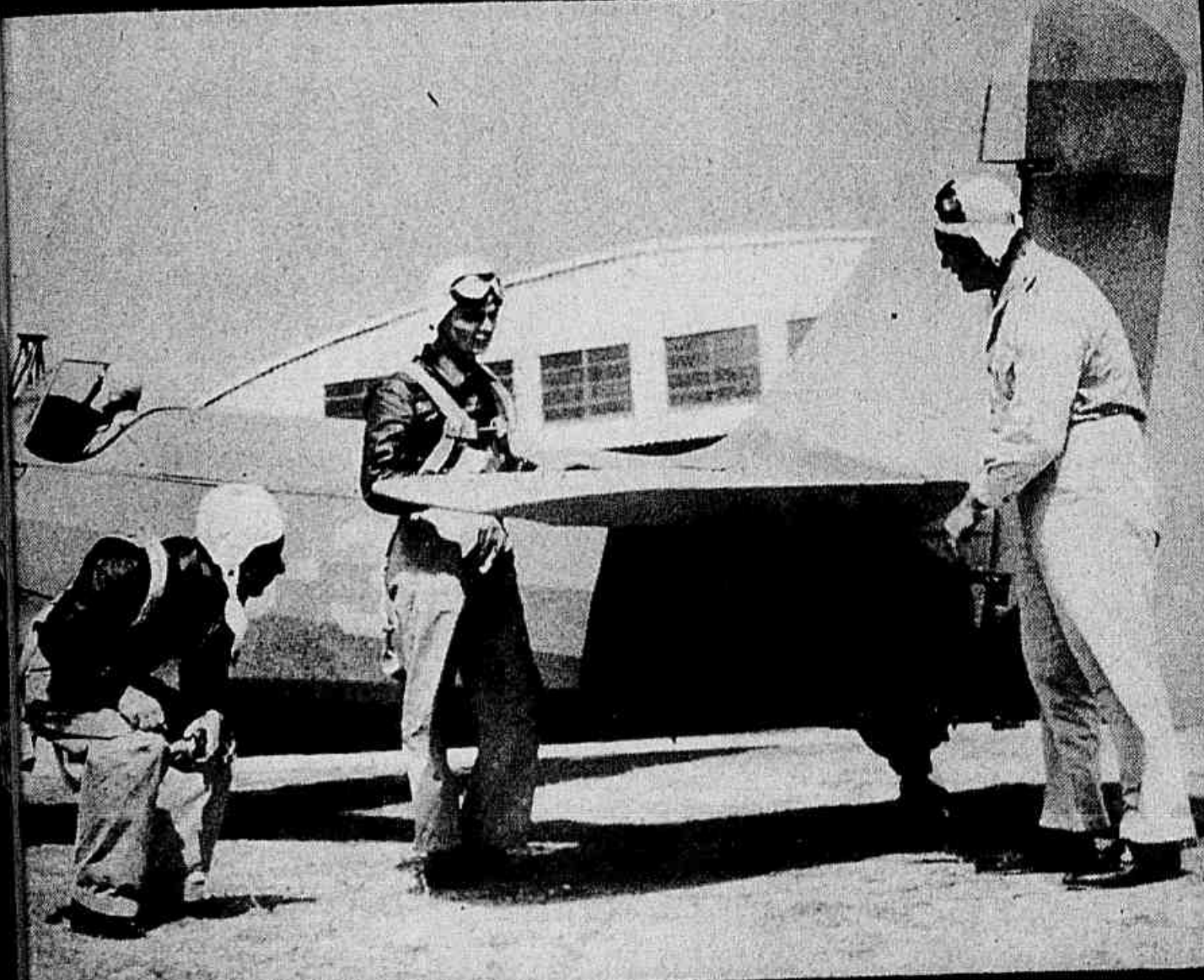
CAMPEÕES DA UNIDADE NACIONAL — A F. A. B. recebeu essa vontade e essa eficiência que tão bem a caracterizaram nos primeiros embates com os in-



EVITANDO UM DESASTRE — O sargento mecânico explica ao cadete William França o que pretende fazer para tirar uma pane de carburação neste *Fairchild*.



AGRUPAMENTO E APLICAÇÃO TÉCNICA — Fisionomias compenetradas, olhares atentos, esta pleiade revela a excelência do material humano que compõe as novas gerações aviadoras do Brasil. Nesta estação receptora volante, os cadetes Paulo Vitor, Salema, Mário, Tipalti, Otto Delamora recebem a instrução de um colega no ar.



INTIMIDADE COM A MAQUINA — Os instrutores não se cansam de familiarizar os alunos com todos os detalhes do avião e das manobras. No caso, o tenente Amaral explica aos cadetes Dominguez e Fontenele como se processa a resistência do leme de profundidade à força do ar. O aparelho é um *Fairchild* de treinamento primário.



GIRANDO A HELICE — Nos primórdios da aviação esta cena era vulgar. Os aviões modernos são de manejo bem mais cômodo, dispensam as ginásticas desagradáveis. No entanto, às vezes torna-se precisa a intervenção direta. O cadete Andrade luta com um *Ullée*.

migos da Pátria. E não poderíamos esquecer, também, essa realização esplêndida que é o *Correio Aéreo Militar*. Sua história é uma crônica de bandeirantes que ainda não foi narrada.

Sucessão incrível de grandes audácias onde não sabemos se mais admirar a coragem pessoal daqueles que chegam às mais longínquas cidades brasileiras, conduzindo aviões, ou de seus organizadores, cuja contribuição ao êxito do empreendimento é incalculável.

Muitos e muitos lugares do nosso hinterland conheceram o transporte aéreo antes da estrada de ferro e mesmo do automóvel. Nas margens do Tocantins lê-se jornais do Rio só com um dia de atraso! Foram os nossos aviadores que estudaram e realizaram a rota do Paraguai, sendo portanto pioneiros desta aproximação com o valeroso povo mediterrâneo, que hoje nos empolga. Talvez por isso, os aviadores paraguaios são os nossos maiores amigos. Antigamente eles iam fazer cursos na Argentina, na França, na Itália. Hoje encaminham-se ao Brasil. E bem sabemos que fatos como este é que preparam a harmonia definitiva entre dois povos e alicerçam a paz de um Continente.

AS HELICES RELUZEM AO SOL — Quizeramos conhecer de perto essa oficina onde se *condroem* os defensores de nossos céus. Onde se metalizam as vontades para as olímpicas jornadas do azul...

Surpreendemos a Escola dos Afonsos em plena atividade. Movimento assombroso de aviões, subindo e descendo. Trepidações no espaço. As pistas já se tornaram



RUMO A' BARRACA! — Tal espetáculo repete-se diariamente. Alunos brasileiros e paraguaios utilizam este transporte para cobrirem a distância mais ou menos longa que separa o bloco de edifícios da Escola da barraca de campanha, armada próxima à pista.

CAMARADAGEM — O que tanto interessa a todo o grupo é, apenas, uma partida de dominó. Enquanto as máquinas roncamos céus e a instrução diária se processa, os que esperam a vez na barraca encontram, em qualquer passatempo, um amável pretexto para um pouco de alegria e de camaradagem.

deficientes para o elevado número de alunos que recebem instrução. Basta dizer que, não raras vezes, ficam dez, vinte aviões lá em cima, esperando a vez de descer. Para que tudo se faça em ordem, formam uma *bicha*. Uma *bicha* no céu!

Quando a visibilidade é precária não ha instrução de voo. Deve-se evitar a possibilidade das colisões, porque, ainda que seja tão vasto o espaço, é necessário que a prudência seja maior. Então, a Escola inteira fica *nos calços*, conforme se diz na gíria do pessoal.

CONTRAIDOS E DESCONTRAIDOS — D. Quixote e Sancho Pança representam admiravelmente os dois lados da humanidade. Um é o sonho, o desprendimento, o que se lança às árduas experiências do desconhecido. Símbolo do próprio homem na sua inquietude e na sua dor — para ele os moinhos de vento e as dulcinéas...

D. Quixote, no século XX, é aviador. Desleza-se das esporas, soltou o gi-

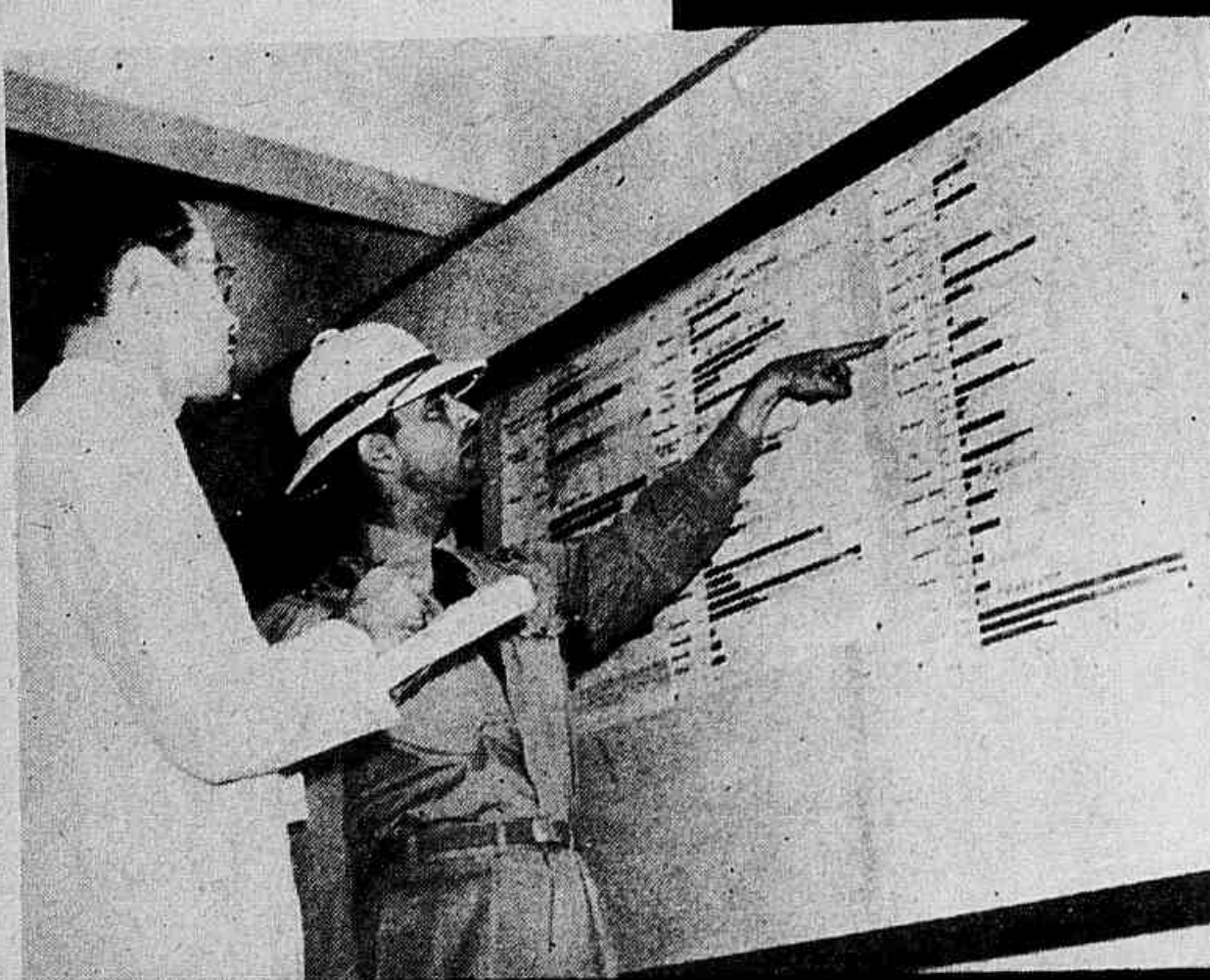


ALUNOS PARAGUAIOS — Atendendo a um oferecimento do nosso Governo, o Paraguai enviou à E. A. treze alunos, sendo nove oficiais e quatro cadetes. Eis alguns deles. Da esquerda para a direita: tenentes Epifanio Ovando, Júlio De Filippi, Damian Fretes Yodice, José A. Duarte e cadete Ginb.

nete e tratou de arranjar um paraquedas que é objeto útil aos cavaleiros do ar. No entanto, Sancho não o poderia abandonar. Sua fidelidade não o permitiria. Continua presente no espírito dos novos homens uma *parcela* do escudeiro. A sensatez, a mordacidade, e riso — a voz da consciência, em face dos caprichos do herói. Do *conflito* dos dois nasce um *diálogo*. Diálogo ou monólogo? É a gíria, dinheiro circulante do bom-humor. Querem amostras?

Pé de chumbo — o que pisa nos lemes com muita força, durante as manobras. *Mão de seda*, expressão irônica, significa o contrário — o que é suave nas operações. *Carlevar* é pousar com jeito, elegância, coisa que os *navalhas* não fazem. Os malucos são cognominados *birutas*, *descontraídos*, ha também os *contraídos*, aqueles que prezam a *pele* quasi ao extremo. Quando um sujeito morre, diz-se que *espelou*. Aliás, na ideia de morte reside o manancial mais farto do humorismo dos cadetes. Os

Conclue na pág. 29



OUVINDO O DIRETOR DE ENSINO — A REVISTA DA SEMANA recebeu, na Escola de Aeronáutica, as mais honrosas atenções, inclusive do comandante, coronel Henrique Dyott Fontenele, que autorizou a reportagem. Na fotografia aparece o major Nelson Wanderley, prestando informações relativas ao gráfico de todo o movimento da Escola.



RANCHO — A hora das refeições é um momento de confraternização geral. E' mesmo um dos poucos instantes em que esta mocidade se afasta da trepidação dos motores e disputa o santo prazer de alguns momentos de paz. As atenções estão voltadas para o comandante da Escola...

ERA advogado rico, solteiro, a beirar os cinquenta, muito engraçado e grande de estroina o inteligente Cineu.

Casar? União de dois corpos com ou sem separação de bens? O problema mais complicado que julgava existir na vida do gênero humano. Para ele, era o homem casado o tipo mais idiota e ridículo que vivia sobre a terra, enquanto não fosse o mais exótico. Não havia estado mais picarresco, chulo! Quando lhe falavam em casamento, esticava o index da dextra e abalava-o para um e outro lado a acenar com trejeitos: NÃO!

♦ ♦ ♦

PARA o bungalow fronteiro ao apartamento em que morava Cineu, mudou-se distinta família.

Em uma manhã, abria ele despreocupadamente a janela da sala, quando viu bonito quadro e ficou em doce enlévo.

Na sacada do bungalow achava-se graciosa senhorita, franzina, esbelta — a mulher mais romântica, mais bela por ele conhecida.

A face tinha côr pálida; porém não era a palidez doentia: era a palidez, por artifício, comovedora. Isso preferia ao rubor, por artifício, incentivo.

Eram negros os seus cabelos, ao de leve ondulados, e tão bonitos que a todos maravilhavam; e os olhos de amena luz, negros também, e tão encantadores que os anjos dos céus cobiçariam tê-los.

A rósea boca, pequenina, era mimoso colre de pérolas.

Em tudo mais, tinha o semblante feições delicadas.

Parecia conversar a senhorita com um canário amarelo, em deitada gaiola; e o gentil prisioneiro, em maviosa linguagem de doce e harmonioso trinado, a modo lhe recitava madrigais. Ela, com meiguice de encantar, ria para o trovador matutino e olhava-o com a ternura da namorada submissa ao bem amado.

E consigo dizia Cineu:

— A voz do canoro passarinho, produzida pela modificação da extremidade inferior da garganta que forma a siringe, enleva as pessoas que dele se acercam; por isso, ela contempla com êxtase a figurinha alada, cujo canto lhe causa admiração profunda. E que ameníssima prisão é aquela para o feliz canário! Como a deidade chega a face à gaiola... Se o soltasse, tornaria ao delicioso cárcere. Tornaria, sim, porque teria saudade do místico arôma das faces dela. E que sutil perfume não de exalar os cabelos assetinados... Ah! o perfume dos cabelos há de atrair. Lá se vai ele chegando... lá vai... Deu bicada de leve na cabeça da linda pequena; mas aquilo foi um beijo que o passarinho deu... foi um beijo!

Cineu recolheu-se visivelmente acabrunhado e sorriu-se em seguida da sua infantilidade quase ridícula. Com franqueza, não era lícito; fôra pouco generoso tomar como rival a tímida avezinha.

Reconheceu possuir sentimento negro, como a negra personagem brutal em quem se sentiu encarnado. Refletiu em seguida, meditou acerca do caso e não soube explicar a si próprio se aquilo era inveja ou ciúme.

Teve inveja do canário; sim, teve. Porém inveja é o mal sentido pela felicidade alheia; é ação vil de pessoa desprezível; e esse sentimento era indigno de generoso advogado.

Foi ciúme talvez; sim, foi. Porém ciúme é a desconfiança nutrida de querer o ente amado preferir outra pessoa, mas, com franqueza, nunca um passarinho; e, sendo a vez primeira que viu aquela jovem, não poderia esta produzir nele semelhante sentimento.

Podia... E' que a amou instantaneamente quando a viu, sob forte impressão; é que o mistério do amor deixou ficar Cineu, desde aquele momento, cego de paixão.

Pouco tempo depois, conseguiu ser apresentado à deidade; e esta também assaz se impressionou com quem por ela se apaixonara; tanto mais quando soubera da mudança de parecer acerca da antipatia pela condição social do homem casado.

Dizia Cineu ser como o poeta: amava todas as mulheres; entretanto Iêda fê-lo mudar de idéias.

No fim de poucos meses, contrataram casamento. Poucos meses mais, casaram. Foram morar em luxuoso apartamento da Avenida Atlântica; e, cada dia, mais se estimavam e cada vez mais se compreendiam. Se algo desejava um, ia o outro imediatamente ao encontro do desejo do seu par.

Uma vez, se remexia Cineu na cama à meia noite.

Indagou a esposa se estava ele sentindo alguma coisa.

Não. Era falta de sono e vontade de comer um churrasco.

Se quizesse, ia ela buscar um doce.

Não. Só lhe agradaria um churrasco. Havia tantos restaurantes onde se poderia.

Pois bem. Ela o acompanharia no assado de espêto.

"NÃO"

Conto de **HORMINO LYRA**



"Mulher ideal aquela, pensava ele, — amiga incondicional..."

Vestiram-se contentes. Pegaram a baratinha, presente de noivado de Cineu a Iêda. Esta acionou o motor; pôs o automóvel em movimento; puzeram-se a caminho do restaurante. E Cineu sentiu-se o homem mais feliz dentre os homens, por haver encontrado mulher que o acompanhava às extravagâncias.

Algumas vezes, iam pela madrugada a petiscar aos restaurantes elegantes; e muitas vezes trocavam os dias pelas noites.

E os passeios pedestres à beira mar em noites tempestuosas?! Iam sonhar dentro da noite, na frase do advogado, no meio das trevas, à mercê dos ventos violentos... Uma delícia!

Mulher ideal aquela, assegurava; amiga incondicional...

Marido bom aquele, afirmava a companheira, cujo miolo era igualzinho ao seu... Se havia algum estrago no dele, estava o dela em idênticas condições.

Nunca duas almas se compreenderam tanto e nunca se uniram nem combinaram de modo mais perfeito.

Porem, como tudo que é bom dura pouco, um dia Iêda foi acometida de insulto de uremia e rendeu alma ao Criador.

Trancou-se o advogado num quarto e não teve coragem de falar a ninguém no dia do enterro da gentil esposa. De quando em quando se ouviam urros pavorosos; pranteava-se. De dôr esfaçalhava-se o coração dele, como lhe parecia. Carpiá incessantemente.

E muito tempo andou assim, sem saber o que maior: se a felicidade completa dos dias vividos com Iêda, se a imensa dôr da separação, se a grande saudade que o devorava...

♦ ♦ ♦

UM dia, sem querer, encontrou substituta para a sua querida. Amiga de Iêda, admiradora de Cineu que conhecia de perto as extravagâncias dele, não poderia o advogado topor com mulherzinha em melhor condição de minorar os seus sofrimentos. Até o nome era o mesmo. Amiga, homônima, igual porte...

Foi feliz no primeiro matrimônio, portanto não era demais arriscar... E casou pela segunda vez.

Porem Iêda II vinha disposta a corrigir as malquices de Cineu, como em segredo ela o dissera a alguém.

A vez primeira que o marido se remexeu na cama, em memorável meia noite, com disposição a entrar num churrasco, foi acremente censurado, taxando-se-lhe de velho sapeca, miolo mole!

Amou-se, virou-se para o canto e já não dormiu.

No outro dia, por birra, agarrou-se ao único retrato de Iêda I e contemplava-o com lágrimas, quando chegou Iêda II e arrebatou a fotografia, rasgando-a nas bochechas dele. Levantou-se então furibundo e só lhe acudiu d'zer-lhe: "Jararaca"!

Ateu-se a desinteligência; subiu a fogueira da cólera de tal forma que impossível seria aplacá-la.

Contudo aventurou Cineu fazer outras tentativas acerca das suas singularidades; mas ganhava, na certa, insultos de palavras.

Uma vez resolveu ele: sairia naquela noite; sairia só, se não se resolvesse ela a acompanhá-lo.

Fez a tentativa. Em vão. Sairia só: era resolução inabalável.

Podia sair, retrucara energicamente a esposa, mas sob a condição de não tornar ao ninho.

Aceitou a proposta. Vestiu-se à pressa. Saiu a correr rua a fora. Enfim, livrei! Homem livre! Senhor das suas ações!

Parecia um criminoso que fugira à justiça ou pássaro que escapara da gaiola. Farreou a noite inteira. Jamais voltaria ao ninho.

Tinha medo da jararaca. Deus o livrasse de um dia ver a cara daquela bicha braba.

Sustentava a casa. Dava grande mesada à esposa, de quem se não divorciou.

Entretanto não queria vê-la. Comprou tudo novo para si, a fim de nada vir de lá. Nada. Nem uma só lembrança que ficasse na retentiva da víbora assanhadiça, nem sequer através de rápido lancear de olhos.

Andava de hotel em hotel, de pensão em pensão; e o ódio cada vez mais implacável. Jararaca havia feito a sua infelicidade, dizia sempre; sempre repetia.

E até à porta da morte, quando numa casa de saúde se lembrara alguém de mandar chamar Dona Iêda, desassossegoou-o a idéia. Arregalou os grandes olhos, esticou o indicador da direita e abalou-o para um e outro lado: não!

Era velha mania sua esse aceno com o dedo; porem dizia sempre que não casaria mas, de livre vontade, casou mais de uma vez, assegurava outrem. A verdade é, prosseguira: nem sempre trabalha a mão de acordo com a cabeça; nem sempre funciona aquela depois de meditar esta acerca do objeto em causa; e a primeira muitas vezes escreve mecanicamente não, quando a segunda, momentos depois de considerar o assunto em todos os aspectos, entende deveria ter escrito de modo afirmativo.

Arregalou de novo os olhos e com dificuldade quis retrucar Cineu — que fazia com o dedo, era certo; tá-lo-ia, porém, agora com a cabeça também. Levantou-a um pouco e com esta acenou para dizer de modo categórico, positivo, claro: não!

♦ ♦ ♦ ♦ ♦

Escragnolle Doria

SECULOS DE CARMELO

Nossa imprensa tem agora adotado o bom costume de não esquecer os de casa na celebração de centenários, já natalícios, já mortuários. Preiteira brasileiros ilustres ou dignos e lembra sucessos patrios merecedores de repetida memória por alta ou útil significação.

A filhos cu acontecimentos do Rio de Janeiro tem cabido homenagens na celebração de centurias a entenderem com berços, tumulos ou fatos memoráveis. Assinalaremos hoje, particularmente a cariocas, um centenário que pôde parecer a principio de pouca importancia, adquirindo porém relevo e valia se considerado ás luzes do tempo, da tradição, da reflexão e do amor á cidade-mór do Brasil imenso: o Rio de Janeiro.

No coração deste existe a rua do Riachuelo, longa, sinuosa, em certas partes aladeirada, com edificios lado e outro, dando abrigo a gente outrora abrangida pela bela denominação de "almas".

Bem diverso no sitio actual era o panorama urbano do século XVIII, no ano da graça de 1742. Então o Rio de Janeiro mais se refugiava em intimidade na sua parte primitiva descida do acolinado Castelo para a Varzea do Carmo.

No Rio de Janeiro de 1742 vivia uma moça de vinte e sete anos, em lar de pais e irmãos. Piedosa, procurava afastar-se dos reboliços do século a exemplo dos animos que Deus intenta chamar a si em prenuncio de gloria eterna.

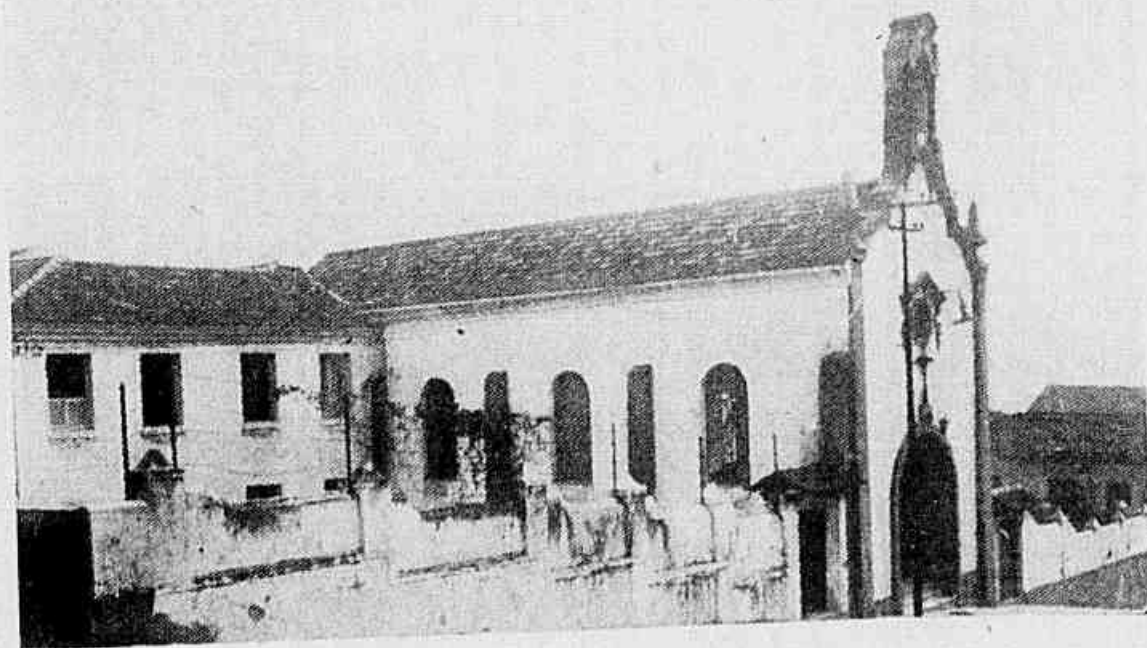
E' sabido que certa manhã, tornada da missa, Jacinta Ayres, pelo lado materno Lemes Pereira, passou pelo caminho de Matacavalos, ora rua do Riachuelo. Deu de vista numa chacara deserta, cercada por arvores de espinho, ao centro uma casa abandonada de trato pendendo a ruína. Chacara da Bica era chamada a propriedade, provavelmente por possuir agua de mina.

Corações votados á meditação do nada terreno na esperança do tudo infinito aneiam por silencio e retiro. Da passagem pelo caminho de Macavalos recolheu Jacinta a idéa de utilizar a chacara da Bica. Pedio a um tio, Manoel Pereira Ramos, sem duvida senhor de bons cruzados, que dispusesse de uns tantos para aquisição da chacara, comprada em Março de 1742.

Externou Jacinta desde logo firme resolução, a de sem demora residir só na chacara da Bica. Nela armou nicho para o Menino Jesus, dando ao nicho moldura de arvoredos e flôres. Não tardou a reunir-se a Jacinta sua irmã Francisca. Ambas resolveram usar os nomes de Jacinta de S. José e Francisca de Jesus Maria, reunindo assim a Sagrada Familia.

O nicho da chacara passou a ermida, autorizada no proprio 1742, ás fundadoras da ermida ajuntando-se outras moças e senhoras. Tudo chegou ao conhecimento do governador do Rio de Janeiro e Minas, Gomes Freire de Andrade, sargento mór de batalha ou general dos exercitos de D. João V, conscio Gomes Freire de acima da corôa haver o Deus dos Exércitos. Gomes Freire entendeu pensionar mensalmente as recolhidas do Menino Deus. Em 1748 a morte delas apartou uma das fundadoras, Francisca de Jesus Maria.

Jacinta de S. José, privada da irmã, confiou em Deus e no amparo de Gomes Freire. Pretendeu este alargar a protecção fundando um convento, dispondo-se a ampliar a obra de Jacinta. Sobranceiro á chacara da Bica ficava o morro do Des-



O convento carmelitano da Santissima Trindade em Todos os Santos. Rio de Janeiro.

terro, onde o governador mandou lançar a primeira pedra de mosteiro, com a maior solenidade, aos 24 de Junho de 1750, D. frei Antonio do Desterro bispo da diocese.

Oito anos havia então Jacinta morado em Matacavalos. Rapido edificaram o convento, tanto que, a 24 de Junho de 1751, Jacinta e suas companheiras deixavam a chacara onde encontrara sepultura Francisca de Jesus Maria.

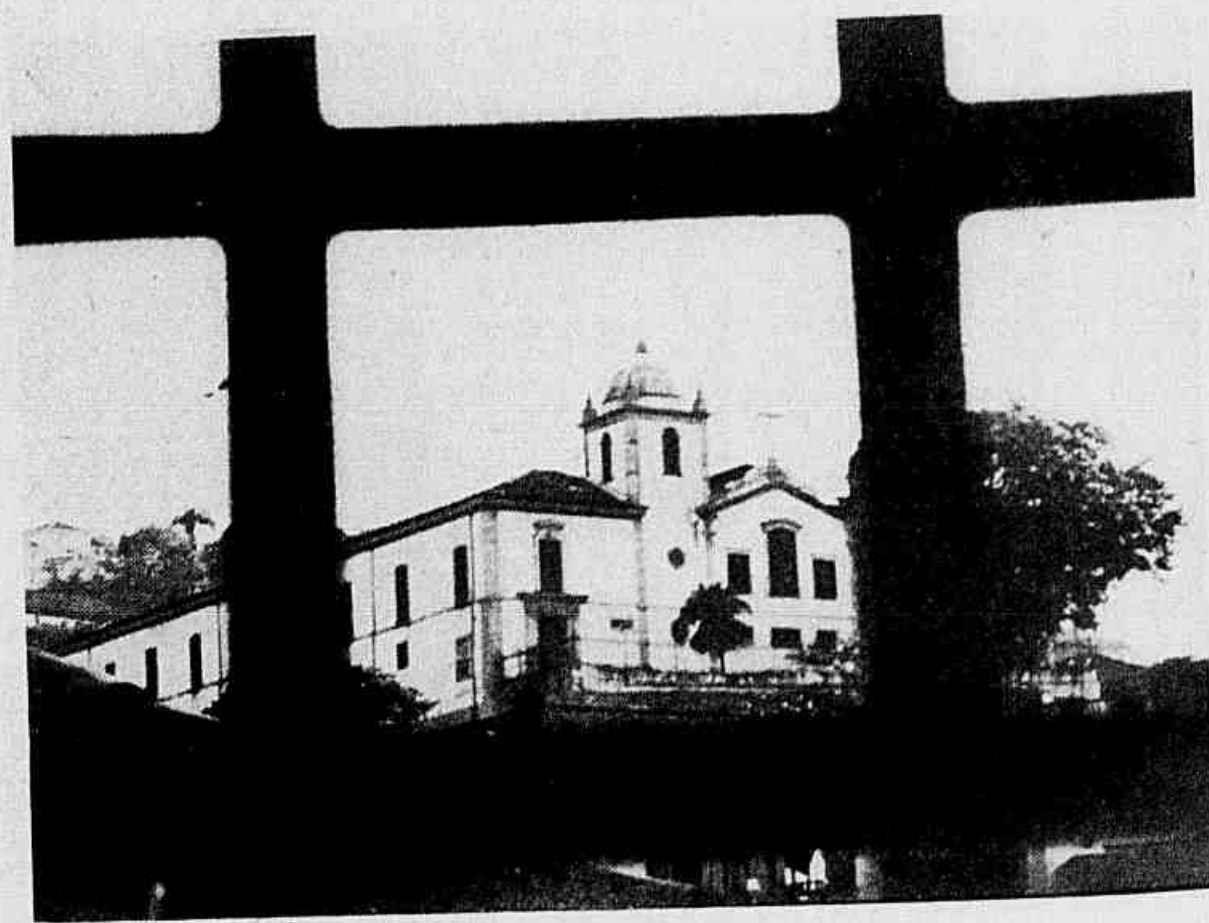
A s primeiras noviças do convento do Desterro passadas da planície a morro receberam do bispo ordem de professar a regra das clarissas, com o que se não conformaram Gomes Freire e Jacinta. Em 1753 lá se foi esta, em companhia de irmão sacerdote, até Lisboa, a rogar a D. José I, filial sucessor de D. João V, a observancia da regra carmelitana, pelo bispo julgada incompativel com rigor do clima no Rio de Janeiro. Da corôa conseguiu Jacinta a graça impetrada, o bispo ainda assim a ela oposto.

No decurso da resistencia episcopal, a 1.º de Janeiro de 1765, faleceu Gomes Freire, o benemerito conde de Bobadella. Um lugar estava indicado para sua sepultura, igreja do convento do Desterro. Cinco anos depois ao lado do seu tumulo sem epitafio abria-se outro para Jacinta de S. José.

Nem o militar prestante nem a serva de Deus, que por Elle militara, conseguiram tornar carmelitas as que haviam reunido e protegido. Só em 1777 alcançaram a graça tão almejada por Bobadella e Jacinta. Não mais relutou D. frei Antonio do Desterro querendo clarissas quantas desejavam ser carmelitas. Cessara a resistencia do bispo pela razão funda de sua sepultura sob as lages do mosteiro de S. Bento.

Bobadella e Jacinta haviam sido bons semeadores, de regra que estes não colham frutos. Novo bispo da diocese fluminense, e por signal caríoca, D. Justiniano Mascarenhas, daria instituição e clausura canonica ás novas carmelitas. Saíram em procissão do convento da Ajuda ao Boqueirão do Passeio, a 15 de Junho de 1780, não tardando ás religiosas recebimento de habito e véo.

Começava a vida de mais um convento no Rio de Janeiro, e tal vida nele dura



O mosteiro de Santa Teresa no morro do mesmo nome no Rio de Janeiro.

ha cento e sessenta e dois anos sob a invocação de Santa Teresa, o nome da santa que passou a designar o antigo morro do Desterro.

A 8 de Dezembro de 1861, na luz do dia da Conceição, professou a ultima noviça, vedado pelo poder civil o ingresso nas ordens conventuais. O prestimoso Moreira de Azevedo consignou a existencia de onze freiras em 1875, o convento de Santa Teresa só recolhendo vinte e uma. Com a Republica, pela separação de Igreja e Estado, renasceria a vida conventual no Brasil. Em varios mosteiros fôra conservada pela longevidade de religiosas e de religiosos. A primeira priora do convento de Santa Teresa, madre Maria da Encarnação, companheira de Jacinta, regeu comunidade de 1781 a 1854, falecendo quasi centenaria, a sub-priora, Inácia Catarina de Jesus, morrendo otogenaria em 1849.

De 1781 até os dias presentes as carmelitas de Santa Teresa seguem a regra traçada pela unica mulher que da Igreja mereceu o titulo de Doutora, nascida Teresa de Cepeda, para Teresa de Avila, legar nativo, afinal venerada como Santa Teresa.

De berço em Castela Velha, a 28 de Março de 1515, quando Balboa se encontrava na presença serenamente majestosa do Oceano Pacifico, Teresa de Cepeda a principio gosou mundo, com tanto maior prazer deste quanto ela era formosa. Mais tarde confessaria lealmente: diziam-me bela, tive a fraqueza de acreditar. Reservava Deus a uma mulher força grande na vida religiosa e nome imortal na historia dos homens.

Noviça com pouco mais de vinte anos, professa Teresa a 31 de Outubro de 1536, no convento carmelitano de N. S. da Encarnação de Avila. No discurso do tempo e lutando muito tornar-se-ia a reformadora do Carmelo, ordem dividida em 1593 em dous ramos, o dos carmelitas calçados e o dos carmelitas descalços, isto é sem meias e usando sandalias. A maior flôr deste ramo é Santa Teresa de Jesus.

O estudo das constituições das ordens monasticas mostra os profundos conhecimentos de quem as compôs com simplicidade, amiga da perfeição. Santa Teresa

Urca



Cigarros de Luxa

SUAVE MISTURA DE FUMOS BRASILEIROS

MAÇO 1\$200 • TIPO AMERICANO

É BOM PORQUE É *Sudan*

A FAMA

traçou á carmelita descalça toda a sua vida conventual do noviciado á profissão, do ensaio de vocação ao voto perpetuo.

A família em Deus de cada convento carmelitano abrange tres grupos distintos em uma só comunidade verdadeira, o grupo das noviças, o das professoras e o das irmãs leigas, as segundas também conhecidas por irmãs de côro e as terceiras por irmãs conversas. A principio Santa Teresa não desejou distincção entre professoras e conversas, estas sob a proteção de Santa Marta, todas as carmelitas reclamando para si o *sub lum praesi diu confugimus, sancta Dei Genitrix*.

Oração, penitencia, labor resumem a vida carmelitana da manhã á noite, esta propiciada a cada filha de Santa Teresa por um *Noctem quietam et finem perfectum concedat tibi Dominus omnipotens*, voto que vai pairar da treva á aurora sobre a cama alva e dura da carmelita descalça.

Dentro da clausura ha dias de festa, deles maior o Natal, de missa entre matinas e laudes. Como ficar o Carmelo sem alegrias do Natal, se são as da terra inteira? Jesus nasce, para dividir a Historia e unir a humanidade. Em compensação a Paixão e Morte de Cristo aumenta o silencio carmelitano, desde o domingo de Ramos, tão grato a Santa Teresa, até a domingo da Ressurreição. Nela os cantos se elevam, cantos cuvidos sempre e particularmente em Março que exprime S. José, em Maio, quando as flôres vão a Maria, em Junho, mês traido ao Coração de Jesus.

Cumpria dizer tudo isto porque não falta quem suponha a vida conventual só mortificações, tristezas, prisão sem luz a prescrever do seculo.

No Rio de Janeiro dous conventos carmelitanos existem: o de Santa Teresa,



A capela do Menino Deus na rua do Riachuelo em parte da antiga chacara da Bica.

no alto do morro ao qual se apegua o nome da santa e o convento da Santissima Trindade em outro alto no suburbio de Todos os Santos no antigo morro das Dôres.

Nos fundos do convento de Santa Teresa ha pequena necropole bem digna de imagem; guarda os restos mortais do conde de Bobadella e de Jacinta de S. José, trasladados da igreja do mosteiro secularmente posto á vista de grande parte da cidade e constituindo tradição dela em espirito, pedra e cal.

Não só Bobadella e Jacinta repousaram no presbiterio da igreja do mosteiro teresiano, também nele se fez a jazigo de capela-mór o marechal José de Albuquerque Souza Muniz, marquês de Angeja, falecido em 1811, e a indicação de seu tumulo se deve a laboriosa pesquisa de Laurencio Lago.

No afastado e tranquilo Todos os Santos ergue-se o convento carmelitano da Santissima Trindade já bem conhecido e reverenciado na povoada zona suburbana.

Outra ora no Rio de Janeiro o toque de recolher, que celebrizou o intendente de policia Aragão, era dado por sinos da cidade. Sobretudo os escravos deviam ouvir o bem, evitando buscas e prisões de autoridades. O sino do convento de Santa Teresa era o ultimo a badalar permitindo dar de pernas a cativos atrasados na esperança de chegar a tempo e a salvo de penas. Os beneficiados ignoravam que o deviam á misericórdia proposital ou não das monjas de Santa Teresa. São figuras inapagaveis na historia carioca, na modestia de seus véos, no imperceptível ruido de suas sandalias, no orar pelos que não oram, no seu esperançoso escondido de vida contemplativa. Saiba-o a cidade não só agora, sempre.

NÃO ESCONDA

A GRAÇA NATURAL DA SUA PELE

As imperfeições da sua cutis — consequência, talvez, do rigor do Sol... Vento... Frio e intempéries — merecem maiores cuidados. Não arrisque seus encantos! Os artificios — que a Sra. usa para encobri-las — desmerecem a sua graça natural.



-CORRUA

AGORA, AS MANCHAS DO SEU ROSTO!

Prolongue a juventude da sua formosura, usando diariamente o Leite de Colônia. Leite de Colônia elimina manchas, sardas, cravos e espinhas. Aplique-o pela manhã e á noite. E o seu rosto ganhará um fascinante assetinado. Leite de Colônia é a fórmula de beleza do Dr. Studart, consagrada pelas mais formosas mulheres brasileiras. Leite de Colônia limpa, alveja e amacia a pele. Insista sempre em Leite de Colônia para conservar o seu rosto jovem e sedutor.



Leite de Colonia



STAFIX fixa o penteado, mantendo-o sempre elegante. dá brilho ao cabelo de senhoras e cavalheiros.

Unem-se descendentes de Pedro I e D. Miguel

O primeiro casamento de príncipes que se realiza no Brasil república. O que foram as magníficas cerimônias havidas em torno do enlace Duque de Bragança == Princesa Maria Francisca de Orléans e Bragança



A cerimônia civil realizada na Embaixada de Portugal na tarde do dia treze.

A cerimônia civil do casamento do Duque de Bragança e a princesa da imperial família do Brasil realizou-se dois dias antes do ato religioso, ou mais precisamente na tarde do dia 13 de Outubro. D. Duarte Nuno, como chefe da Casa de Bragança e pretendente ao trono de Portugal, houve por bem realizar o casamento em acordo com a lei civil lusitana, na sede da Embaixada do seu país. D. Maria Francisca, que se ligou por esse ato a um neto de D. Miguel, é filha de D. Pedro de Alcantara, primogênito da Imperatriz-Izabel, neta



A princesa Maria Francisca assinando a folha do registo civil.

portanto de D. Pedro II. Esse casamento significa a união dos dois ramos da antiga família real portuguesa, separados desde a cisão de D. Miguel e D. Pedro IV. Não obstante haja uma diferença de duas gerações entre o noivo e a noiva — D. Nuno é neto de D. Miguel, ao passo que D. Maria Francisca é trineta de D. Pedro IV — ele é apenas sete anos mais velho do que ela.

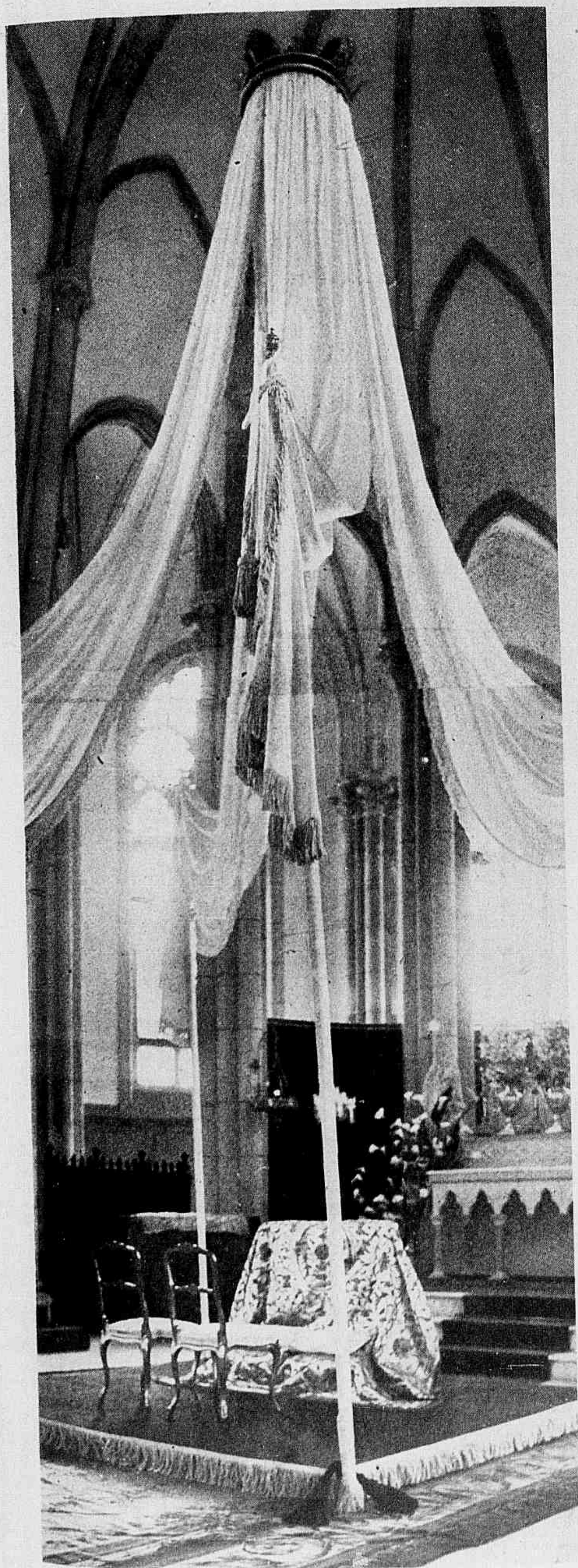
Foram testemunhas do ato, pelo noivo, o Barão de Saavedra e pela noiva o Dr. Americo de Oliveira Castro.

Membros das famílias da noiva e do noivo assistindo à cerimônia.

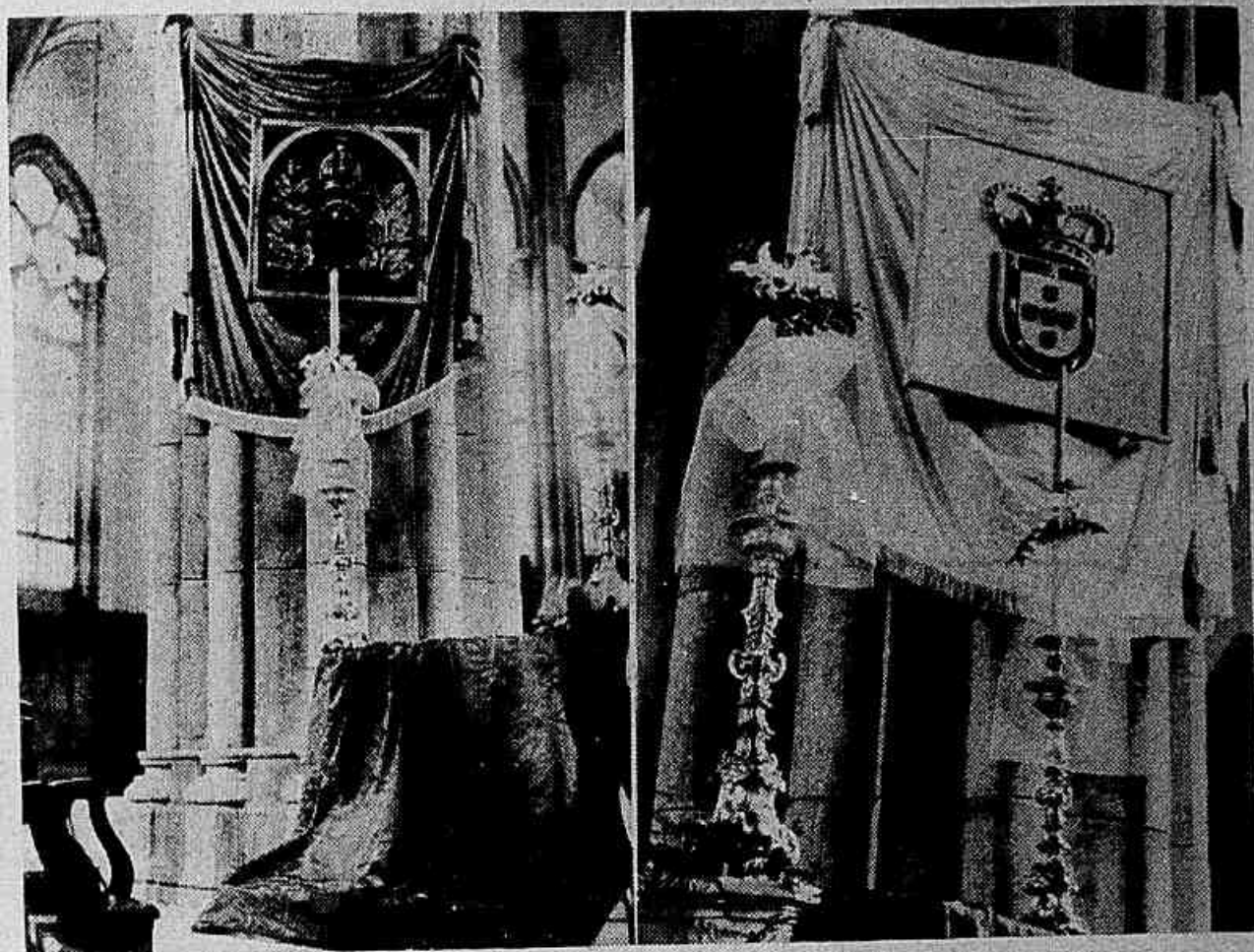
A princesa Maria Francisca e o príncipe D. Nuno ao champagne, após a solenidade.



A ORNAMENTAÇÃO DA CATEDRAL DE PETROPOLIS

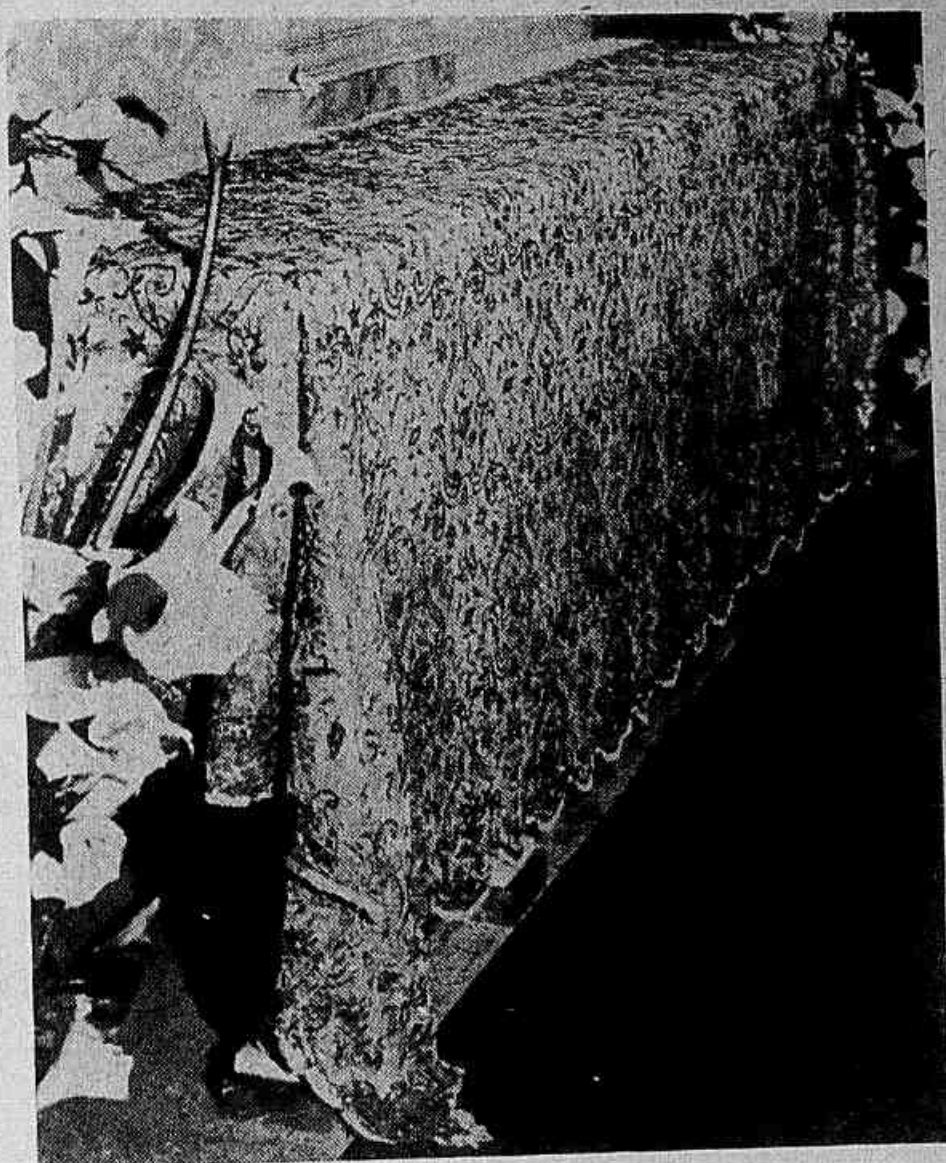


dossal sob o qual permaneceram os príncipes durante o ato do casamento. No cimo está colocada a corôa dos Braganças.

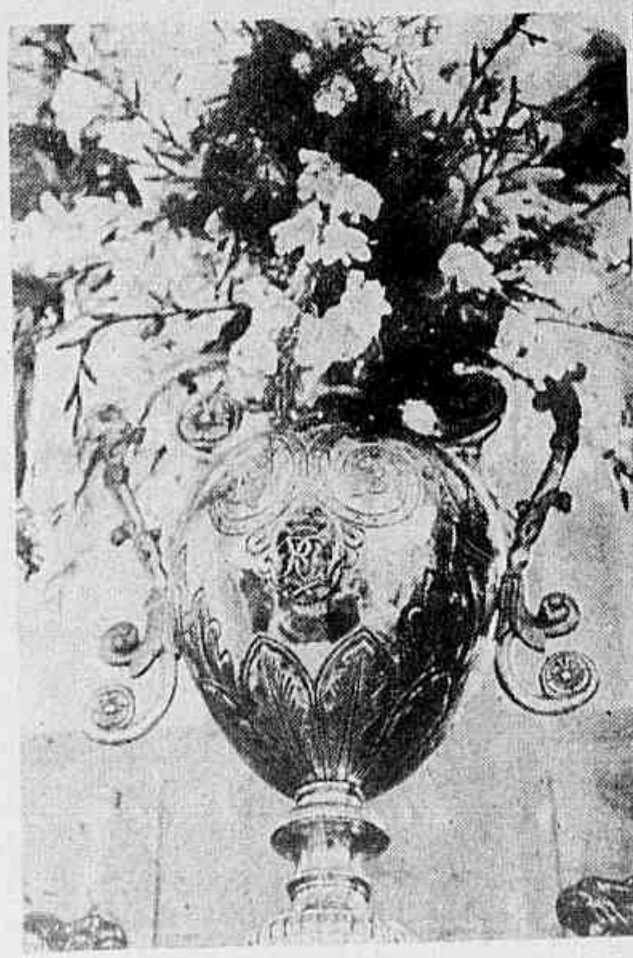


De um e outro lado do altar, presos a pilares da nave central, viam-se os brasões da família imperial brasileira e da família real portuguesa.

A catedral de Petropolis, onde se realizou a cerimônia religiosa do casamento de D. Duarte Nuno e a princesa Maria Francisca, foi ornamentada com flagrante simplicidade. Purpura e branco eram as cores predominantes. Moveis, toalhas, tapetes, castiçais e jarras da época imperial brasileira. Tudo disposto com esmerada simplicidade e bastante bom gosto. Flores, principalmente orquídeas brancas, completavam a ornamentação que se resumia, pode-se dizer, ao altar e parte fronteira, pois toda a nave central quase que carecia de qualquer adorno. Alguns tapetes de Aubusson e colchas de damasco e seda vermelha eram as notas mais sugestivas da ornamentação.



A toalha de ouro doada pela Imperatriz à Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, forrando o altar da Catedral de Petropolis especialmente para a solenidade do casamento. Essa toalha, maravilhosa obra de arte, foi um presente de um marajá da Índia à Imperatriz brasileira.



A Irmandade da Glória do Outeiro cedeu ainda, para a solenidade, duas jarras e seis crucifixos de prata da época de D. João VI onde se vêem armas reais portuguesas.



Familia Viscondz de Odivellas

Pelas portas laterais do templo penetraram na catedral de Petrópolis os inumeros convidados, que foram recebidos pelos encarregados do protocolo. O povo aglomerou-se para apreciar as ricas toilettes

A chegada dos convidados



Familias Marquez e Matos Vieira.



Familia Cesar Proença

e o espetáculo pouco vulgar em nossos dias da exibição de fraques, casacas e cartolas. Um pedaço de manhã bonita, que se não prolongaria muito, permitiu-nos fixar os aspectos que damos nesta página.



Senhora Barquez Macedo



Casal Carlos Guinle



Senhora José de Verda

EM FRENTE AO ALTAR

A's 11 horas e 30 minutos entram pela porta frontal do templo os noivos. Forma-se um cortejo encabeçado pelos meninos de côro da Matriz, aos quais seguem os camaristas portugueses condes de Pombeiro e Covilhã, Luiz de Albuquerque D'Orey e o marquês de Pombal, e brasileiros srs. Oliveira Castro, Manoel Augusto da Motta Maia, Guerreiro de Castro e Cardoso de Miranda. O barão de Saavedra e o conselheiro Camelo Lampreia, representando este a rainha D. Amélia, veem logo em seguida. Guardando a distancia protocolar, passa, pelo braço do irmão, o príncipe D. Pedro, a princesa Maria Francisca. Sustentando o seu riquíssimo véu da noiva, estava o coronel Torres Guimarães, mais antigo dignitário da imperial família do Brasil. A seguir, pelo braço da princesa Elisabeth, viúva do príncipe de Grão Pará e mãe da noiva, atravessou a nave do templo D. Duarte Nuno, seguido de sua irmã, a infanta D. Felipa, que ia pelo braço do príncipe João, irmão da noiva. Fecham o cortejo o conde d'Almada, a princesa D. Maria Terêsa, irmã da noiva, e a baronesa de Saavedra.

Em frente ao altar, os noivos ajoelharam sobre uma riquíssima colcha de setim branco, indiano, bordada a ouro e que pertenceu ao duque de Palmela. D. José, bispo de Niterói, celebrou os sacramentos paramentado com as vestes prelatias e ornado de mitra e baculo. Esses paramentos foram especialmente trazidos para o ato, da catedral de Mariana, em Minas Gerais.

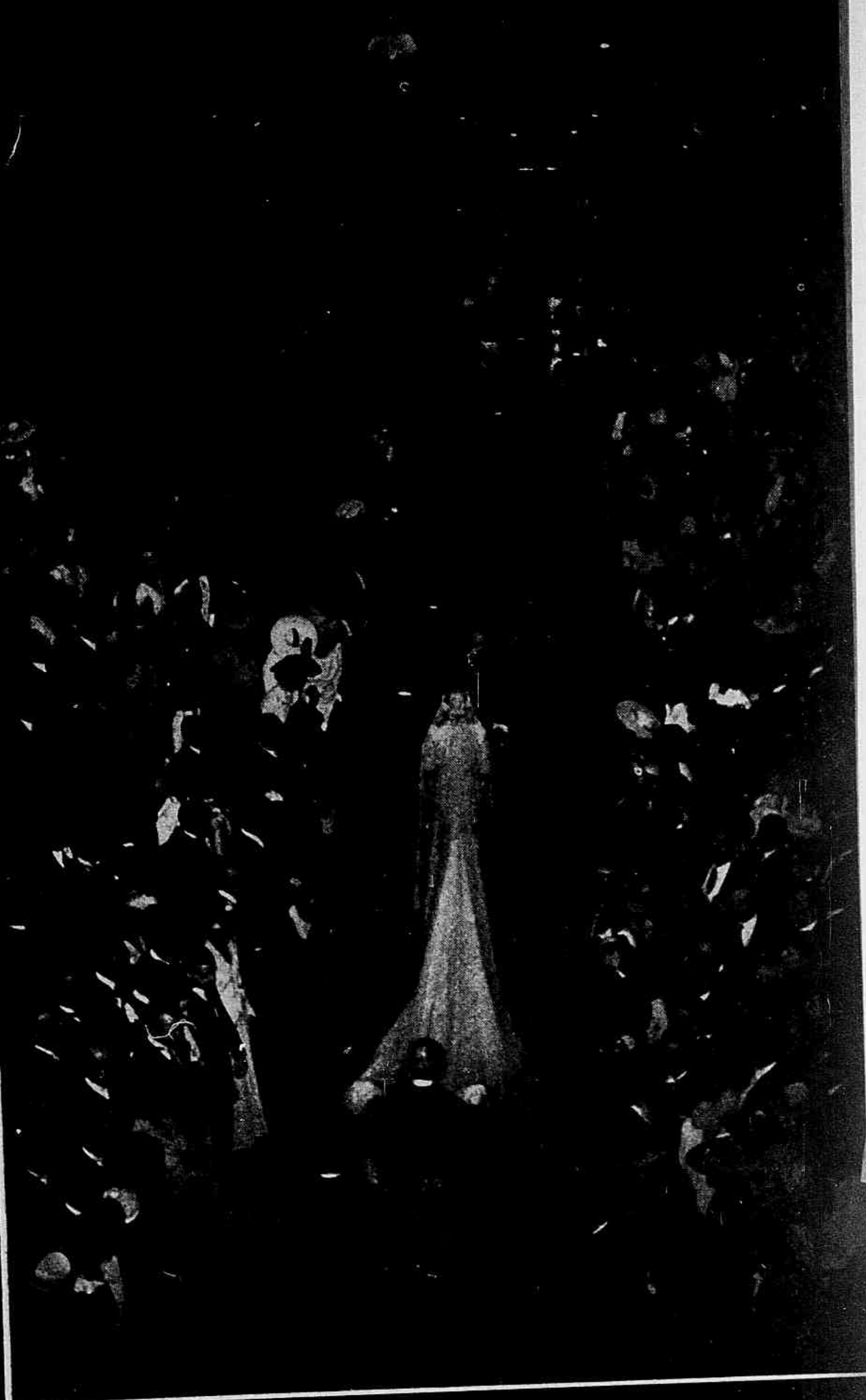
Após a celebração do casamento é rezada a missa *pro sponsis*. Nessa missa foi lido o trecho do Evangelho de São Mateus, em que Jesus reafirma a indissolubilidade do matrimônio. Logo após o mestre de cerimônias convida os nubentes a se aproximarem do altar, onde recebem a lenção nupcial.

Da ata que foi lavrada, extraímos o seguinte trecho: "perante Deus se receberam em matrimônio sua alteza real o Príncipe Senhor Dom Duarte Nuno Fernando Maria Miguel Gabriel Rafael Francisco Xavier Raimundo Antonio, Duque de Bragança, bailio e grã-cruz da Ordem Soberana de Malta, e sua alteza imperial a Princesa D. Maria Francisca Amelia Luiza Vitoria Tereza Elisabeth de Orleans e Bragança: ele, português, com trinta e cinco anos de idade, nascido e batizado no castelo de Seebenstein a 23 de Setembro de 1907, filho legítimo de sua alteza real o Duque Dom Miguel de Bragança e de sua alteza real a Princesa Dona Teresa de Lowenstein-Wertheim-Rosenberg, Duquesa de Bragança; ela, brasileira, com vinte e oito anos de idade, nascida e batizada no Castelo d'Eu a 8 de Setembro de 1914, filha legítima de sua alteza imperial e real o Príncipe de Grão Pará o Senhor Dom Pedro d'Alcantara, Luiz Felipe de Orléans e Bragança e de sua alteza imperial e real a Princesa Dona Elisabeth de Orléans e Bragança.

Os que não possuíam um convite especial não se deixavam vencer pelas dificuldades. Veja o leitor como se souberam defender êsses dois pequenos que do balcão acompanharam a bela cerimônia.



A Solenidade religiosa



CHECADA A' IGREJA — Não obstante a manhã ter sido clara e bela, uma chuva antecedida dos denso "russo" caiu sobre Petrópolis justamente à hora da chegada à catedral os reais noivos. A multidão defendeu-se como pôde, mas não abandonou os seus postos. Quando a noiva subia as escadarias, saudou-a uma intensa salva de palmas. Os convidados haviam entrado pela porta lateral da igreja, conforme o protocolo pre-estabelecido.

CAMINHANDO PARA O ALTAR — Todos de pé, iluminada a nave, os noivos caminharam para o altar. Como uma onda irresistível, a massa de som do órgão, pura e límpida, penetrou todos os seres. Formando um cortejo, iam na frente os meninos de cântico da Matriz seguidos pelos camaristas portugueses e brasileiros. A princesa Maria Francisca foi conduzida ao altar por seu irmão o príncipe D. Pedro.

chuva antecedida dos denso "russo" caiu sobre Petropolis justamente a hora da chegada á catedral os reais noivos. A multidão defendeu-se como pôde, mas não abandonou os seus postos. Quando a noiva subia as escadarias, saudou-a uma intensa salva de palmas. Os convidados haviam entrado pela porta lateral da igreja, conforme o protocolo pre-estabelecido.

frente os membros da família imperial brasileira. A princesa Maria Francisca foi conduzida ao altar por seu irmão, o príncipe D. Pedro.



OS CONVIDADOS — Em acordo com a norma protocolar pre-estabelecida, as senhoras compareceram de chapéu e vestido comprido, e os senhores de fraque ou casaca. Para todos os convidados havia logares pre-designados. Pouco depois da entrada dos noivos, entretanto, o povo insistia em entrar no templo, tendo-lhe sido as portas abertas. Ante o ardor da gente desta terra, não há protocolo que não se dilua.

A FAMILIA IMPERIAL — A' esquerda do altar, em cadeiras historicas que foram especialmente reservadas, os membros da antiga Familia Imperial do Brasil e alguns da antiga Familia Real portuguesa assistiram á solenidade. Na foto acima vêem-se: a princesa Maria Terêsa, a princesa Elisabeth e o príncipe D. Pedro, respectivamente irmã, mãe e irmão da noiva e a infanta D. Felipa, irmã do noivo.



Entre os convidados de honra, para os quais havia logares especiais deante dos reservados aos membros do corpo diplomático, via-se a senhora Darcy Vargas. Ao seu lado notavam-se a senhora Oswaldo Aranha, o ministro Salgado Filho, o prefeito Henrique Dods-worth e muitas outras figuras de relevo no nosso mundo oficial.



O CORPO DIPLOMATICO — Viam-se, entre os membros do Corpo Diplomático presentes, os embaixadores dos Estados Unidos, Perú, Bolivia, Argentina, França, Belgica, Hespanha, Inglaterra e Portugal (estes dois ultimos representados pelas suas senhoras), e os ministros da Colombia, Finlândia, Suecia, Dinamarca, Holanda, Canadá e Tchecoslovaquia.

Após visitarem o tumulo de D. Pedro II e da imperatriz Maria Theresza Cristina, no Panteon dos Imperadores, que está localizado á direita da porta de entrada da catedral, D. Nuno e a princesa Maria Terêsa deixam a igreja.

ASSISTINDO Á SOLENIDADE — Da direita para a esquerda: senhora Vicente Gallicz, Herculanio Lopes, Fernando Faria e a senhora Ilza Mascarenhas. Em todas as partes do templo a solenidade foi acompanhada de grande destaque de todos os convidados e do povo que se reuniu no ambiente da igreja.

A recepção no Palácio Grão P



A princesa d. Maria Francisca, após haver recebido no hall do Palácio todas as pessoas que a foram cumprimentar, parte o magnifico bolo de casamento.



A senhora Cetulio Vargas em companhia da senhora de nossa alta sociedade,



Senhoritas Odivellas, Cecilia Lucia Bandeira de Melo e senhora ministro Ferreira Lisboa.



João Saavedra e Ruth Cardoso Fontes.



Senhoritas Léia de Affonseca e Zette Van Erven.

Pará



Henrique Dodsworth e de outras damas
rante a recepção no Grão Pará.



Senhora Belizaro de Souza e
sta. Nilza Botelho.



Na terrace do palácio Grão Pará durante a recepção na manhã do dia 15 de Outubro.

Em baixo: detalhe da mesa principal, em uma das salas do Palácio Grão Pará.



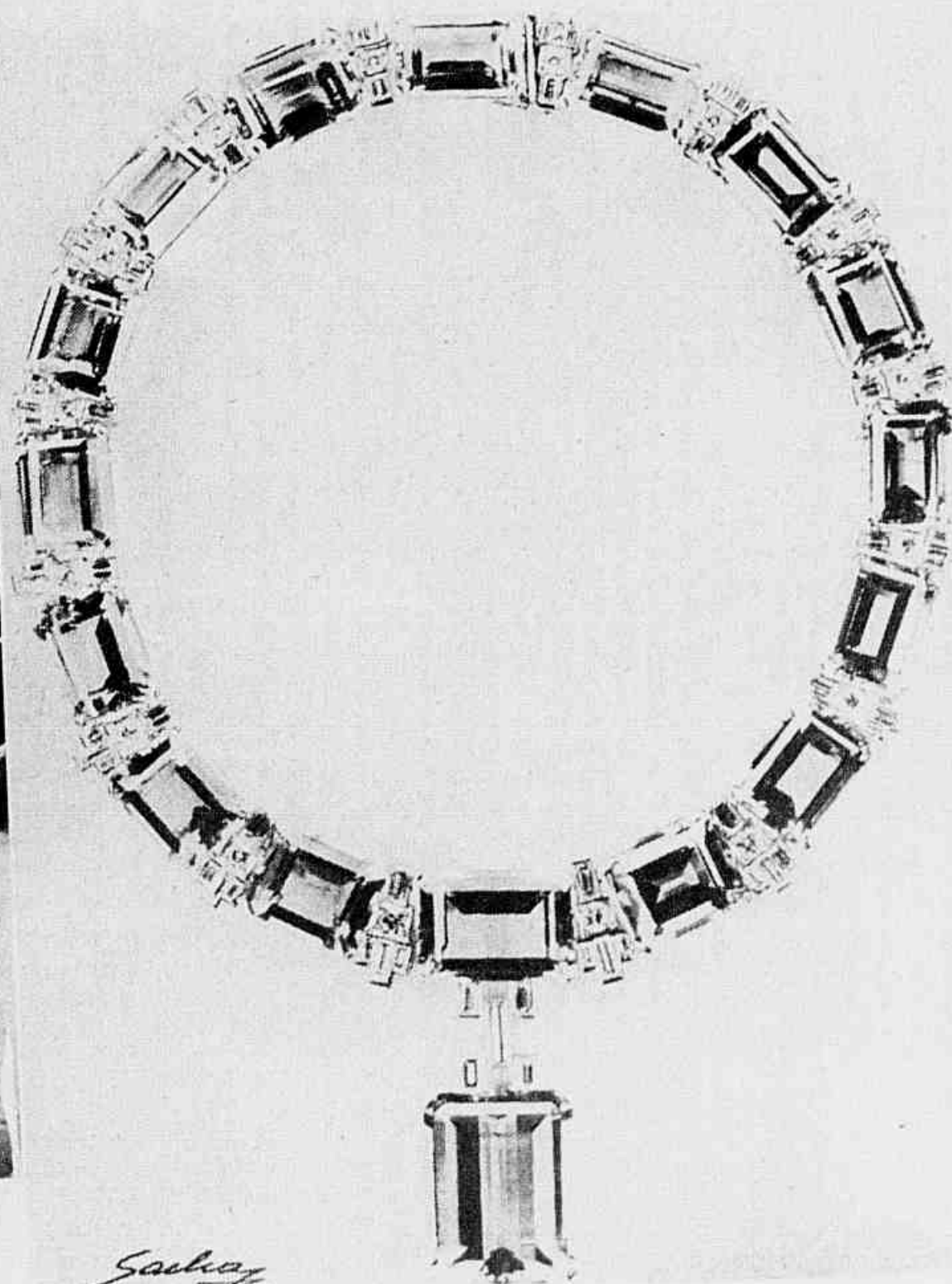
OS PRESENTES ENVIADOS AOS NOIVOS



Detalhe de uma das mesas onde foram colocados os presentes enviados à noiva.

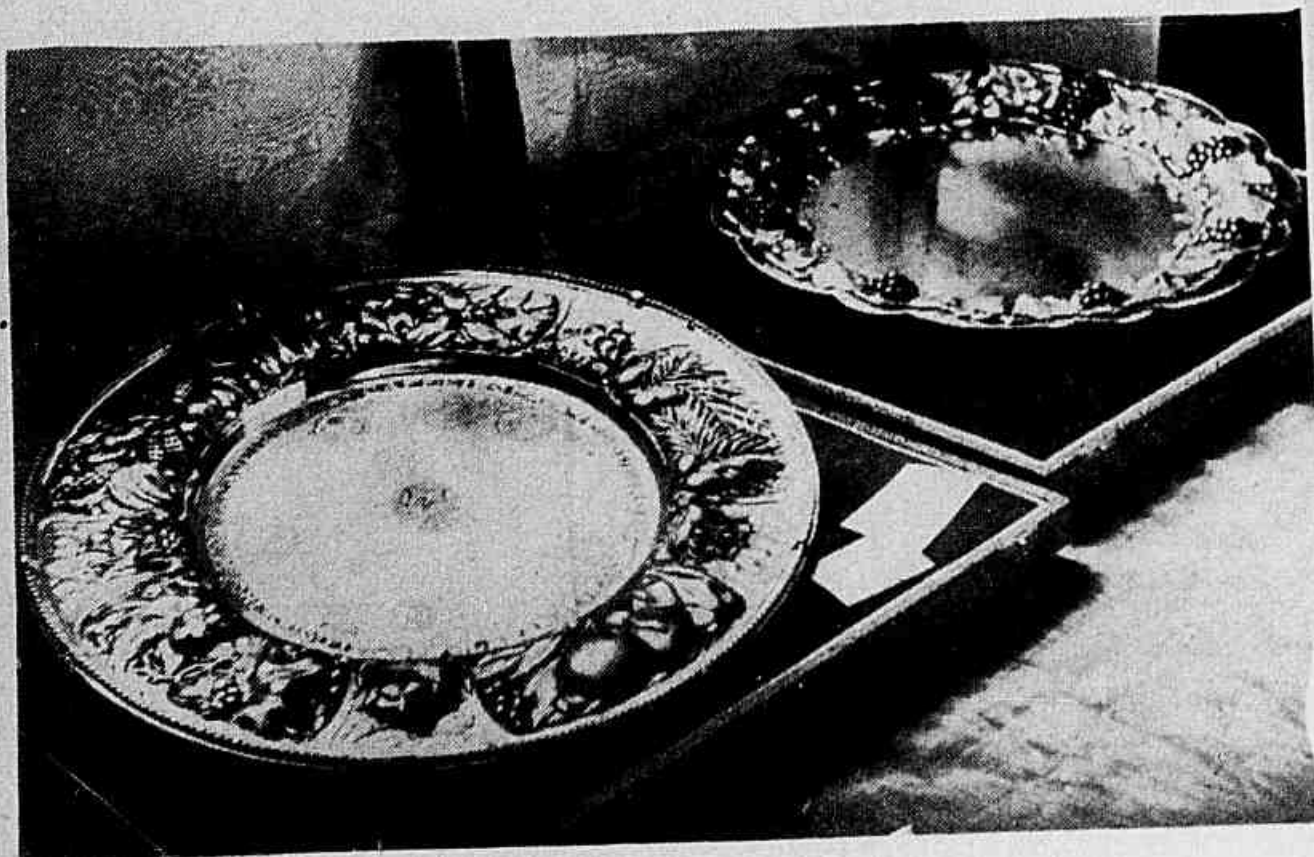
A princesa Maria Francisca e seu real noivo receberam de suas relações de amizade, e dos inúmeros admiradores seus e de suas ilustres famílias, os seguintes e ricos presentes: uma salva de prata oferecida pelo Presidente Getúlio Vargas; uma salva de prata oferecida pelo ministro Oswaldo Aranha; uma bandeja de prata peruana enviada em avião especial pelo presidente do Perú; uma garrafa térmica de prata, enviada pelo embaixador da Inglaterra; um serviço de chá de prata oferecido pelo embaixador Nobre de Mello; um bracelete de ouro, oferecido pelos príncipes D. Pedro, D. João e D. Maria Thereza; uma salva de prata, oferecida pelo príncipe Czartoriski; um broche de ouro com topásio, oferecido pelo sr. Cardoso de Miranda; uma cruz de pérolas e ouro, da infanta D. Maria Antonia; uma coleção de ametista do conde de Pombeiro; uma braceleira com safiras e brilhantes, montados em platina e avaliados em duzentos e quarenta contos, oferecido à princesa, por um grupo de senhoras brasileiras; um grande espelho de prata, ofertado pelo sr. Americo de Oliveira Castro; um conjunto de roupagens para missa, ofertado pela Cia. da Virgem, uma salva de prata lavrada, ofertada pela senhora Maria Eugenia Oliveira Castro Sampaio, um relógio histórico, ofertado pelo sr. Luiz Perestrello de A. d'Orey; uma salva de prata ofertada por Rosita e Herculano Thomaz Lopes; um belíssimo aparelho de porcelana portuguesa para café, ofertado pelo Sr. Pedro Brando; uma pulseira de ouro antigo, ofertada pela senhora Maria Fleury; uma fronha de finíssima renda, com a coroa imperial, objeto que certa vez usou D. Pedro II, numa de suas viagens, ofertada pela baronesa Mattos Vieira; uma coleção de turmalinas do Ama-

Francisca e ofertado agora pela viúva embaixatriz Regis de Oliveira; bolsa de prata e ouro para niquéis, ofertada pela senhora Diploracus; uma rosa de ouro, ofertada pela senhora Silvia Bittencourt; um livro de missa em couro, doado pela imperatriz D. Amelia a D. Pedro II, quando criança, ofertado pelo sr. Candido Paula Machado.



Saatchi

Dentre os inúmeros presentes de casamento que os reais nubentes receberam, destaca-se o valioso mimo oferecido pela sociedade brasileira aos ilustres consortes príncipe D. Duarte Nuno e princesa D. Maria Francisca. A belíssima e valiosa joia, confeccionada pelos afamados joalheiros ingleses Mappin & Webb, nas oficinas próprias da sua filial desta Capital, é formada por um colar de finas águas-marinhas, ornado de brilhantes e "baguettes" montadas em platina. Essa maravilhosa obra, criação exclusiva dos conhecidos joalheiros, está reproduzida na fotografia acima.



As salvas de prata oferecidas pelo presidente Getúlio Vargas e pelo Itamarati.

zonas, ofertada pela senhora Esther Cruz Lima; um serviço de chá em prata francesa antiga, ofertado pela senhora e sr. coronel Torres Guimarães; bracelete, colar e broche de inspiração marajoara, trabalhada em prata, ofertados pelo sr. Abelardo Condurú; um copo holandês de casamento, em prata antiga, lavrada, ofertado pela baronesa de Maia Monteiro e filhas; bonbonnière de prata indú, ofertada pelo Sr. Tobias Monteiro; terço de ouro antigo, ofertado pela senhora Augusta Fleury; um broche de ouro rodeado de diamantes, com a efígie da princesa Isabel, mandado fazer ainda em vida pelo embaixador Regis de Oliveira para presentear a princesa Maria

FIGURAS E FATOS



PROCOPIO FERREIRA — Passageiro do "clipper" da Panair acaba de seguir para Buenos Aires o ator Procopio Ferreira que, na capital argentina, atuará no palco e no cinema, além de apresentar-se ao microfone da "Hora do Brasil" de Buenos Aires, organização da Radio "El Mundo".



D. SEBASTIÃO LEME — Às 17.15 horas do dia 17 deste mês, sábado último, ocorreu o falecimento do cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme. A consternação produzida pela notícia inesperada do passamento de S. Eminência corresponde plenamente à grande estima de que se fizera merecedor o ilustre chefe da Igreja Católica no Brasil, homem de ação e poderosa inteligência. Durante mais de 30 anos ligado ao ministério episcopal do nosso país, D. Sebastião Leme, que ainda se fizera digno de admiração como escritor, orador e jornalista, recebeu comoventes homenagens póstumas, tendo sido sepultado na tarde do dia 20. A foto que estampamos acima é um flagrante da visita do presidente Getúlio Vargas ao corpo do ilustre desaparecido. A "Revista da Semana", de quem S. Eminência foi grande amigo, inserirá na sua próxima edição amplo material fotográfico em que serão fixadas as diversas homenagens póstumas e o sepultamento do Cardeal D. Sebastião Leme.



DR. J. CASTELAR PADIN — Transcorreu nesta semana a data natalícia do Dr. J. Castelar Padin, advogado no fórum de São Paulo, e diretor da Sucursal do jornal católico "A União" editado na Capital Federal. O aniversariante foi durante 5 anos presidente da Associação dos Jornalistas Católicos, e a ele deveu esta Entidade seu período aureo, e vice-presidente e orador oficial do último Congresso Nacional de Imprensa católica realizado no Rio, sob a presidência de S. Em. o Cardeal-Arcebispo. Por esse motivo recebeu as felicitações de grande numero de pessoas de destaque, amigos e admiradores. No clichê, um aspecto tirado em sua residência; notam-se à direita S. Excia. Revma. D. Francisco de Aquino Corrêa, arcebispo de Cuiabá — Major Dr. Leonidas Cardoso, da Segunda Região Militar — e Pe. Luiz Marcigaglia, diretor do Instituto Dom Bosco; à esquerda, o distinto aniversariante; e, ao fundo, sua progenitora ladeada de suas filhas.



ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO da classe dos corretores de imóveis, realizado a 12 do corrente nos salões do Automovel Club, durante o qual foram abertas, pelo representante do Prefeito do Distrito Federal, as inscrições para o Pregão Imobiliário do Sindicato dos Corretores de Imóveis, recém-fundado, destinado a concentrar, disciplinar e acelerar as operações imobiliárias. Na gravura acima um aspecto da reunião, vendo-se no lugar de honra o major Ulha, representante do Governador da Cidade, ladeado pelo sr. Milton Ferreira de Carvalho, presidente do Sindicato, e pelo dr. Nelson Mendes Caldeira, presidente da comissão organizadora do pregão e delegado especial do Sindicato co-irmão de S. Paulo.

FESTA da Penha

por SEBASTIÃO FERNANDES



Se requintes de bem-estar fizeram com que esquecêssemos o maior bem-estar que é a própria natureza. Nada melhor do que a vida simples para nos dar saúde e o sentido próximo da felicidade. Os conselhos médicos vêm provar que o progresso é nefasto... E o conforto afastou-nos dos campos, onde as fontes da Vida são mais puras. O homem à proporção que se vai civilizando abandona a natureza. Expulsamos conscientemente a boa amiga, para nos debatermos em atmosferas viciadas.

Os labirintos que os preguiçosos armam, com o nome de casa, afastam o próprio ar. As complicações da vida citadina aumentam a angústia porque nos tiram a luz; e ao procurarmos um clínico recebemos como primeiro conselho uma temporada no interior.

Vivemos nas correrias, nos sopetões, arrancos, buscando tôdas as espécies de fadiga, embora gritando por uma lei de silêncio. Hoje só as crises escandalosas podem ter algum encanto no mundo. Serenidade, tranquilidade são quinquilharias só lembradas dos velhos e saudosistas. Amasse alguma coisa não para alegria interior, mas com forma exibicionista, para que os outros *notem* que amamos.

Desaparece o ser pensante, para surgir um parafuso da coletividade. A existência, na vida pública ou doméstica, escraviza-nos de tal maneira que vivemos correndo para o trabalho com uma sofreguidão de escravos, cômicos de que só o trabalho é a vida. No entanto, o drama do cotidiano — a cansaça semanal — seria resolvido com um simples passeio dominigueiro. Um passeio onde a vegetação fosse o cenário. Não é que sejamos poetas. Assim pensamos por um princípio higiênico. Não o passeio do frívolo, que mesmo durante a semana julga distrair-se — trabalhando. É encantar-se com o verde do arvoredado, deliciar-se com os panoramas sempre inéditos da vida primitiva. É tão fácil fugir-se da monotonia citadina, para o convívio das plantas, das pedras!

Domingo, numa festa da Penha ninguém se recorda que o dia seguinte é segunda-feira. Para alguns o domingo ainda exige o protocolo estúpido da gravata e roupas com traços certos da engomadeira, mas na Penha desaparece tô-

da espécie de bom senso, e a alegria é uma coisa fácil.

Só para os simples é fácil. A alegria sem preconceitos. A única felicidade. É um festim em que a natureza toma parte decisiva. Porque os festejos em recinto limitado pelas paredes restringem as expansões.

O encanto está no sabor profundamente esportivo de quem vai ganhar, com o domingo, alguns instantes de felicidade.

Começa por ser uma festa campestre, sem requintes de grandfinismo.

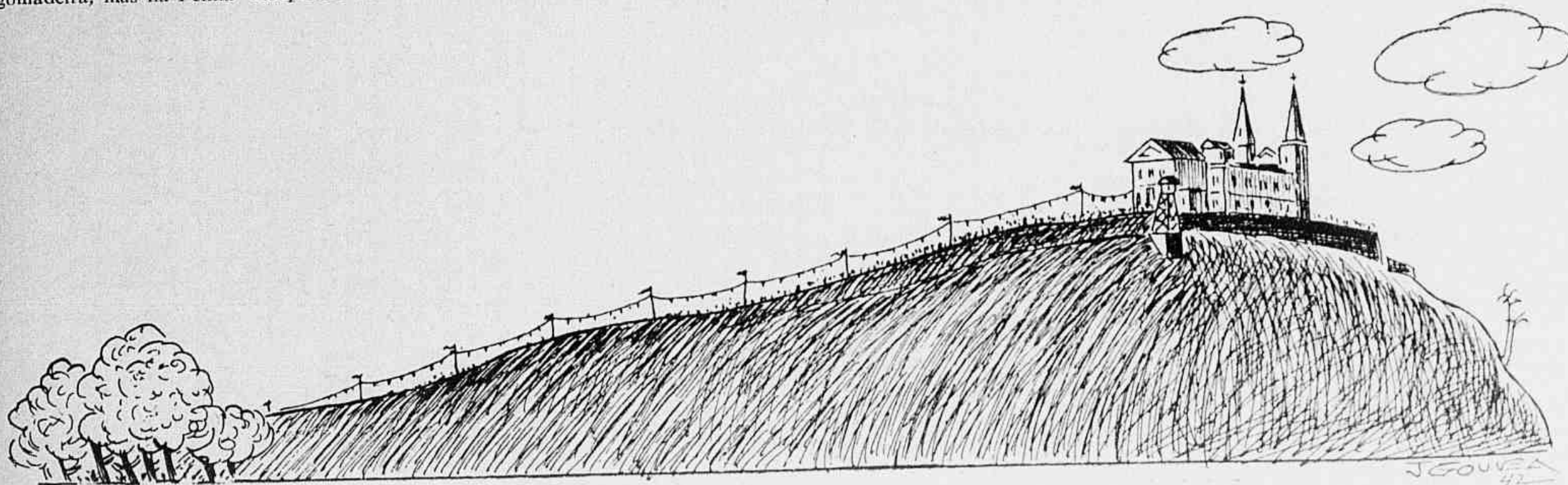
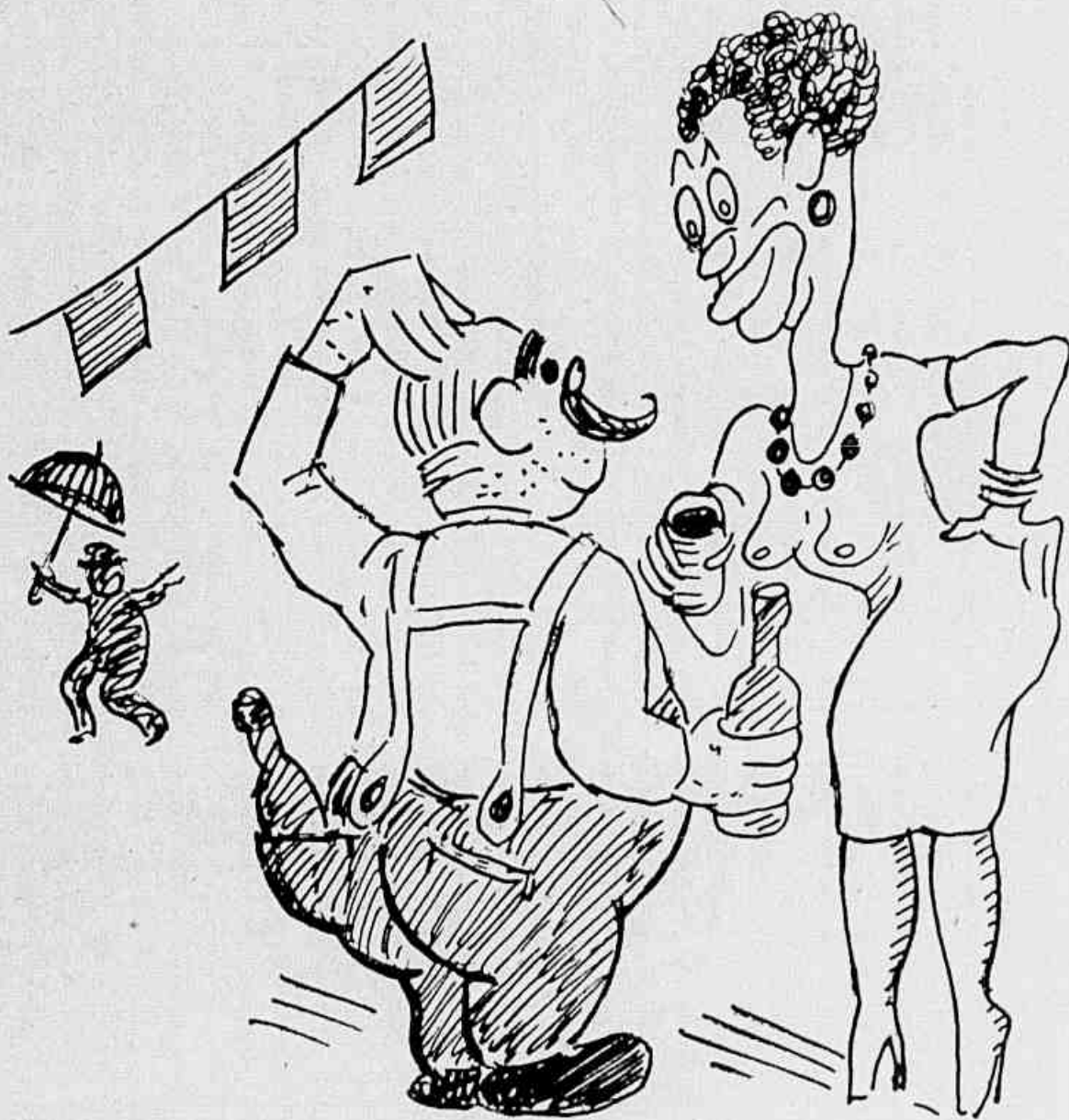
A velocidade do automóvel nos estava fazendo esquecer uma porção de coisas.



A ermida do arrabalde carioca é qualquer coisa de adorável. Quem sobe o penhasco pela escadaria imensa vai pedir ou agradecer. Quase sempre vai pedir.

No céu azul, o repicar dos sinos confunde-se com os estouros de foguetes. Enquanto lá no alto, no templo cheio, todos rezam contritos, cá em baixo o ruído, a algazarra, os cantos pagãos mostram simbolicamente a vida, com o rastejar do pó bíblico... Entre arvoredos, a festa da Penha é um imenso piquenique. Todos alegres, compartilham do mesmo entusiasmo, num minuto raro dessa vida espantada de hoje. E esse minuto, com alegres canções e esquecimento das encruzilhadas escuras do destino, é suficiente para dar à comemoração da santa milagrosa uma nota de real importância.

Festa estritamente popular, onde pouco se gasta. Regozijo campestre, onde o vinho é guardado em chifres de boi; as barraquinhas cheias de comestíveis para





cador. Mesmo sem acomodação, os que vão rezar e os que vão brincar — quasi todos — sobem à ermida, para assistir à missa. Na igreja acaba-se a liberdade. As gargalhadas são olhadas como falta de educação. Cada coisa em seu lugar. Por tudo isso um domingo sob as copas dos arvoredos da Penha é sempre alegre. Os namorados de regabofes, os amantes de lautos almoços, apreciadores de vinhos e cativos duma semana estupidamente convencional devem fugir para a Freguezia de Irajá.

A liberdade do homem e o contacto com a natureza refazem as energias perdidas. Os momentos que temos nos domingos de Outubro, em honra a Nossa Senhora da Penha, deviam ser repetidos todos os mezes, para a delícia das sombras das arvores de arrabaldes distantes. Arvores que não sofreram o deshumano corte dos galhos tenros... Esse passeio campestre é aconselhado pelos medicos ciosos de que o homem da cidade está cada vez mais triste e mais só.



os que não trouxeram farnel recheado; risos e foguetes; os "rosários" de balas, as imensas rôscas-da-Penha são motivos que pincelam, bem nitidamente, um convés-cote de arraial português em terras cariocas.

Com os pratos gostosos e salgados que incitam as carraspanas em sombras doces ainda aparece outro motivo delicioso que é a música. Os domingos outubro nos avizinham-se do fim do ano que, no linguajar carioca, quer dizer Carnaval próximo, por isso há músicas ou melhor — samba!

Lá no alto, na igreja enrustada na rocha, o órgão e os círios impalpáveis; cá em baixo, na relva, o espumar das bebidas, a música brejeira e o mormaço provó-

Asas ruflando pelo Brasil

(Continuação da pag. 14)

caveirosos vivem falando na bruxa — fora sempre com eles! Outros mergulham e nada refrem, constantemente respeitados pelo azar. Têm parte com a bruxa, são seus afilhados!

A coisa não fica só em Marechal Hermes. De tanto lidarem com asas, os jovens consideram tudo sob o prisma aeronáutico. Falam em *performances* femininas — em *aero-dinamismo* das silhuetas, etc.

UMA CENA BIBLICA — O maior dia do cadete é quando sai *lâché*, apto a voar sósinho. Esta ocasião chega após oito horas de voo. O cadete ganha uma liberdade de trinta minutos para *solar*. Pela primeira vez desfruta a sensação plena da solidão, entre nuvens. Não-estamos fazendo poesia. Quando volta, coisa que sucede comumente, recebem-no em triunfo. Merece uma festa. Está integrado de todo no *clan* dos condores. Além do mais, a disciplina costumeira torna a vida monótona. Um pouco de alegria e de farra, aliás dentro dos corretos limites da camaradagem militar. E é iniciado entra no chafariz da Escola, positivando no milenário primitivismo da cerimônia o seu *batismo* de águia.

BOMBEIROS QUE DORMEM — O que mais nos entusiasma, porém, nos Afonsos, é a Escola, em si. Suas instalações, sua organização, a ordem e a correção admiráveis, que conseguimos entrever por toda parte, evidenciam o que tem sido ali a gestão do atual Comandante.

Estabeleceram-se os horários, procurando harmonizar os interesses do aluno com os interesses do curso. Pela manhã praticam esporte, no estádio local. Durante o resto do dia observa-se um revezamento de turmas, de modo que do mesmo material — aliás farto — se consiga tirar o rendimento máximo. O efetivo da Escola cresce de ano para ano, vertiginosamente. Em 1940 havia 30 alunos; em 41 subiu a 153. Em 1942 atingiu a cifra de 342! Dêste, como de muitos outros modos, já se fez sentir o papel decisivo do Ministério da Aeronáutica, no progresso da Aviação Brasileira.

Outros números são dignos de consideração. Principalmente os que expressam as horas de voo. Em 40 voou-se 3652 horas, ao todo. No ano seguinte, 9467! E neste ano, só no mês de Agosto, voou-se cerca de 3.000 horas! Quatro vezes mais do que em Agosto de 1941.

O material de escol, aliado a um preparo técnico cada vez maior, dos que lidam com ele, apresenta resultados animadores. Mais de cem aparelhos foram trazidos em voo dos Estados Unidos. Os acidentes, outrora tão constantes, hoje se tornaram escassos. Raríssimos. Sintomática até uma cena que presenciámos. Os bombeiros e o motorista da ambulância, que estavam de plantão com os seus carros, dormiam de tédio. Felizmente, passam-se horas, dias, meses, sem que precisem interromper o sono feliz.

VOO NOSSO DE CADA DIA... — Este é o catecismo daquela gente. Todos estão ali para voar! Os aviões utilizados nos diversos tipos de instrução pertencem a modelos usados nas maiores escolas de aviação norte-americanas. Na instrução primária o *Fairchild*, motor *Ranger* 200 H. P.; na instrução básica, avião *Vultee*, motor *Wright* 440 H. P., na instrução avançada, aparelho *Northamerican*, motor *Pratt and Wilney* 500 H. P. E ainda, no que se refere a bombardeio e fotografia, usa-se o *Focke-Wulf*, de construção nacional.

Durante as aulas teóricas os alunos dispõem de todo material necessário à ilustração do que diz o instrutor. Existe um tapete volante para exercício de precisão no lançamento de bombas; um diorama destinado ao estudo da técnica de observação e bombardeio.

No ar, em um encadeamento lógico, realizam através dos três anos de curso todos os exercícios necessários a preparar um perfeito oficial aviador. Reconhecimento, bombardeio, tiro real... Até bombardeio de mergulho, em ângulo de 45°. Curiosa a aprendizagem de metralhadora. Faz-se com a *metralhadora fotográfica*. Todos os tiros são *fotografados*, permitindo ao instrutor conferir a pontaria do aluno. Habitua-se o cadete com o voo noturno, com a acrobacia aérea.

Tudo isso destina-se a plasmar os novos soldados dos céus brasileiros. Heróis das futuras batalhas do ar. Aqueles que subirão sempre, seja na realidade física das escaladas mecânicas, seja no plano sagrado da própria glória.

NOTICIARIO

ELEGANTE

ANIVERSARIOS

24 Senhorita Walda da Ponte, funcionaria do Ministerio do Trabalho; snrs. embaixador dr. Raul Fernandes, coronel João Augusto da Costa, dr. Raul Veiga, dr. Lino Moreira; a desenhista Rachel.

25 Senhores dr. Francisco de Castello Branco Clark, ministro do Brasil na Suecia; dr. Moitinho Doria, professor Corinto da Fonseca, dr. Eduardo Plujansk, Carlos Pereira Pinto, Jaime Pedreira Passos, José de Oliveira Camões.

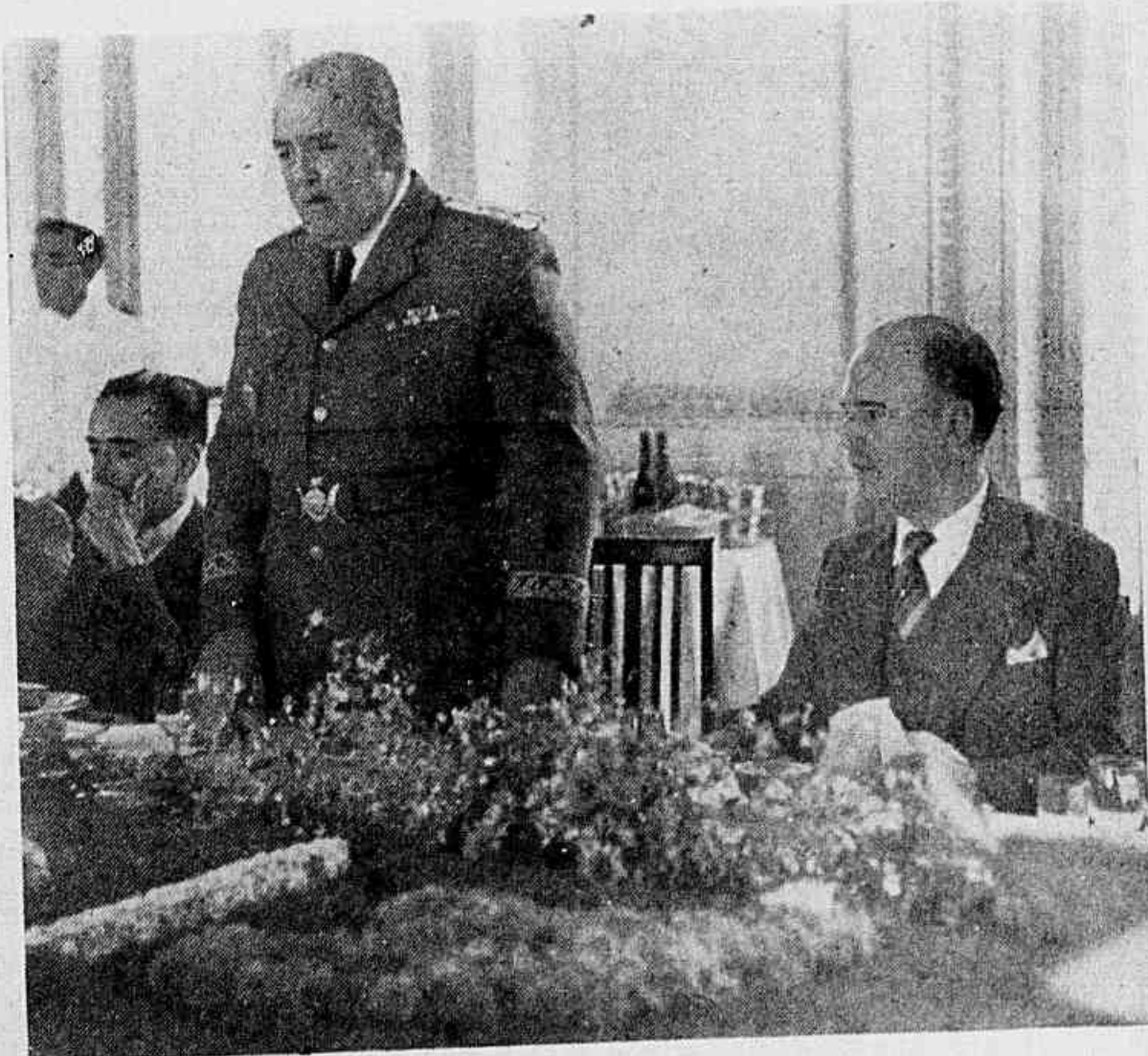
26 Senhores dr. Antonio Jorge Machado, dr. Lauro Dantas Leite, José Costa, comendador Alfredo Bittencourt.

27 Senhor dr. Carlos Ozorio Mascarenhas.

28 Senhoras d. Eulalia Neves de Queiroz, viuva do dr. Antonio Castro de Queiroz, d. Carmelina Peixoto, esposa do sr. José Floriano Peixoto; senhores professor Rubem Braga, dr. Francisco Coelho, Celso José Cordeiro Bittencourt.

29 Senhora d. Eurides de Melo, esposa do sr. Manoel de Melo; senhores dr. Otavio Fialho, ministro plenipotenciario; ministro Camilo Soares de Moura, Genesio Pires, diretor do Banco Português, dr. Carlos A. de Miranda Jordão.

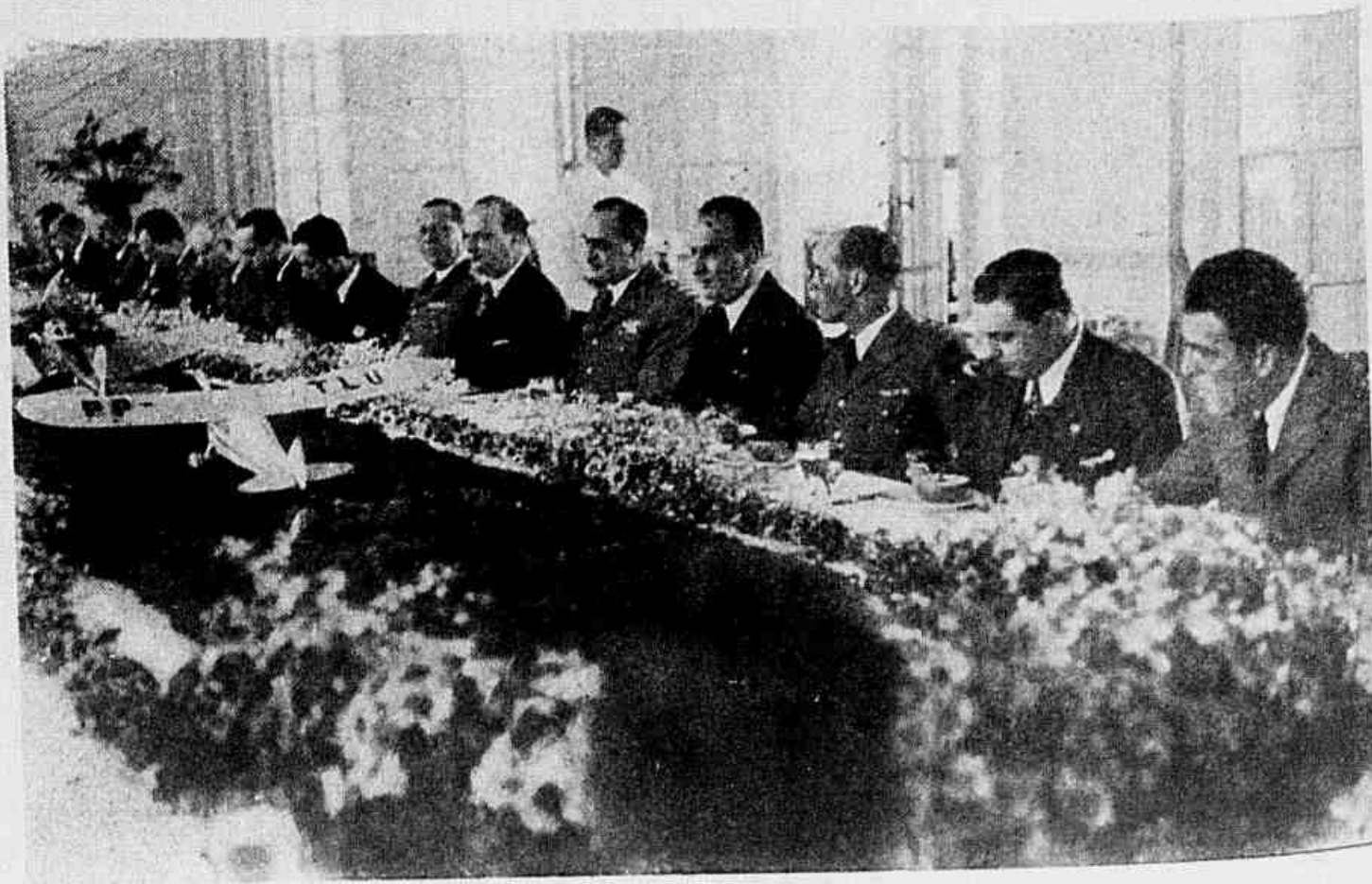
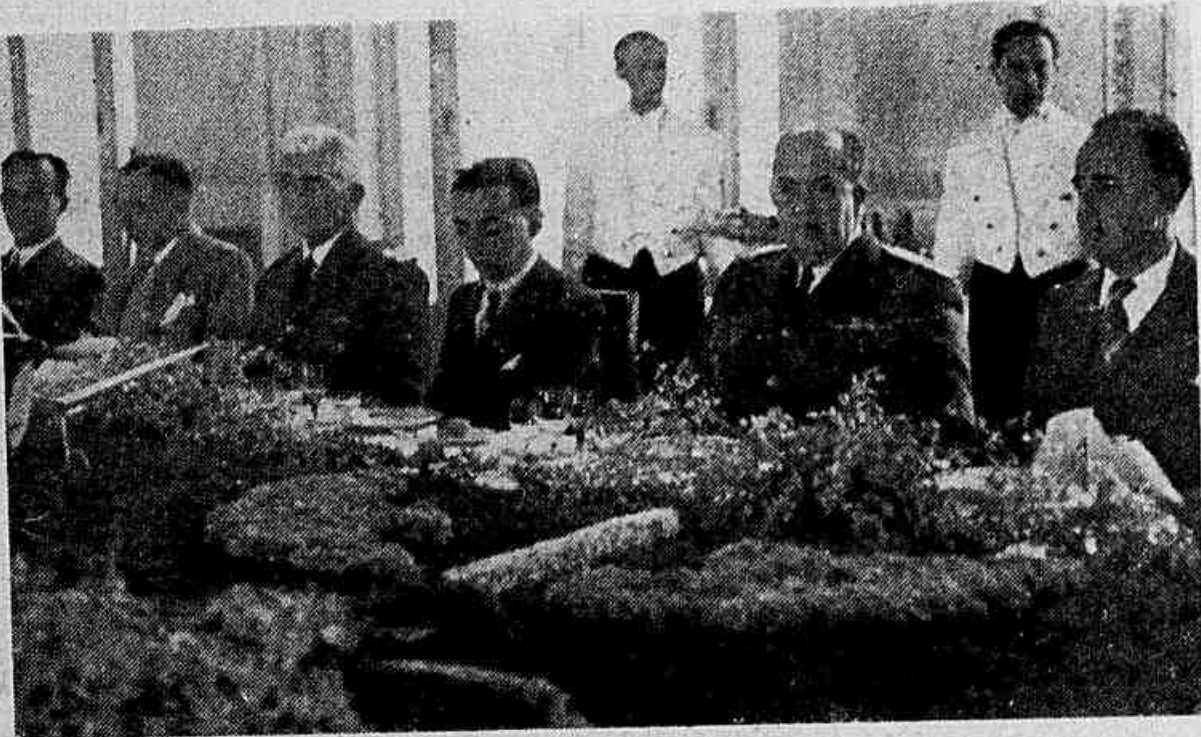
30 Senhores dr. Queiroz Barros, Herminio Xavier de Almeida, dr. Silvio Matos, dr. Carlos de Faria Souto.

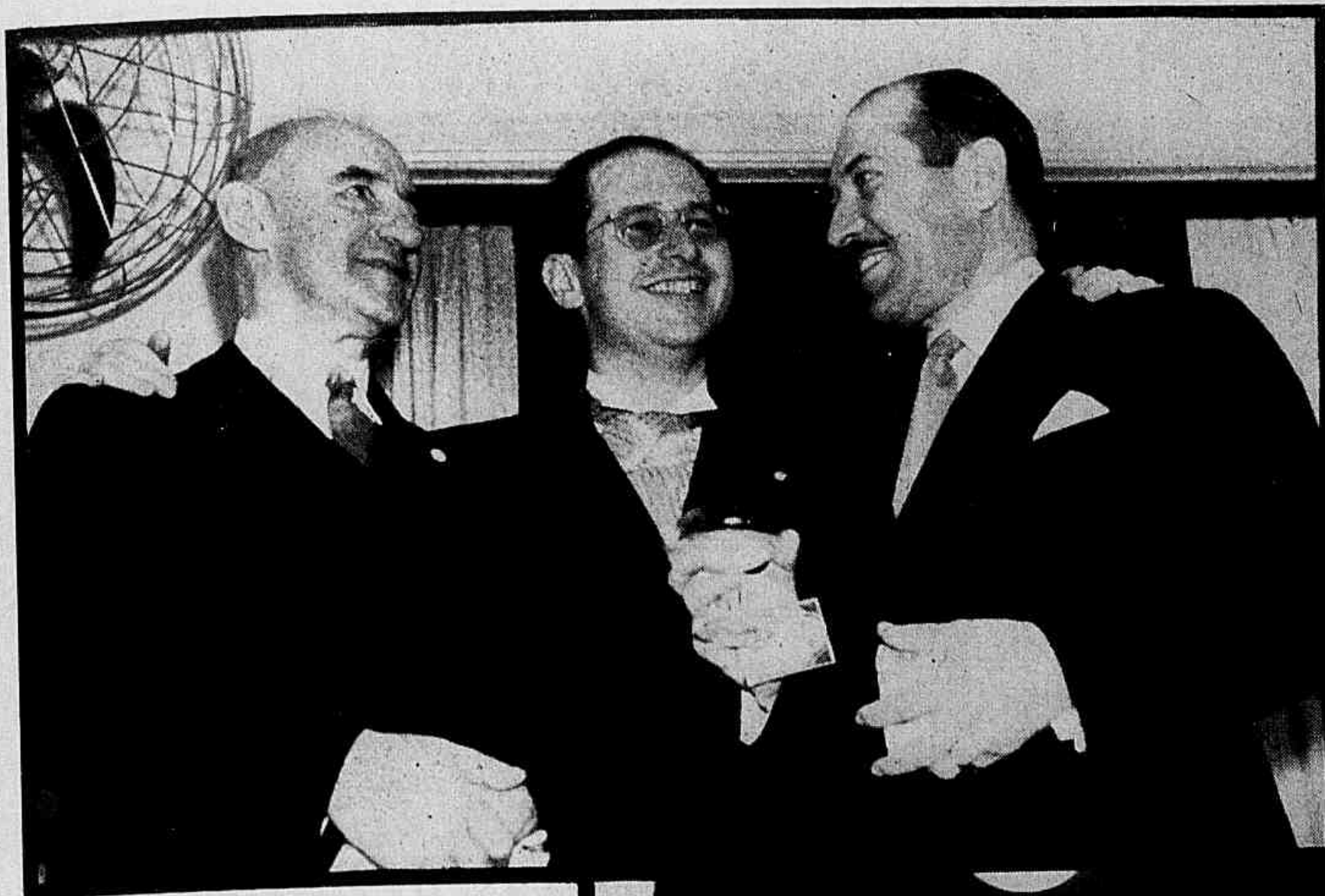


Brigadeiro Trompowski, no inicio do banquete, pedindo um minuto de silencio em homenagem á memoria de Linneu Paula Machado.

Jockey Club mundano

Transcorreu toda em homenagem á aviação nacional a tarde esportiva de domingo no Jockey Club Brasileiro. As provas do programa tinham denominações alusivas á nova Arma. O calendario marcava a disputa do "Grande Pêmio Derby Club", para animaes nacionaes, prova instituida pela antiga entidade qua lhe dá o nome. Ofrecemos nesta página diversos aspectos do almoço oferecido á F. A. B. pelo Jockey Club Brasileiro.





O noivo palestra com seu pai, snr. Curt Frankel (à esquerda), e snr. Manoel Columb, seu sogro.

No dia 8 do corrente, consorciaram-se o snr. Gerardo Frankel, filho da senhora e snr. Curt Frankel, com a gentilíssima senhorita Denise Columb, filha da senhora e snr. Manoel Columb.

Ao ato, que se revestiu de grande brilhantismo social estiveram presentes elementos destacados da alta sociedade carioca, da indústria e do comércio, e bem assim os altos funcionários da firma "Intermares Importadora e Exportadora do Brasil Ltda.", da qual o noivo é um dos diretores.

A REVISTA DA SEMANA, associando-se aos votos de felicidades que parentes e amigos enviaram ao ilustre casal, tem o prazer de estampar nesta página diversos flagrantes fotograficos obtidos pela sua objetiva durante aquela solenidade.



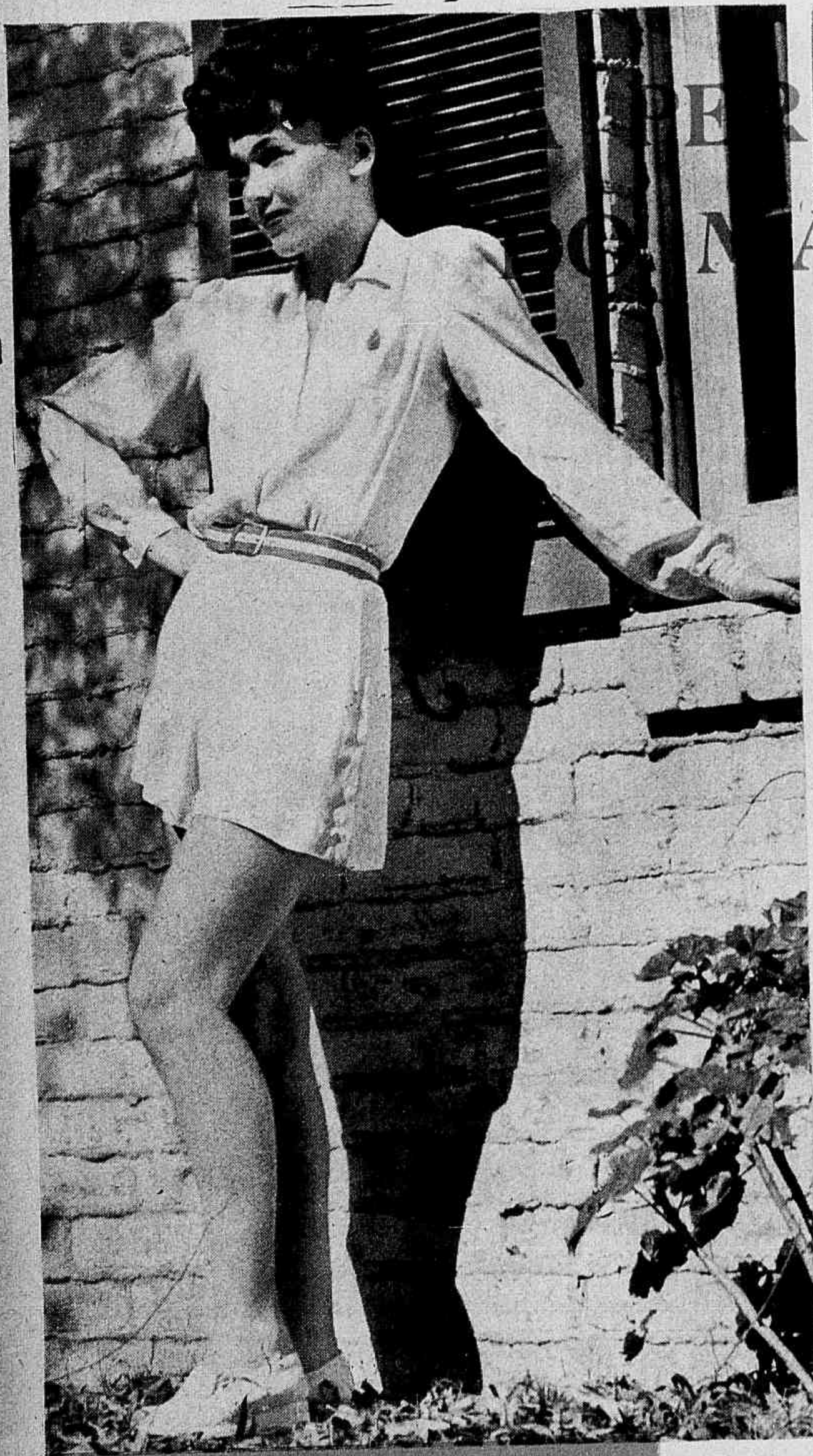
Com os nubentes veêm-se a senhora e snr. Curt Frankel, pais do noivo, senhora e sr. Manoel Columb, pais da noiva, e os snrs. Peter Frankel e José Matuzewitz.



A noiva recebe de Nova York, pelo telefone internacional, os cumprimentos do seu cunhado, snr. Harry Franklin, e família.



A noiva e o noivo partem o bôlo tradicional.



COM o verão voltarão infalivelmente os maillots. E voltarão iguálinhos ao que têm sido nos últimos dez anos. É realmente notável que uma vestimenta feminina chegue a uma quase estabilidade, como sucedeu com o maillot.

Já ninguém espera uma mudança notável nesta indispensável vestimenta. Tem-se a impressão de que ela cumpriu totalmente a sua evolução. Acostumámo-nos de tal maneira a encerrar essa evolução no sentido da simplificação que nos parece inadmissível que o maillot tome outra feição e volte a complicar-se. As iniciativas particulares no sentido de enfeitá-lo, todas têm falhado. Parece-nos anti-natural complicar uma vestimenta que, ao contrário do que sucede com todas as demais, tem

CASPA! CABELOS BRANCOS!

LOÇÃO XAMBÚ

CABELOS BRANCOS ou GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL

V Bonbons **RÉGIA**

Cerejas ao Marrasquino

OS MAIS CAROS

Incontestavelmente os melhores.

como finalidade realçar a beleza do corpo e não substituí-la ou escondê-la. Aguardemo-a portanto o maillot tal qual ele tem sido. Já que não pode ser mais simples do que é, não tentemos desvirtuá-lo.

**CORTINAS
STORES
MADRÁS**

GRANDE
VARIEDADE
EM
TECIDOS
PARA
ESTOFOS

CASA BEIRIZ

RUA 7 SETEMBRO, 82
TEL. 42-6964 - JUNTO A AVENIDA

RUGÔL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE





ABRIGO...

Nunca se falou tanto em "abrigo" como agora, que se sente mais próximo o perigo das desgraças que têm assolado o mundo. E, solidários ante a terrível e brutal ameaça, todos procuram o melhor meio de lhe neutralizar os efeitos. Mas... enquanto a guerra não chega — e queira Deus que ela não chegue nunca! — pensemos um pouco nos perigos que sempre estiveram aqui, em volta de nós: a desolação e o quasi abandono do lar, que não pode vencer, por falta de atrativos, as seduçções do mundo exterior.

Façamos pois da nossa casa o nosso melhor "abrigo", que seja ao mesmo tempo um refugio repousante, alegre e confortável.

E isso é fácil de realizar, com os recursos materiais e técnicos a serviço

dos decoradores modernos, daí resultando, em resumo: linhas simples; paredes lisas; moveis reduzidos á expressão mais simples — o estritamente essencial; tapetados e decorações em que não ha um só traço de passadismo... e que por isso mesmo "sabem" tão bem ao dinamismo dos nossos dias.

11.º — Uma sala-de-jantar, em combinação com "living-room", resolve as dificuldades resultantes da falta de espaço e concentra, ao menos durante algum tempo, para uma convivência mais íntima, os componentes da família, isolando-os — amável e insensivelmente — dos perigos lá de fóra.

As decorações do avarandado em que se instalaram os moveis do grupo estofado, amplo e confortável, são tudo o que pode haver de mais simples: grandes cortinas de tulle, claro como as paredes, "bandeaux" de linho estampado claro e escuro, que harmonizam com a combinação graciosa dos moveis branco-e-preto. O mesmo motivo está repetido no tapete espesso da sala e — ao inverso — no do grupo ao fundo.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

DEBUTANTES EM NOVA YORK

Entre as jovens da sociedade novaiorquina que fizeram o seu *debut* na ultima estação, foi marcante o uso de resplandecentes adornos de diamante. Realizou-se nessa ocasião o Baile do Diamante em benefício da Enfermaria para mulheres e crianças da cidade de Nova York.

Nesta página vêem-se algumas das debutantes com os modelos que apresentaram nesse famoso baile.



Miss Constance Sneed com seu vestido bordado em prata. Nos ornamentos: diamantes e rubis.



Miss Ann Hare com seu magnífico *ensemble* de diamantes. Vestido de chiffon branco e lamé bordado em prata.



Miss Leonie K. Sullivan numa originalíssima criação. Note-se o bracelete com pétalas de diamantes e centros de esmeralda.



Miss Peggy Keasbey no seu vestido de seda branca e tafeta rayon com grandes flores. Note-se a predominância do diamante nos braceletes e no anel.

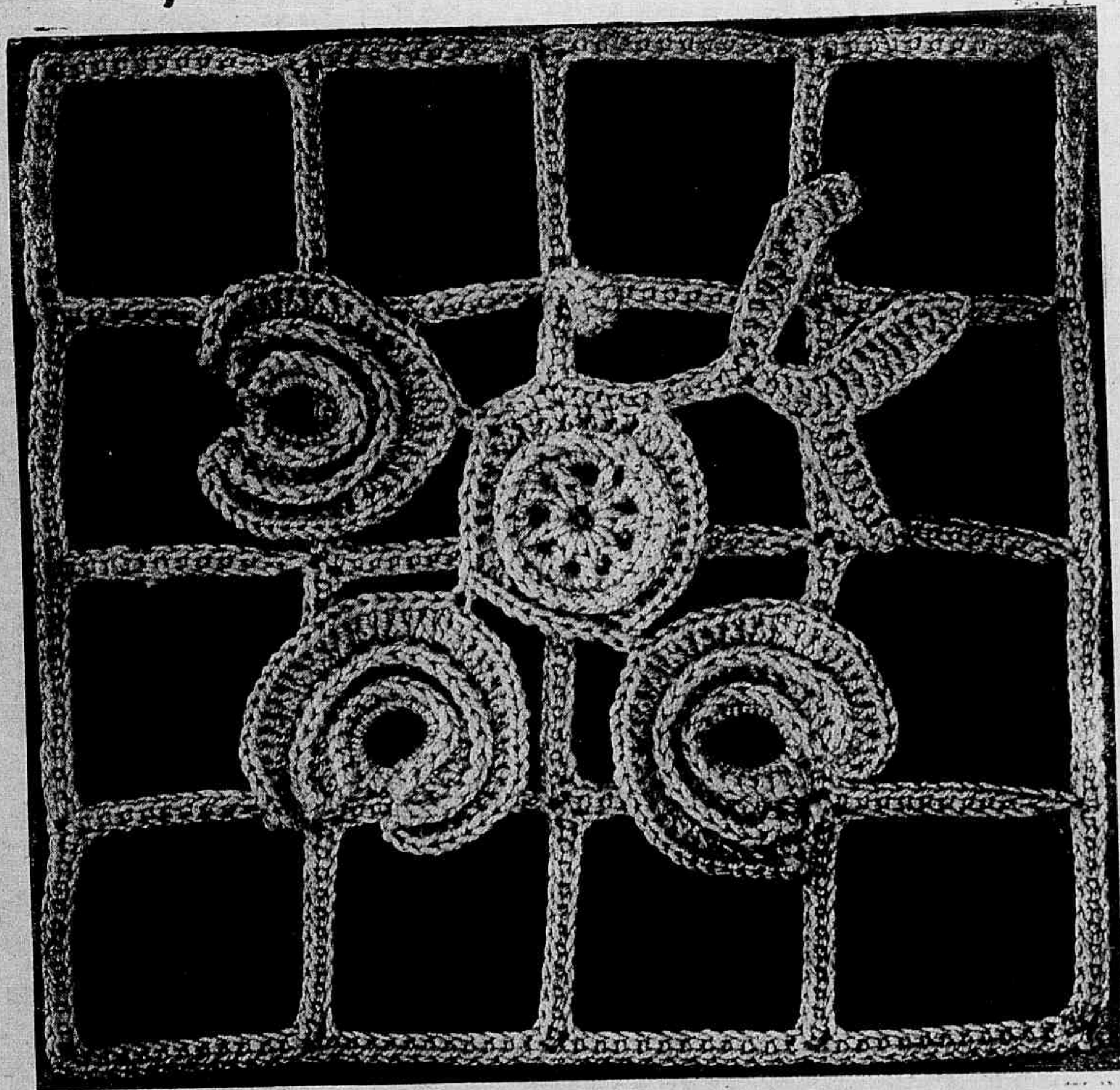


Miss Marion Hodges com o seu vestido branco de setim rayon. Os seus ornamentos são de platina, diamante e perola. Notem-se o bracelete e o anel.



Miss Joan Mac Donald com o seu lindo vestido de crepe rayon branco. Os adornos são de ouro e diamante. O diamante do anel lembra um capacete grego.

2.ª Lição de crochet de aplicação sobre gradeado



Continuar uma trancinha de 15 malhas, voltar sobre estas malhas fazendo 7 pontos altos sobre as 7 primeiras malhas, refazer uma trancinha de 10 malhas, voltar sobre estas malhas e fazer 8 pontos altos duplos. Isto forma as duas pequenas folhas; fazer então 2 pontos altos no ultimo ponto alto da primeira folha, depois 3 pontos altos na trancinha. Refazer 13 malhas de trancinha, voltar sobre estas malhas e fazer 9 pontos altos, depois 5 pontos baixos nas ultimas malhas da trancinha. Continuar ainda 5 pontos baixos na roseta, refazer uma trancinha de 13 malhas, voltar sobre estas malhas, fazer 1 ponto baixo, 4 pontos altos, depois 6 pontos baixos nas outras malhas para voltar a roseta; fazer 4 pontos baixos na roseta e partir o fio.

Fazer em seguida as três flôres da seguinte maneira. Começar por uma trancinha de 8 malhas que se fecham em anel. Fazer neste anel uma carreira de 15 pontos baixos, fechar a carreira e voltar sobre estes pontos baixos fazendo 15 pontos baixos, mas tomando somente a metade das malhas. Refazer outra carreira tomando por trás a se-

Para que suportar
essas dores reumá-
ticas que tornam
a vida aborrecida,
quando existe

OLEO ELECTRIC

que dá
rápido e
completo
alívio?

L&K

FIG. 1 — Aplicada também sobre o gradeado esta original guarnição. — Começar pela roseta do centro, fazendo uma trancinha de 6 malhas que se fecha em anel; neste anel fazer 9 pontos altos separados por 2 malhas de trancinha, fechar a carreira. Segunda carreira: 18 pontos baixos entre os pontos altos da carreira precedente. Terceira carreira: fazer pontos baixos tomando somente a metade da malha e aumentando de maneira a obter 26 malhas. Esta carreira deve ter relevo. Quarta carreira: fazer 38 pontos altos e fechar a carreira.

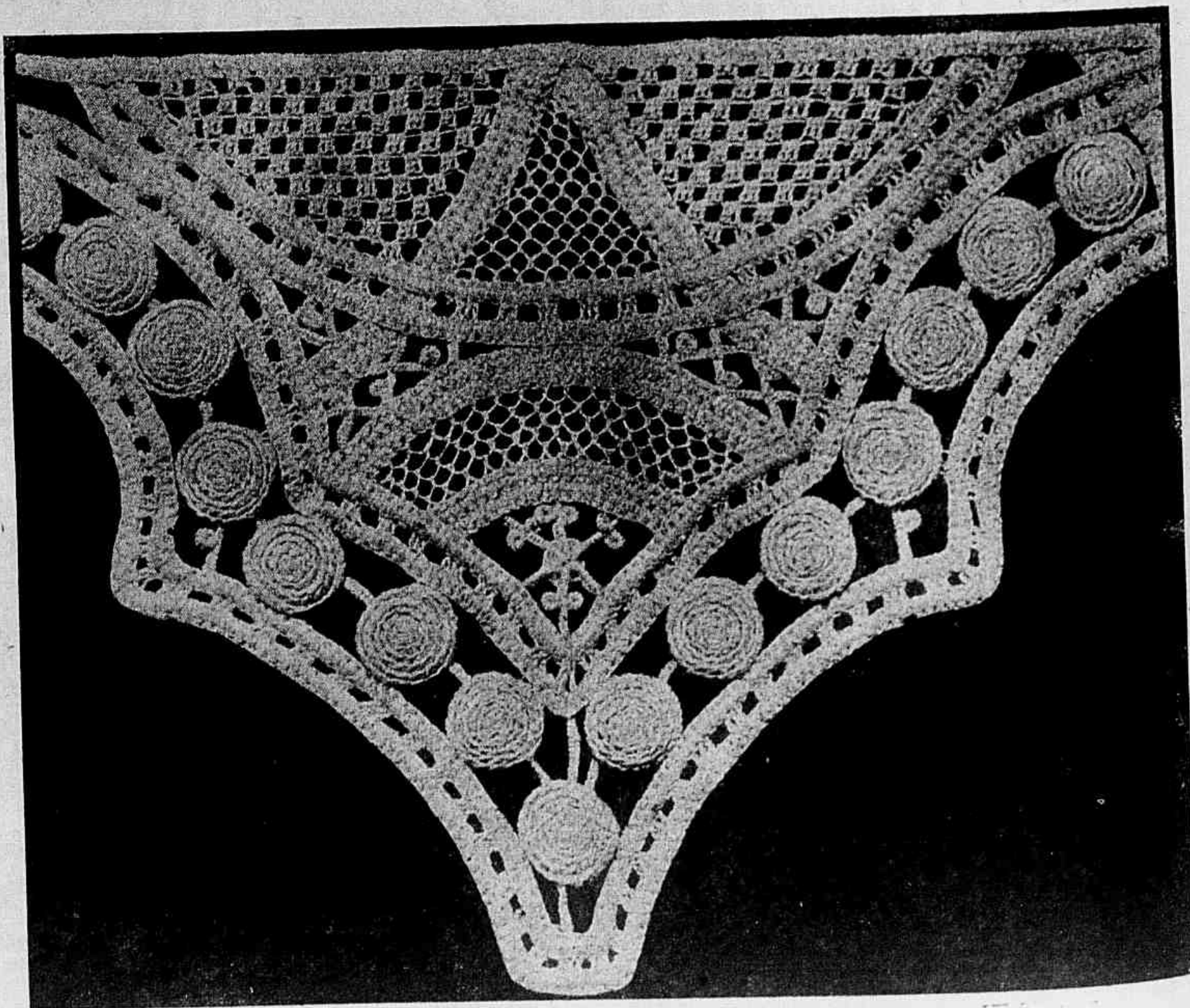
COMO PODE UMA MULHER CONQUISTAR UM HOMEM E UM HOMEM OBTER

o Respeito de outros Homens

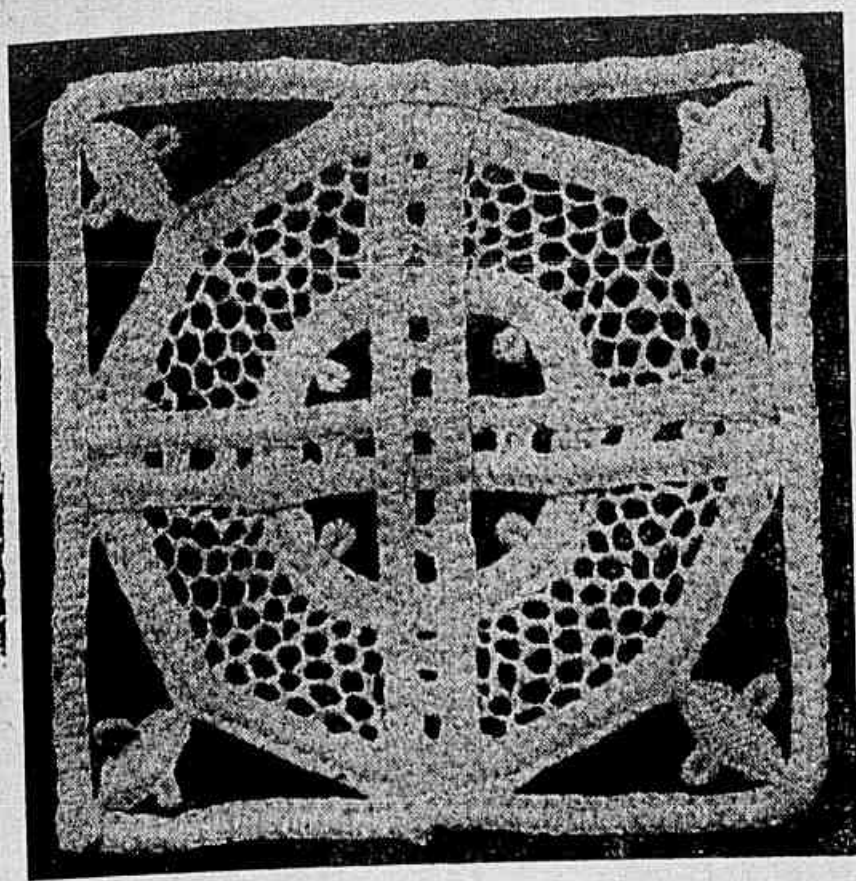
Sem que um litro de suco biliar flua diariamente do fígado para os intestinos, os alimentos fermentam nos intestinos, isso perturba todo o organismo. A língua se torna saburrosa, a pele amarelada... aparecem espinhas, os olhos ficam embaciados, sobrevém mau hálito, boca amargosa, gases, vertigens e dores de cabeça. Tornamo-nos feios e desagradáveis e todos fogem de nós.

Uma simples evacuação da parte inferior dos intestinos não tocará a causa porque não elimina toda a comida em decomposição.

Só o fluxo natural do suco biliar é que evita a fermentação nos intestinos. As Pílulas Carter são o remédio de efeito suave, que faz fluir livremente o suco biliar. Contém os melhores extratos vegetais. Se quiser recuperar seu encanto pessoal, comece a tomar as Pílulas Carter de acordo com a bula. Preço: 3\$000.



Ponto de [renda] de Luxeuil.



Pequeno quadrado.

gunda metade da malha e aumentando de maneira a obter 23 pontos altos. Voltar sobre estas malhas fazendo 1 carreira de 23 pontos baixos, tomando somente a metade da malha. Fazer uma ultima carreira tomando por trás a segunda metade da malha e fazendo 43 pontos altos. Pregar esta flôr à roseta do centro. As outras duas flôres são feitas da mesma maneira.

Desejando-se um quadrado de fundo com mais firmeza para a aplicação, pôde-se fazer este (fig. 3), de xadrez duplo.

Começar por uma trancinha do tamanho do quadrado que se deseja obter. Voltar sobre esta trancinha fazendo pontos baixos, começar o quadrado por 14 malhas de trancinha, e meter a agulha de *crochet* na 7.^a malha da 1.^a carreira. Voltar sobre estas malhas e trancinha de fazer 4 pontos altos nas 4 primeiras malhas. Em seguida 20 malhas de trancinha, meter a agulha de *crochet* na 22.^a malha da 1.^a carreira. Voltar sobre estas malhas, fazendo 4 pontos baixos, depois 10 malhas de trancinha, meter a agulha de *crochet* na 29.^a malha da primeira carreira. Voltar sobre estas malhas, fazer 4 pontos baixos, depois 20 malhas de trancinha, meter



Retângulo da renda Luxeuil.

a agulha de *crochet* na 45.^a malha da primeira carreira. Voltar sobre estas malhas, fazer 4 pontos baixos depois 10 malhas de trancinha e meter a agulha de *crochet* na 52.^a malha da 1.^a carreira. Voltar sobre estas malhas, fazer 4 pontos baixos. A primeira carreira fica terminada.

2.^a carreira: voltar sobre todo o comprimento fazendo 1 carreira de pontos baixos em cada malha.

3.^a carreira: fazer 34 malhas de trancinha e meter a agulha de *crochet* na 7.^a malha da carreira precedente. Voltar sobre estas malhas fazendo 14 pontos baixos, depois 30 malhas de trancinha, meter a agulha de *crochet* na 22.^a malha da carreira precedente. Voltar sobre estas malhas, fazer 14 pontos baixos de 20 malhas de trancinha, meter a agulha de *crochet* na 29.^a malha da carreira precedente, voltar sobre estas malhas, fazer 14 pontos baixos. Continuar 30 malhas de trancinha, meter a agulha de *crochet* na 45.^a malha da carreira precedente. Voltar sobre estas malhas, fazer 14 pontos baixos, depois meter a agulha de *crochet* na 52.^a malha da carreira precedente. Voltar sobre estas malhas, fazer 14 pontos baixos e voltar sobre toda a carreira por 1 carreira de pontos baixos.

Recomeçar como na primeira carreira e assim em seguida.

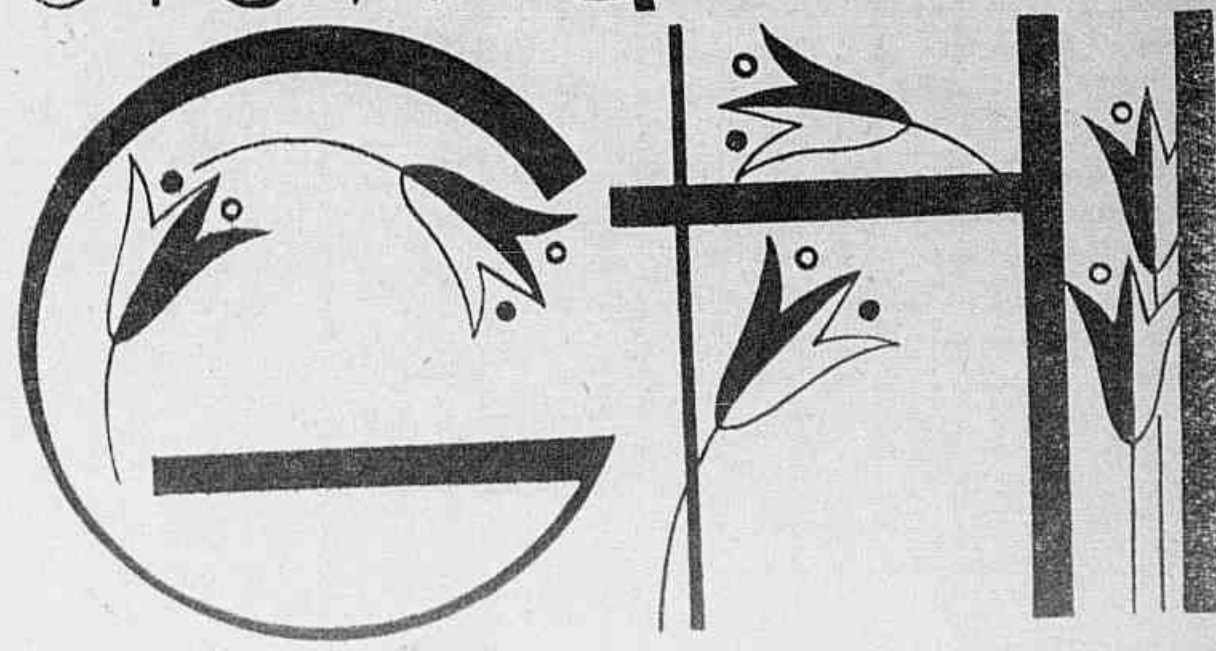
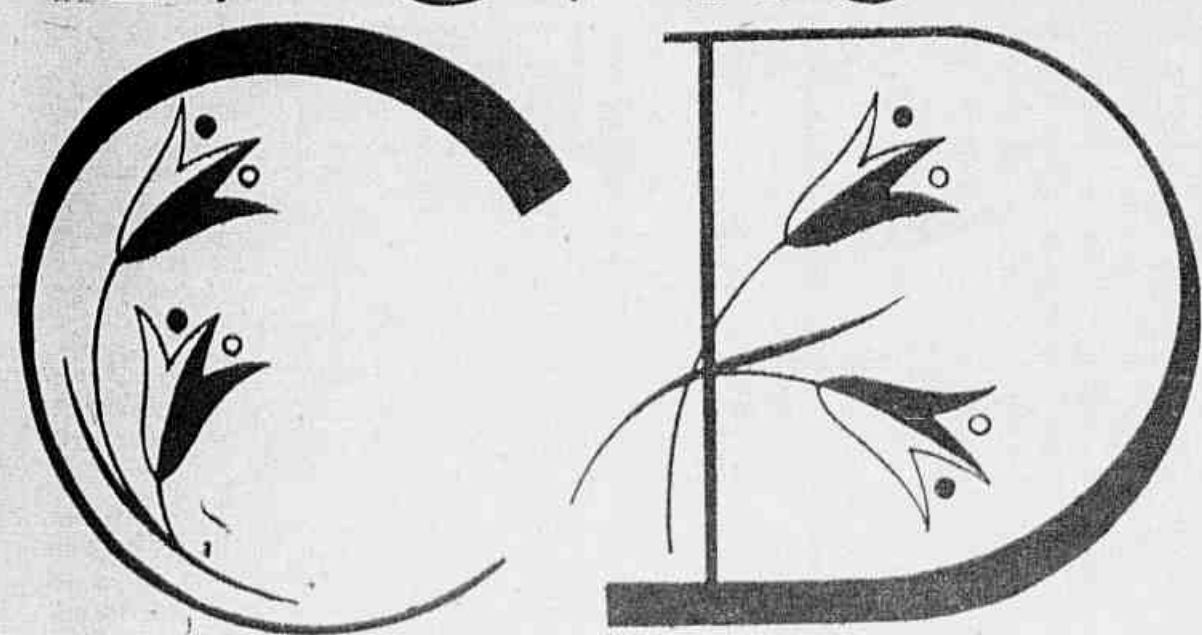
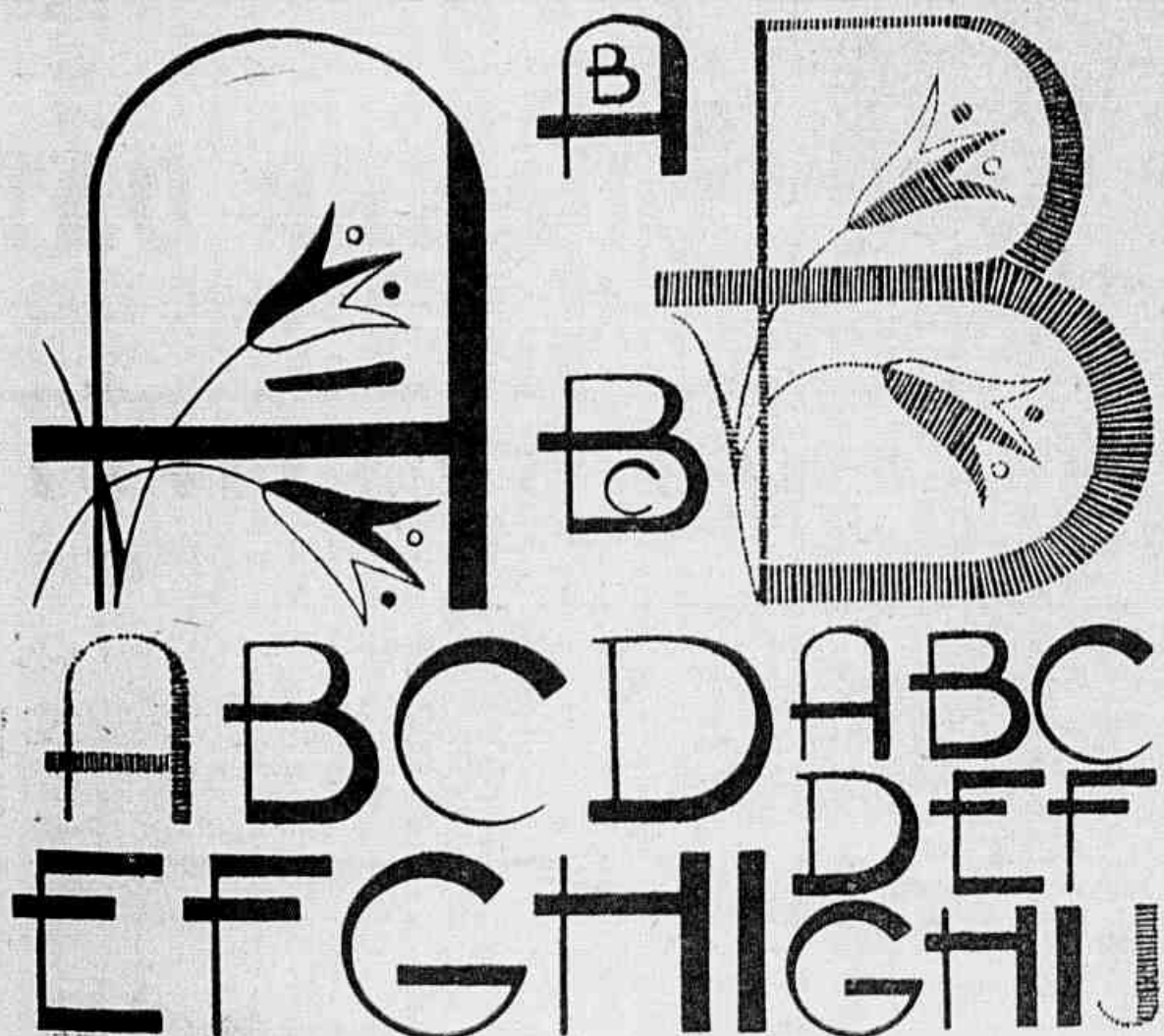


Michel
O BATON
DAS MULHERES BONITAS

Numeros atrasados desta revista em Sergipe

Procurar a LIVRARIA REGINA

Rua João Pessoa, 137 — Aracajú



Estas iniciais são bordadas com linha C. B. "Cartier-Bresson" de côr.

Essas letras bordadas em ponto chelo, em ponto de cadeia ou de haste guarnecem as roupas de cama.

Algumas receitas para menus sem carne de vaca

SOPA DE QUEIJO E OVOS

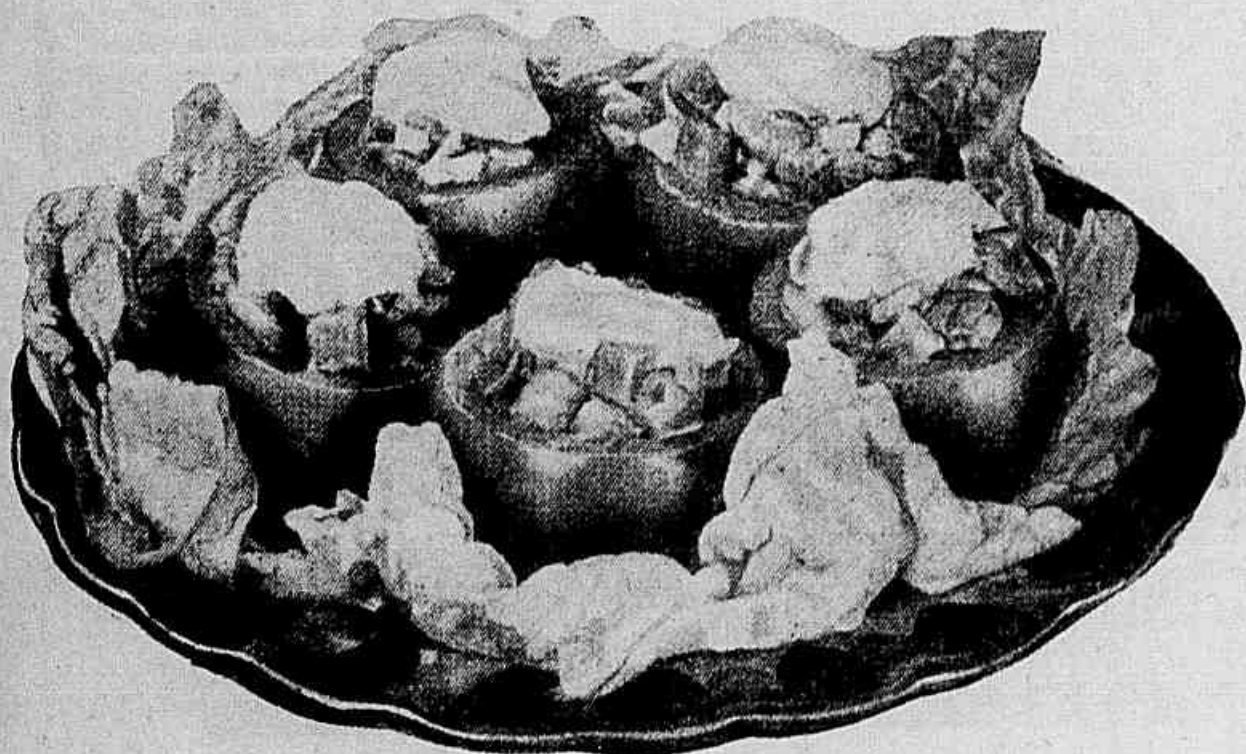
Fazer um caldo pondo para cozinhar na água, cenouras, xúxus, e folhas de alface; depois de cozidos os legumes passar por uma peneira fina.

Pôr numa panela meio copo d'água e meio copo de vinho branco; 60 grs. de manteiga, assim que ferver o liquido, despejar 80 grs. de farinha de trigo desfeita num pouco de água, mexer bem com uma colher de pau, para que o angú não pegue no fundo da panela. Retirar do fogo, continuar a mexer a massa juntando um a um três ovos e queijo gruyère ralado, 50 grs.

Pôr essa massa dentro de um coador de furos largos e fazer passa-la caído dentro do caldo de legumes (um litro e meio). Deixar cozinhar alguns minutos. Pôr ultimo juntar duas gemas desfeitas em meio copo de creme de leite (nata) ou de leite na falta do creme. Póde-se, querendo, juntar 50 grs. de queijo ralado á sopa.

SOPA DE PÃO, NABOS E BATATAS

Pôr para cozinhar numa panela, 125 grs. de pão picado, 5 nabos e 5 batatas picados, juntar 3 litros e três quartos de água fria, temperar com sal e um bouquet de cheiros. Depois de tudo bem cozido passar numa peneira. Não ficando bem espessa



Tomates recheados com legumes, frutas e camarões.

a sopa, engrossar com um pouco de fecula de batata. Pôr ultimo meio copo de leite e 60 grs. de manteiga. Póde-se juntar uma ou duas gemas de ovos.

SOPA DE TOMATES ENGROSSADA COM FARINHA DE ARROZ

Pôr numa panela 60 grs. de manteiga, juntar duas cebolas bem picadas, tomates partidos em 6 pedaços, temperar com sal, pimenta em grão, e cheiro, tampar a panela e deixar cozinhar em fogo brando uns 35 minutos. Passar depois na peneira e por esta massa juntamente com um litro e meio de água numa panela ao fogo, e engrossar com um pouco de fecula de arroz (4 colherinhas). Póde-se pôr nesta sopa a mesma massa empregada na sopa de queijo e ovos.

SOPA JULIANA

Pôr uma panela em fogo brando com 80 grs. de manteiga, com cenouras, nabos, alho *poireaux* e folhas de repolho picados, dois de cada, duas cebolas pequenas inteiras. Temperar com sal e uma pitada de açúcar, deixar cozinhar em fogo muito brando 40 minutos. Em seguida juntar um litro e meio de água, deixar ferver um quarto de hora. Engrossar com uma fecula qualquer, caso seja necessario, ou então juntar apenas 50 grs. de manteiga, ou meia chicara de creme de leite e duas gemas de ovos.

SOPA DE TOMATES COM ARROZ

Pôr numa panela 60 grs. de manteiga, duas cebolas bem picadas e 250 grs. de tomates partidos, temperar e deixar cozinhar em fogo brando 35 minutos, a panela tampada, depois passar por uma peneira. Pôr a massa na panela com 1 litro e meio de água e juntar 80 grs. de arroz. Deixar cozinhar o arroz e juntar na hora de servir 50 grs. de manteiga. Mandar ao mesmo tempo pão torrado frito na manteiga.

ARROZ COM OSTRAS

Pôr para cozinhar 3 a 4 dúzias de ostras. Picar muito bem uma cebola e pôr para refogar na manteiga, não deixar escurecer e juntar 250 grs. de arroz bem lavado e escorrida a água numa peneira, deixar refogar o arroz, mas mexendo sempre com uma colher de pau, molhar três vezes a sua altura com a água em que foram cozidas as ostras ou com caldo de peixe. Deixar ferver o liquido, depois pôr a panela em fogo brando e bem tampada. Quando já estiver cozido, juntar as ostras picadas e servir bem quente.

Da. NOEMIA FAGUNDES diz:

Adeus indigestão!

Conservo-me
disposta
alimentando-me
bem



Para maior valor - Insista
em **QUAKER OATS**

Nem toda aveia é Aveia Quaker. As palavras "Quaker Oats" são a marca registrada que identifica unicamente a original e legítima Aveia Quaker. Ao adquiri-la, veja se a lata traz estas duas palavras e a figura do Quaker. São a garantia da mais alta qualidade e do maior valor nutritivo. Insista na legítima Quaker Oats, em lata hermeticamente fechada.



PARA gozar de melhor saúde, habitue-se a tomar, diariamente, a deliciosa Quaker Oats. Quaker Oats contém, em abundância, Thiamin e outros elementos essenciais para fortalecer o organismo, tonificar os nervos, enriquecer o sangue e dar saúde e vigor. Quaker Oats facilita a digestão e fornece a necessária reserva alimentar para conservar sua boa disposição durante toda a manha. É benéfica para todos, do mais jovem ao mais velho. É econômica e de fácil preparação. Adquira, hoje, Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

CONSELHOS PRATICOS

COMO PERFUMAR OS ARMARIOS

Póde-se perfumar as roupas dos armarios de diversas maneiras: as flores, as folhagens e raízes perfumadas, depois de secas dão bons resultados, mais ha um pó que se póde preparar com muita facilidade e que perfuma duma maneira muito agradável.

Tomam-se cascas de laranja que se põe a secar ao ar livre, mas á sombra. Misturam-se, com três partes de casca de laranjas, duas partes de cravo da India e uma parte de benjoim.

Pulverisa-se tudo socando-se bem e passa-se por uma peneira.

Depois coloca-se esse pó dentro de pequenos *sachets* para serem metidos entre as roupas e dentro dos armarios.

Os cabides pódem ser acolchoados o pó metido dentro do algodão do acolchoamento. Perfumam-se assim os vestidos alem da vantagem dos mesmos ficarem melhor acomodados nos cabides acolchoados.

VINAGRE AROMATICO INGLÊS

Pôr dentro de 100 grs. de vinagre forte; canfora 10 grs.; essencia de canela 20 grs.; essencia de cravo da India 20 grs.; essencia de alfazema 20 grs.

Esta mistura dá bons resultados nas sincopes.

RESFRIADOS MAL TRATADOS

Muitas são as pessoas que não dão a minima importancia a um resfriado, é no entanto um grande erro não lhe dar a importancia que tem: quantas otites, que trouxeram a surdez, quantas sinusites de tão graves consequencias, foram devidas sómente a uma constipação mal tratada e quanta tuberculose teve este principio!

A uma constipação mal tratada segue-se imediatamente outra: daí para passar a uma bronquite é apenas um pequeno passo.

A pessoa contenta-se em dizer "sou muito sujeita a apanhar constipações", e não procura corrigir essa tendencia. O estar sujeita a resfriar-se é um sinal evidente ou de estar a pessoa fraca ou ter qualquer irritação na mucosa do nariz ou da garganta; vegetações, polipos ou amígdalas infeccionadas.

É indispensavel ir a um especialista, e a seu medico para que lhe sejam receitados fortificantes e um regime alimentar adequado.

Não tratem pois com pouco caso os resfriados, doença que parece tão simples. Evitarão assim não só todos os males que podem trazer para o futuro, constipações mal tratadas e repetidas, como o aborrecimento de ter o nariz vermelho, os olhos lacrimejantes e o paladar estragado.

Penteados modernos ideados por Lura de Gez, de Nova York



SEGREDOS CONFIADOS A POUCOS



A maior energia do mundo: a FÔRÇA MENTAL

SERÁ possível que grandes homens como Salomão, Sócrates, Alexandre o Grande, tenham sido enganados pela feitiçaria dos oráculos? Ou existe mesmo uma ciência natural, ao alcance de quantos queiram estudá-la, conhecer as leis e os mistérios da vida? É evidente que sim. A força mental pode influenciar coisas e fatos, porque é a maior fonte de energia do homem que souber usá-la com clarevidência, maravilhando os outros com os seus dons aparentemente inexplicáveis. Se deseja firmemente livrar-se das trevas do não-saber e das falsidades do charlatanismo, desenvolva seus poderes naturais, estudando os segredos que poucos têm a coragem de descobrir.

ESTE LIVRO LHE DIZ COMO

Desperte as forças latentes do espírito. Os Rosicrucianos, uma antiquíssima fraternidade de estudiosos, o ajudarão. Os Rosicrucianos não vendem seus ensinamentos porque não visam lucros. Não são uma firma comercial, nem uma seita religiosa ou maçônica. Escreva-lhes pedindo o livrinho grátis "The Mastery of Life (O Domínio da Vida)". De este passo hoje mesmo porque o livrinho não é enviado a todos, mas apenas aos que mandam cartas; diga-se quer em inglês ou espanhol. Em suas páginas, um mundo novo de oportunidades. Dirija-se a: R. E. L.

The ROSICRUCIANS

(AMORC) SAN JOSÉ, CALIFÓRNIA, E.U.A.

Fez miss de Cez conferencias em diversas localidades dos Estados Unidos com demonstrações para ensinar às jovens a cuidarem dos cabelos e a pentearem-se segundo a qualidade do cabelo e o feitio do rosto. Mas o que aconselha a todas é escovar bem os cabelos, das raízes às pontas e escova-los ainda depois de penteados.

MÁSCARA DE LAMA RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE



Sente dores nos RINS e NAS COSTAS?

● Reumatismos, dores nas juntas, pés inchados, olhos empapuçados são alguns dos sintomas de uricemia, excesso de ácido úrico não eliminado que envenena o sangue. Para esta doença, tome Pílulas de Foster que lhe devolvem a saúde.

Pílulas de FOSTER

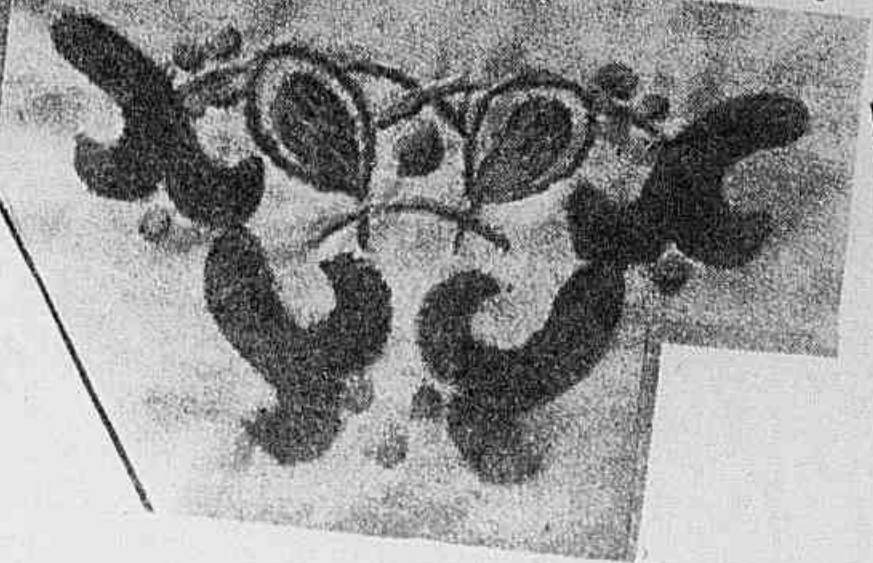
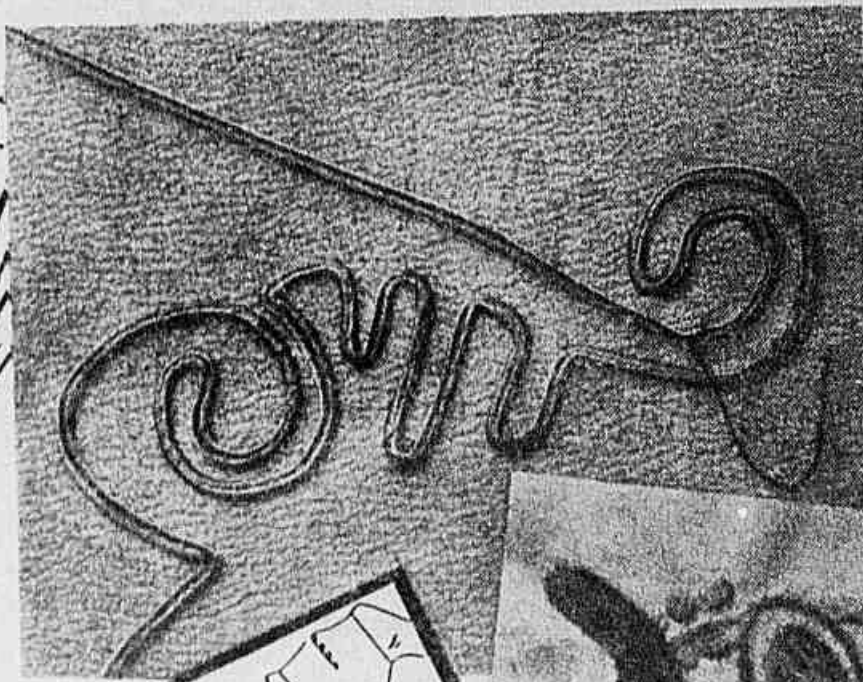
Para os Rins e a Bexiga.

Preferidas porque são:

- Diuréticas e balsâmicas.
- Desintetizam e ativam os rins.
- Fáceis de tomar.
- Indicadas para uricemias, uretrites e cistites.



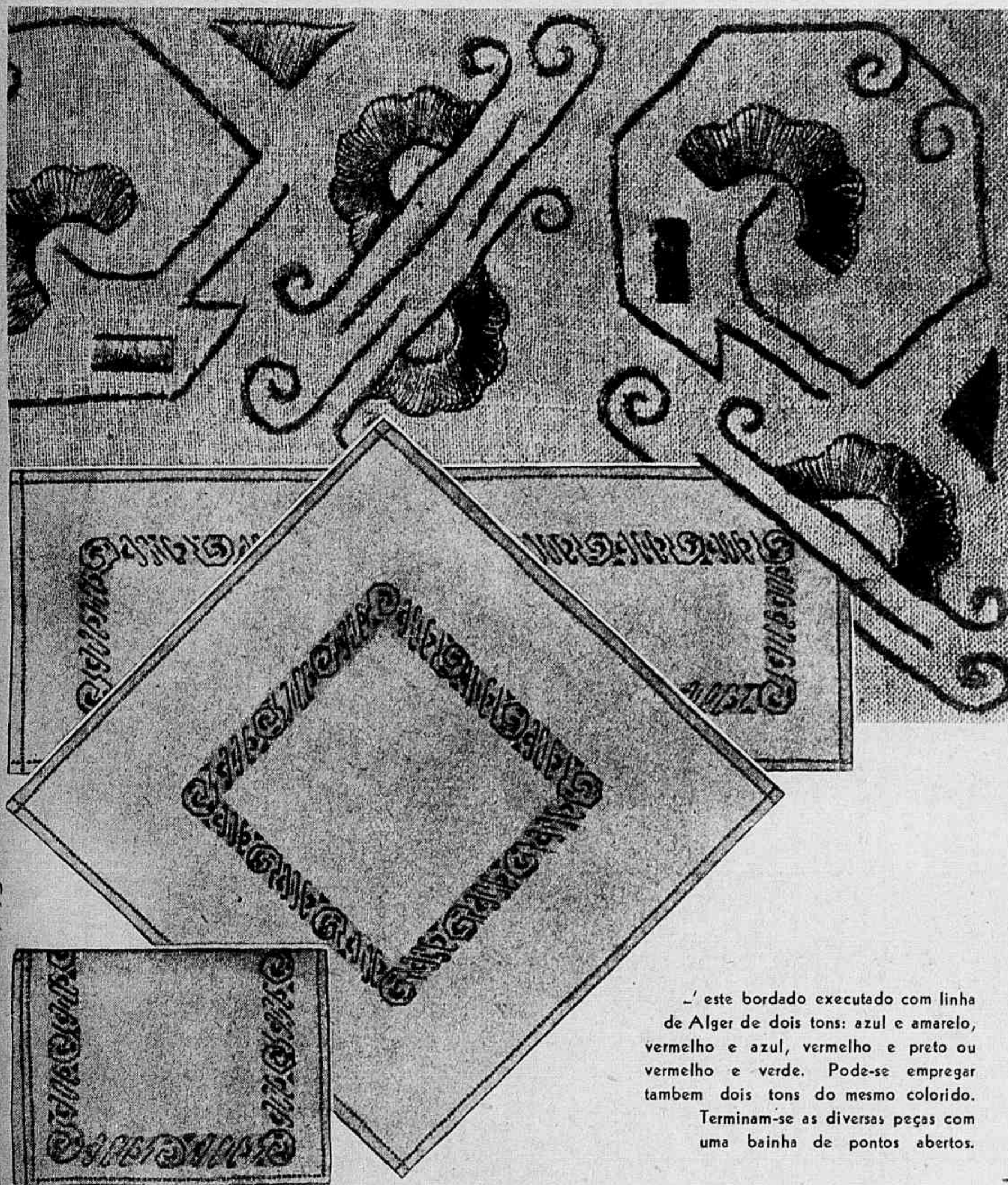
O bordado como guarnição de vestido e blusa



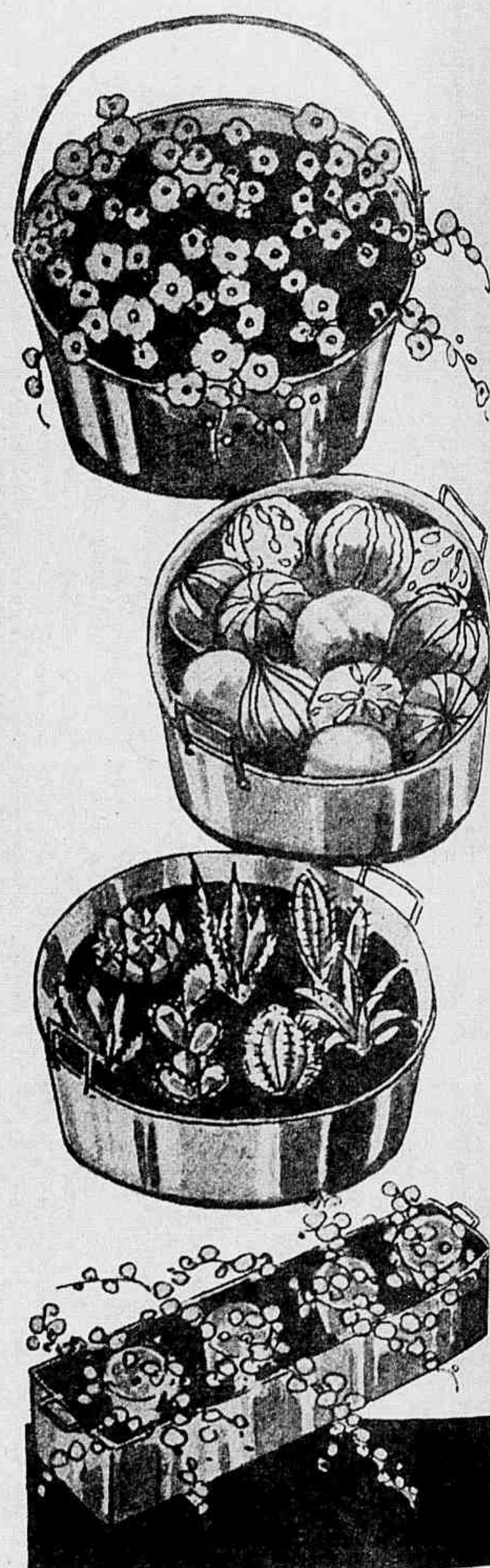
O bordado está na moda seja ele o singelo ponto de cruz, o bordado inglês, o executado com soutache, com fio metálico, contas ou lentejoulas. Num vestido de crepe beije claro a pala bordada com soutache de seda de um tom mais escuro. Na frente e nas mangas de uma blusa de crepe vermelho, o bordado feito com linha brilhante preta e vermelho mais escuro. Este mesmo desenho pode ser aproveitado para uma blusa elegante de crepe cinza claro, o bordado feito com fio de prata.

Ornamentação do Lar

Toalhas e centros de mesa guarnecidos com bordado



...este bordado executado com linha de Alger de dois tons: azul e amarelo, vermelho e azul, vermelho e preto ou vermelho e verde. Pode-se empregar também dois tons do mesmo colorido. Terminam-se as diversas peças com uma bainha de pontos abertos.



Estas panelas de cobre bem areadas brilhantes como ouro são de aspecto magnífico, tanto num interior moderno como num antigo ou com móveis rústicos. Póde-se encher a panela com terra e pôr em cima uma camada de musgo e espetar flores naturais ou de conchas nos tons nacarados. As flôres podem ser substituídas por cabacinhas pintadas em tons vivos; ou então plantam-se nela cactos de feitios diversos. Também quando tem o feitio alongado pode prestar-se para uma jardineira, colocando-se dentro potes com flores ou plantando-se folhagem também no interior.

VINOVITA

TONIFICA O SANGUE **ESTIMULA O CEREBRO** **DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS**

Numeros atrasados desta
Revista no Acre

Pedir a

DIOGENES OLIVEIRA

RIO BRANCO



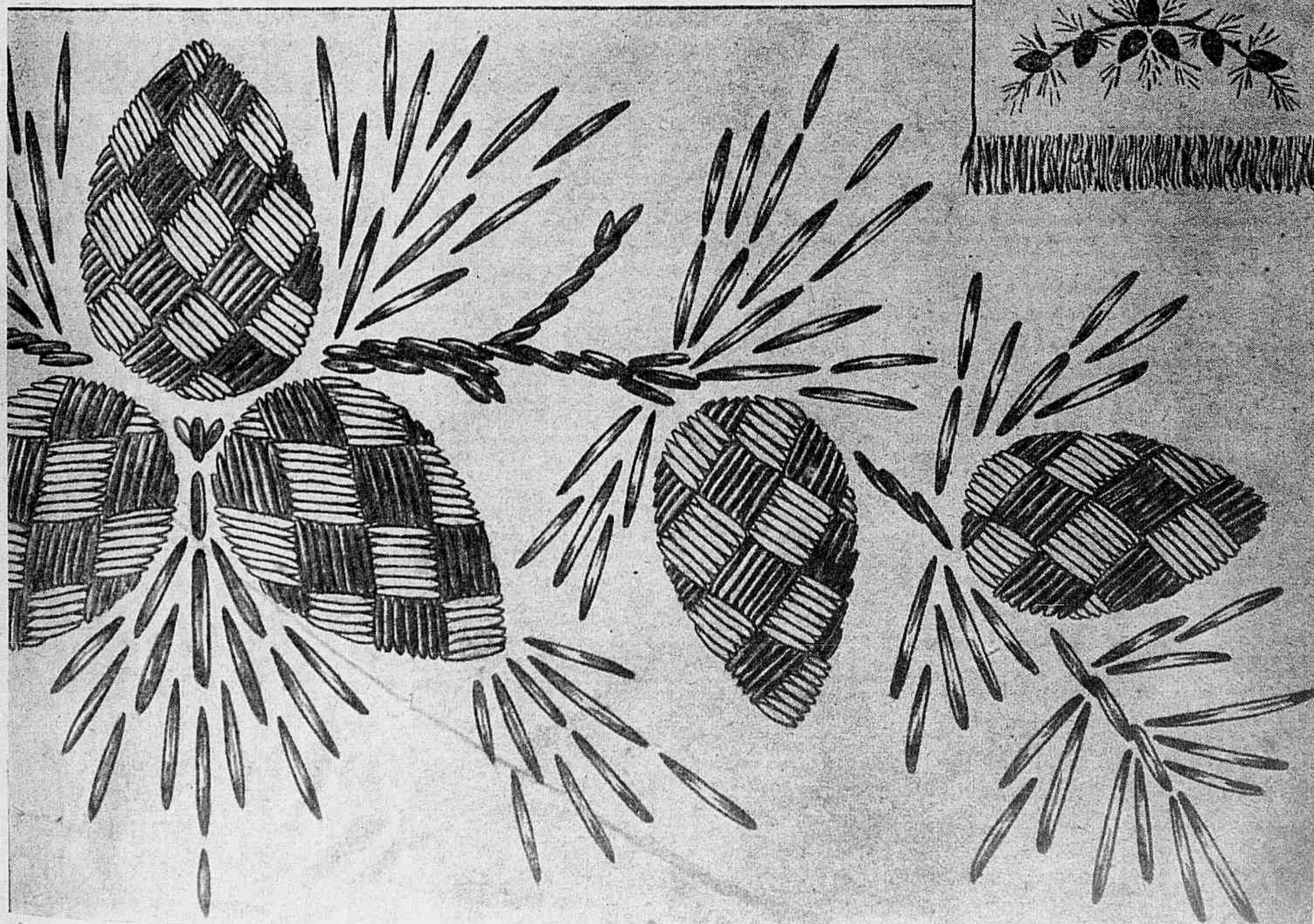
Bordado executado com rafia

MOBILIARIOS FINOS EXPOSTOS EM GRANDES MOSTRUARIOS

Convidam-se as distintas famílias a visitarem os mostruários junto à fábrica de Moveis "Lamas", nos quais estão expostas as mais recentes criações de mobiliários nos diversos estilos, dotados de todos os requisitos para satisfazer quem pretende adquirir moveis de qualidade e de bom desenho.

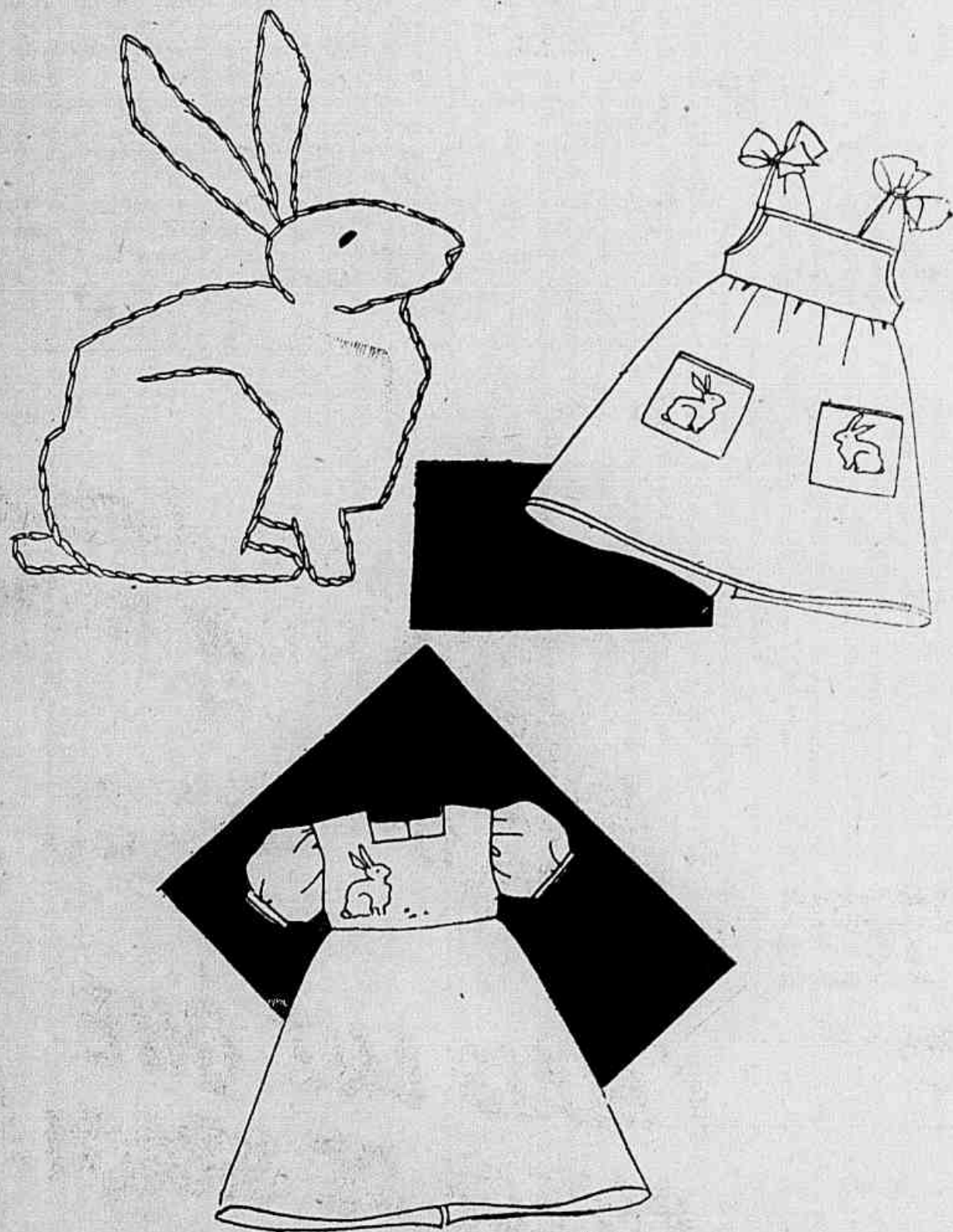
As exposições que a fábrica "Lamas" mantém no Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda, sendo os moveis "Lamas" vendidos exclusivamente nos mostruários anexos à fábrica com facilidade, em certos casos, de pagamento.

Esta decoração é de muito efeito nos objetos rusticos taes como almofadas, bolsas, centros de mesa, tapetes para jardim ou terraço, executados sobre aniagem. Póde-se aproveitar este modelo para toalha de mesa em linho vermelho, azul ou amarelo, o bordado executado com linha verde e bege e marron e brilhante para as pinhas.



Modelos para Crianças

Coelhinho bordado para avental de creança

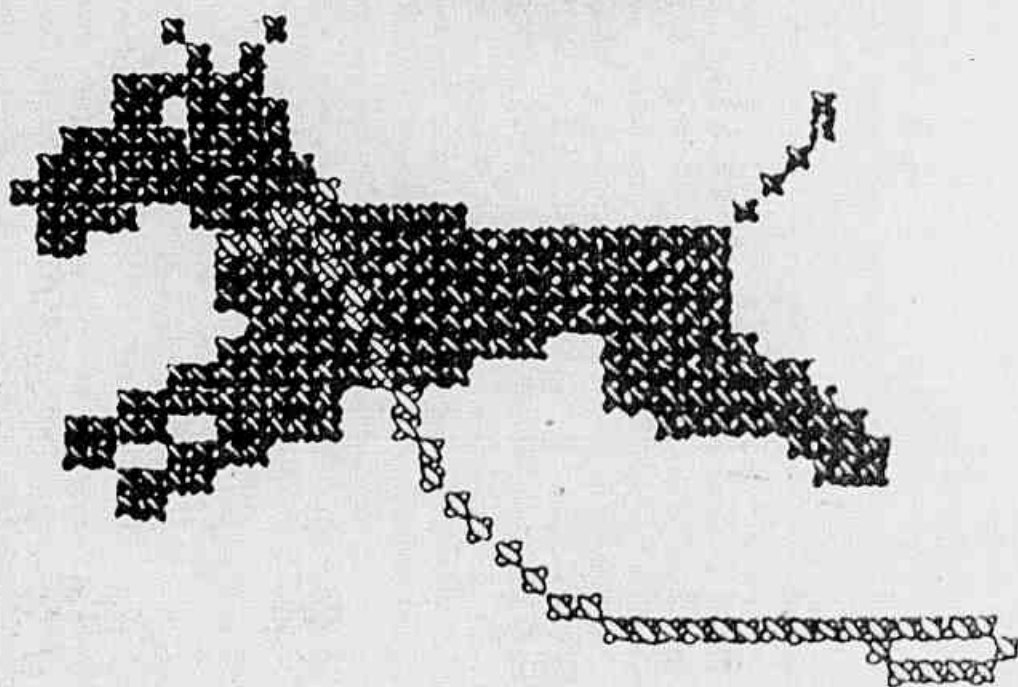


1 — Avental de linho vermelho, com laços nos ombros, nos bolsos os coelhinhos são bordados com linha branca no ponto de haste. 2 — Avental de linho azul, o coelhinho bordado na pala com linha bege escuro.

1 — Roupinha de veludo, crepe ou linho. Em veludo preto, a gola de faille branca é guarnecida com fita vermelha, na guarnição dos punhos a mesma fita vermelha sobre a faille branca. 2 — Manteau de lã ou veludo vermelho, com pespontos brancos. 3 — Vestido de crepe rosa, enfeitado com babadinhos. 4 — Vestido de crepe azul, guarnecido com nervuras e babadinhos, gola de crepe branco.



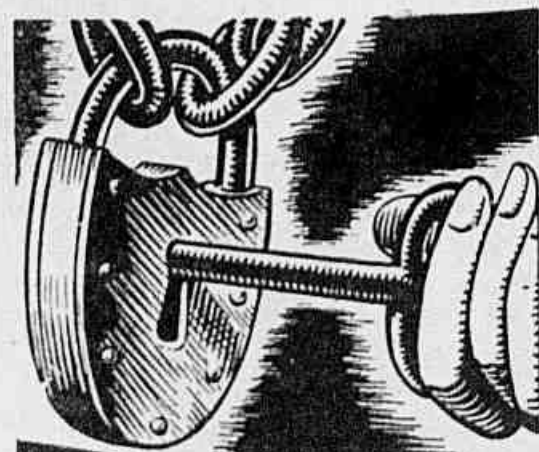
Roupinha guarnecida com bordado



Numa roupinha de lã, linho ou fustão branco, é bordado o cão no ponto de cruz, com linha marron, e a correia com linha vermelha.

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE



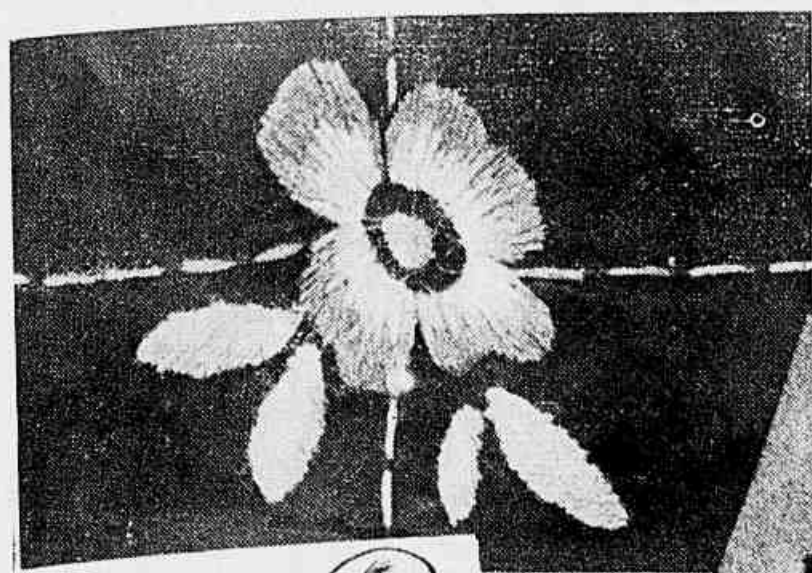
LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



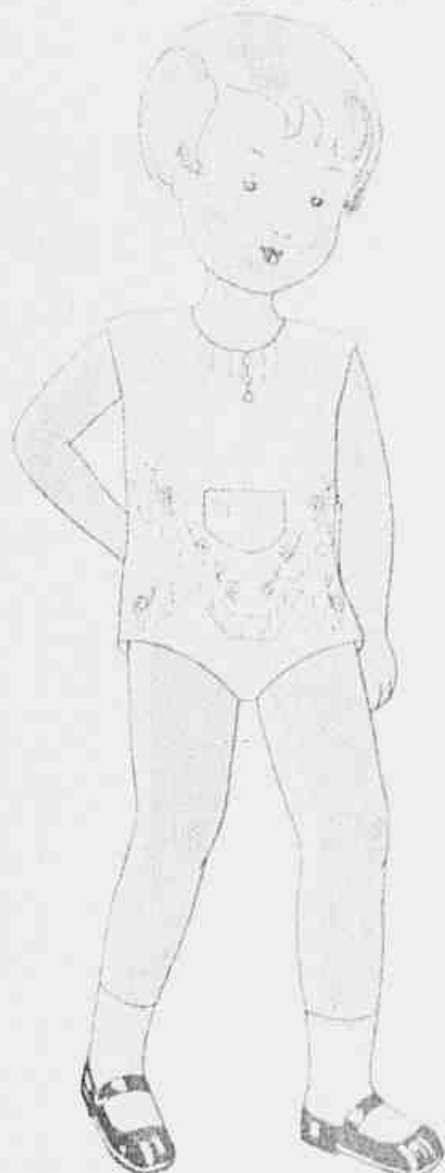
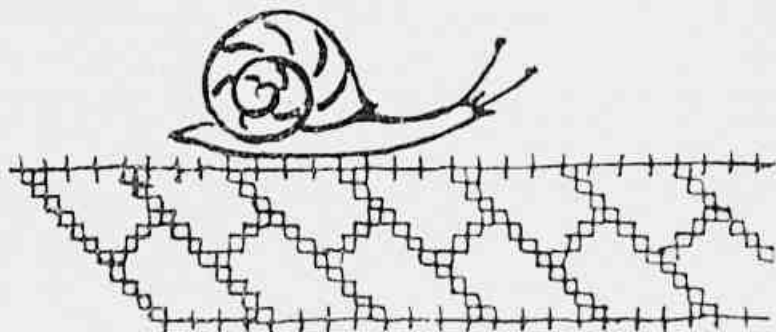
T. TARQUINO

BLUSA E VESTIDINHO BORDADOS



Senhoras
Capsulas
MENAGOL
PARA A FALTA DA MENSTRUACAO

1 — Blusa de crepe ou lã leve bordada com lã fina de dois ou três coloridos, os pontos de alinhavos formando os quadros num quarto colorido. Numa blusa de linho o bordado pôde ser executado em linha. 2 — Vestidinho de flanela ou de linho bordado no ponto de cruz em três coloridos.



Esta roupinha, executada em linho ou fustão branco, abotoa-se nas costas e entre as pernas. O ponto de cruz é feito com linha vermelha e os caracões em ponto de haste, com linha marron.

CONSELHOS PRATICOS

PARA TIRAR AS MANCHAS DE MOFO — Essas manchas desaparecem facilmente esfregando-se com uma dissolução composta de 6 colheres de amoníaco para um litro de água; quando as manchas desaparecerem enxaguar muito bem em água pura.

PARA TIRAR A MANCHA DO SAPECADO DO FERRO DE ENGOMAR. — Quando o ferro muito quente sapecou o tecido, pôr sobre a mancha vinagre e um pouco de sabão, depois enxaguar. Quando o sapecado não manchou muito, basta pôr o tecido ao sol, que desaparece completamente a mancha.

MANCHAS DE TRAÍSPIRAÇÃO — (sobre as roupas brancas) — Lavar as partes manchadas com água contendo 1/10º de amoníaco.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante".

Experimente-o.



**CADA LÂMPADA
EDISON-MAZDA**

**INSTALADA
EM SUA CASA**



Uma lâmpada de 100 watts junto à sua poltrona tornará repousante a leitura.



Junto à penteadeira duas lâmpadas de 40 watts permitirão uma maquiagem mais perfeita.



A cozinha também requer boa iluminação: no mínimo uma lâmpada de 100 watts.



A vista de seus filhos exige proteção: uma lâmpada de 150 watts no teto, uma de 100 para a mesa.

**E' MAIS LUZ QUE
RECEBE DE GRAÇA!**

• O brilho uniforme e duradouro da lâmpada Edison Mazda já é razão bastante para a sua preferência. Mas há agora uma nova razão: com o novo filamento *DUOSPIRAL*, a lâmpada Edison Mazda, com o mesmo consumo de corrente, dá até 20% mais de luz! Pense nisso e utilize, em seu próprio proveito, todas essas vantagens.



ATELIER
Mirza

CREME DENTAL



ecial